

tema de capa

Giancarlo Zizola: A Igreja e a revolução cultural de 1968 **pg. 3**

José Maria Vigil: “A crise europeia é um novo lugar teológico” **pg. 7**

Ernanne Pinheiro: O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil **pg. 11**

Giovanni Turbanti: As idéias mais polêmicas na Igreja conciliar **pg. 18**

Peter Hünermann: A GS valoriza a dignidade da pessoa e da sociedade **pg. 22**

Oscar Beozzo: Presença do Terceiro Mundo no Concílio **pg. 25**

Aloísio Lorscheider: “A Igreja deve ser um fermento no coração da Humanidade” **pg. 30**

Depoimentos

Dom Dadeus Grings: “O que não se renova, esclerosa” **pg. 36**

Dom Ivo Lorscheiter: A GS busca sua implementação na Conferência de Medellín **pg. 37**

Benno João Lermen: A efervescência da Igreja x o fechamento da ditadura no Brasil

pg. 39

Benno Brod: A vibração pela Igreja que optava pelos pobres **pg. 40**

Boaventura Kloppenburg: Otimismo humanista da *Gaudium et Spes* **pg. 42**

Agostinho Pretto: *A supressão da ação católica, logo após o Vaticano II* **pg. 44**

Brasil em foco

Ivo Poletto: “A opção do governo foi acomodada ou até medrosa, para não dizer covarde” **pg. 45**

Rodrigo González: “A solução não está apenas na mudança cosmética do afastamento de alguns poucos nomes” **pg. 48**

destaques da semana

Entrevistas da Semana:

Serge Latouche: Descolonizar o imaginário econômico do capitalismo – **pg. 53**

Paul Virilio: “Um grande progresso e um enorme perigo” **pg. 55**

Memória

Apolônio de Carvalho **pg. 58**

Deu nos jornais **pg. 61**

Frases **pg. 64**

IHU em revista

Eventos **pg. 67**

IHU Repórter **pg. 79**

Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea?

Gaudium et Spes: 40 anos

Editorial



O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, foi um acontecimento que ultrapassou as fronteiras eclesiais. O evento, concluído há 40 anos, foi um dos maiores acontecimentos do século XX. Esta é uma opinião compartilhada por muitos estudiosos do século passado.

Um dos mais importantes documentos emanados do Concílio foi a constituição pastoral *Gaudium et Spes* que trata da presença da Igreja no mundo contemporâneo.

A presente edição faz a memória deste evento histórico ouvindo testemunhas que viveram aquele momento. São jornalistas, historiadores, agentes de pastoral, Bispos que ajudam a compreender a densidade histórica do que o mundo e o Brasil viveram nos anos 1960.

A leitura desta edição levanta questões polêmicas.

A atual crise religiosa na Europa é o novo lugar teológico, afirma o teólogo espanhol José Maria Vigil. Para ele, a crise não é só da Igreja, do cristianismo, mas de todas as religiões, ou seja, é uma crise da religião. Já para a Prof.^ª Dr.^ª Léa Freitas Perez, antropóloga, “a religião passou a se tornar um elemento que compõe a experiência da juventude. A religião faz parte de elementos da experiência da juventude contemporânea”.

Nesta semana, quinta-feira, dia 29, continuaremos a nos debruçar sobre o Brasil, analisando e debatendo *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro. Para a Prof.^ª Léa Freitas Perez, trata-se de “uma alegoria humanista tropical sobre o Brasil”. O debate integra o **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. E procurando compreender mais e melhor o Brasil, será exibido e debatido o documentário *Fé* de Ricardo Dias, na quarta-feira, dia 28.

E assim, celebrando os 40 anos da *Gaudium et Spes* e continuando nossa reflexão sobre o País, comemoramos o quarto aniversário da criação do IHU. Agradecemos a todos e todas que contribuíram e continuam ajudando o Instituto a realizar a sua missão. A todas e todos uma boa semana e uma ótima leitura!

A Igreja e a revolução cultural de 1968

Entrevista com Giancarlo Zizola

Giancarlo Zizola, jornalista e ensaísta italiano, considerado um dos maiores vaticanistas de seu país, em resposta à entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*, afirma que os maiores desafios para a Igreja no mundo moderno é a globalização, a abertura às culturas menos escutadas. “A Igreja deve sair urgentemente da sua concha ocidental, como nos inícios saiu da concha mosaica, graças à genial estratégia apostólica de São Paulo, para estender-se no Mediterrâneo”. Sobre o Concílio Vaticano II, que acompanhou de perto nos primeiros tempos de carreira jornalística, Zizola afirma que seu limite “foi a tentativa de relançar a missão temporal da Igreja, de modo mais moderno, enquanto o quadro teológico do Concílio estava baseado na natureza espiritual da Igreja e em sua presença na história como peregrina, sem poder competitivo com os poderes mundanos”. Zizola é autor de *Le Successeur*. Desclée de B. Paris, 1996 e *L’altro Wojtyla. Riforma, restaurazione e sfide del millennio*. Sperling Paperback, 2005, publicado originalmente em 2002. Ele acaba de publicar o livro *Benoit XVI ou le mystère Ratzinger* (Bento XVI ou o mistério Ratzinger), Desclée de Brouver. Paris: Seuil, 2005.

É correspondente das seguintes publicações: *Le Monde Diplomatique*, *Social Compass* e *Tablet*. Leciona Ética da Comunicação e da Informação na Universidade de Pádua. Vários comentários do jornalista sobre o pontificado de João Paulo II foram publicados na edição 135 do *IHU On-Line*, de 4 de abril de 2005 e, quando da morte de João Paulo II e da eleição de Bento XVI, nas 'notícias do dia' da página www.unisinios.br/ihu

IHU On-Line - Como o senhor se transformou num "vaticanista"? Por que foi chamado por João XXIII e qual foi sua percepção da experiência do Concílio em Roma?

Giancarlo Zizola- Em Roma, reinavam ignorância e indiferença. O anúncio do Concílio tinha suscitado a imediata preocupação da Cúria romana. Foi precisamente para enfrentar esta posição de desinteresse, prenúncio da falência do projeto, que o Papa João XXIII¹ precisava organizar um consenso no mundo católico. Ele me chamou a Roma do Vêneto porque pensava que os jornais católicos italianos (que então eram nove) necessitassem de um jovem jornalista que se ocupasse especialmente de converter os espíritos à idéia do Concílio.

IHU On-Line - Como descreveria o movimento gerado na Igreja durante e depois do Concílio Vaticano II?

Giancarlo Zizola - A história dos concílios ensina que a recepção durou muito tempo. As transformações no campo da cultura não ocorrem com um golpe de decreto-lei. É preciso considerar a complexidade do mundo católico, do ponto de vista das suas múltiplas tradições espirituais e sociais. No que se refere ao Vaticano II, o problema da realização foi complicado por causa do evento de 1968, isto é, por causa da revolução cultural generalizada, cósmica, rápida e profunda, que envelheceu a

plataforma das inovações do Concílio, tocando o subsolo cultural e filosófico da fé. Em segundo lugar, o Concílio foi o ponto de partida para uma concatenação de retomadas identitárias do cristianismo em suas várias regiões, da África à Ásia e à América Latina. Isso deu vida a ulteriores disseminações. A teologia de que se nutria o Concílio era de marca amplamente europeia. A liberdade religiosa era filha do catolicismo americano (o teólogo Courtney Murray², sobretudo). Após 1968, surgiu e se difundiu a teologia da libertação na América Latina. O estatuto da liberdade cristã não havia sido pensada no Concílio, como começou a ser pensada depois a teologia da libertação. Por conseguinte, parece-me que o problema principal do Concílio é que os padres, sob a inspiração divina, lançaram a Igreja ao encontro de seu tempo histórico, mas este movimento foi recíproco e bem cedo também o tempo histórico começou a falar à Igreja, a qual teve então medo do movimento que ela mesma havia iniciado.

IHU On-Line - Você acompanhou os papados desde João XXIII. Como considera a característica de cada sucessor de Pedro e o ambiente eclesial que eles criaram?

Giancarlo Zizola -A Igreja pôde contar com uma série de papas gigantescos.

¹ O patriarca de Veneza, Roncalli, ex-núncio apostólico em Paris e ex-delegado apostólico em Istambul, foi eleito Papa em 1958, sucedendo a Pio XII. (Nota da *IHU On-Line*)

² Teólogo norte-americano, jesuíta, que teve um papel fundamental na elaboração do importante documento do Vaticano II que é Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa. (Nota da *IHU On-Line*)

Direi que o Papa João foi um profeta, tradicional, mas não tradicionalista. Queria reconduzir a Igreja à sua missão espiritual, voltada a todos os povos, sem preclusões ideológicas. Paulo VI³ era um intelectual aberto, queria as reformas, e o seu mérito foi de ter posto o Concílio dentro da instituição. Entretanto, teve que prestar contas aos resistentes conservadores, que denunciavam o risco do cisma (e o criaram com o movimento do tradicionalismo de Lefebvre⁴). Quanto a Wojtyła, com ele a Igreja voltou atrás, para relançar o esquema da cristandade forte contra a modernidade, abandonando o esquema conciliar da saída da cristandade para um cristianismo minoritário de testemunho. Agradava-lhe a ilusão midiática das massas. Em alguns campos, porém, foi mais longe que o Concílio, principalmente na obrigação cristã pela paz e pelo diálogo com as religiões mundiais.

IHU On-Line - Quem ganhou e quem perdeu no Vaticano II sob a ótica teológica? E, em sua visão, houve alguma nova derrota que não se manifestou durante o Concílio?

Giancarlo Zizola -Todo Concílio tem seus limites, mas a questão do Vaticano II é se a Igreja Católica reconhece o significado permanente deste paradigma de reforma. Eu penso que, em alguns aspectos, o limite do Concílio foi a

³ Cardeal-arcebispo de Milão, Montini, foi eleito Papa Paulo VI, em 1963, sucedendo a João XXIII. Continuou a realização do Concílio Vaticano II. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Marcel Lefebvre, francês, foi arcebispo na África e liderou, durante o Concílio Vaticano II, juntamente com os bispos brasileiros Geraldo Sigaud e Antonio de Castro Mayer, o Coetus Internationalis Patrum que reunia o grupo mais conservador da Igreja. Marcel Lefebvre nunca aceitou o Concílio Vaticano e fundou a Fraternidade Pio X que rompeu com a Igreja Católica. Tanto João Paulo II quanto Bento XVI negociaram com a Fraternidade o fim do cisma. (Nota da *IHU On-Line*)

tentativa de relançar a missão temporal da Igreja, de modo mais moderno, enquanto o quadro teológico do Concílio estava baseado na natureza espiritual da Igreja e em sua presença na história como peregrina, sem poder competitivo com os poderes mundanos.

IHU On-Line - Quais os aspectos do Concílio que João Paulo II mais afirmou e quais os que considerou irrelevantes ou quais os que negou?

Giancarlo Zizola -Pôs de lado a colegialidade episcopal, a teologia das igrejas locais, e tornou a valorizar o papel político da Igreja, inflou o papel centralizador e totalitário do papado romano, desprezou o papel dos leigos e das mulheres na Igreja, substituiu a teologia da misericórdia com o retorno da intransigência no campo moral, abriu as portas à invasão anárquica dos movimentos, com graves repercussões sobre o equilíbrio interno da Igreja Católica, fez prevalecer os interesses políticos da Santa Sé sobre preocupações ecumênicas nos confrontos com o mundo ortodoxo. Todavia, como eu disse, ele também pôs em relevo o pluralismo dos meios de salvação, deu um golpe pesado no infalibilismo, iniciando o processo dos *mea culpa* pelos erros históricos da Igreja, e ensinou ao povo católico que é preciso dizer não ao Deus da guerra e é necessário não só pregar a paz, mas também mobilizar-se contra qualquer guerra.

IHU On-Line - O teólogo Ratzinger, que participou do Concílio, o cardeal Ratzinger que foi Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Bento XVI seriam a mesma pessoa ou podemos falar de diversas etapas da mesma pessoa? Como caracteriza cada um?

Giancarlo Zizola -Segui atentamente a carreira de Ratzinger e minha conclusão,

a favor da qual argumentei, no livro **Benoît XVI ou le mystère Ratzinger** (Bento XVI ou o mistério Ratzinger), Desclée de Brouver. Paris: Seuil.2005, o seguinte: o campeão da batalha contra o relativismo deu prova de muitas mudanças durante a sua vida e de uma notável capacidade de adaptação. Ele tem o mérito de haver denunciado o erro estratégico de direcionar novamente para a “sociedade cristã” ou para um cristianismo de massa, e por isso sou de opinião que ele, como Papa, impulsionará o pedal das reformas e do retorno a um cristianismo de interioridade, não mais de ostentação temporária e de sucessos exteriores.

IHU On-Line - O senhor conhece em profundidade o Vaticano. É possível mudar esta estrutura de poder? Não tem sido possível pôr em prática as sinalizações do Concílio em tal direção? Seria necessário um novo Concílio?

Giancarlo Zizola - Estou convencido, há tempo, de que uma grande assembleia conciliar seja de todo necessária para permitir às igrejas cristãs de retomar em profundidade a missão do anúncio do Evangelho num mundo em radical transformação cultural e política.

IHU On-Line - Qual foi a grande novidade da Constituição *Gaudium et Spes* (GS)? Até onde a Igreja da Europa conseguiu fazer-se presente na sociedade?

Giancarlo Zizola - A principal novidade, a meu ver, é que em tal constituição a Igreja foi convidada a levar a sério a história como lugar teológico, com o qual é necessário interagir, porque é rico de valores e de ensinamentos, repleto de apelos. Terminava, assim, a idéia de que a Igreja fosse uma *societas perfecta*, em si mesma auto-suficiente e acima da história.

IHU On-Line - As mudanças no cenário mundial, descritas na GS, 40 anos atrás, se modificaram. Quais são os maiores desafios da Igreja para ela estar presente no mundo atual?

Giancarlo Zizola - A globalização. A Igreja deve sair urgentemente da sua concha ocidental, como nos inícios saiu da concha mosaica, graças à genial estratégia apostólica de São Paulo, para estender-se no Mediterrâneo. Sair do Ocidente como limite geopolítico e cultural não significa assumir o desafio da inculturação plural do Evangelho, na África, Índia, China, Japão, etc. E aprofundar o diálogo com as grandes religiões mundiais e as grandes tradições espirituais (Islã, budismo, hinduísmo, confucionismo, etc.). O antigo quadro filosófico eurocêntrico da fé deve abrir-se ao enxerto em outras fontes culturais e espirituais, sem lesar a identidade essencial do Cristo morto por todos, no tempo e no espaço, e por todos ressuscitado, sem privilégios ou nenhuma exclusão. Isso é tanto mais necessário hoje para contribuir com a cura do Ocidente do ódio teológico e do perverso, patológico choque de civilizações que o está precipitando no próprio *cupio dissolvi* [desejo dissolver-me]. E ainda mais necessário, se pensamos no profundo movimento em curso que direciona a imensa humanidade do Oriente para o Ocidente, um movimento ao qual talvez somente a Igreja pode oferecer uma resposta válida e com perspectiva, uma resposta que não pode ser confiada apenas aos interesses econômicos e às armas.

IHU On-Line - Por onde passa o diálogo entre sociedade e Igreja atuais? Em que aspectos cada um deveria deixar-se interpelar pelo outro, para um diálogo eficaz?

Giancarlo Zizola - Creio que o mundo contemporâneo tenha absoluta

necessidade de esperança. Há demasiado cansaço, demasiada resignação diante das degradações do homem e do ambiente como puro objeto de mercado. A Igreja deve apresentar-se a este mundo enfermo como Pedro diante do paralítico e dizer-lhe: “Eu não tenho nem ouro, nem prata, mas o que tenho te dou: levanta-te e caminha”⁵.

⁵ G. Zizola cita o livro dos Atos dos Apóstolos, 3, 6. (Nota da *IHU On-Line*)

“A crise europeia é um novo lugar teológico?”

Entrevista com José Maria Vigil



De acordo com o teólogo José Maria Vigil, a quarta constituição do Concílio Vaticano II sinalizou a revisão de uma postura da Igreja, “já não mais de distância e desconfiança, mas de amor, proximidade, compreensão e otimismo. Isso é como uma nova lente que faz perceber de baixo uma outra luz, e faz brotar no coração um outro jeito, uma outra atitude total”. Entretanto, quando questionado sobre a necessidade de realizar novo Concílio, Vigil argumenta que nesse momento isso não seria possível, nem conveniente: “Sobretudo porque, durante o

último quarto de século, os Bispos católicos foram eleitos confessadamente conservadores, reservando a representação e o governo da Igreja a só uma mentalidade, excluindo precisamente os cristãos mais representativos do espírito conciliar”. Vigil concedeu entrevista à *IHU On-Line* por e-mail.

Vigil é licenciado em Teologia pela Universidad Pontificia de Salamanca (1972-73). Na Universidade de Santo Tomás de Roma (1973-74), obteve a licenciatura em Teologia Sistemática. Publicou seus primeiros artigos na imprensa em Janeiro de 1968, no *El Diario de León*. Foi ordenado sacerdote em 1971. Exerceu seu primeiro ano de ministério em Saragoça, dedicando-se à pastoral juvenil e paroquial. Seu livro *Espiritualidad de la liberación* foi escrito em parceria com Pedro Casaldáliga e faz parte da coleção *Teología y Liberación*. De 1992 a 1997, foi diretor da revista *Diafonia*, ligada à Confederação Internacional Claretiana Latino-Americana (CICLA) e à Universidade Centro-Americana de Manágua (UCA), onde também foi professor de Teologia. Em 1996, foi eleito secretário executivo da CICLA.

IHU On-Line - O Concílio Vaticano II foi expressado na sua totalidade?

José Maria Vigil - É óbvio, e mundialmente sabido, que não, que o

Concílio não pôde se expressar plenamente. Encontrou as primeiras dificuldades com os setores conservadores da Cúria vaticana no

tempo de Paulo VI e depois a oposição do próprio João Paulo II. Os historiadores deverão dizê-lo, mas eu acho que, ao menos em relação dos grandes concílios da Igreja, não houve, na história, um outro caso de concílio que fosse desfeito pela própria Igreja. Foi o Concílio que suscitou maior e mais entusiasta aceitação da parte do Povo de Deus, e também a maior resistência do próprio povo ao movimento de “restauração”, implementado pela hierarquia contra ele. Isso tudo já é história, religiosa e civil, pública e conhecida até pela sociedade civil.

IHU On-Line - Necessita ser retomado ou há necessidade de um novo Concílio?

José Maria Vigil - Sim e não. Sim, necessita ser retomado o Concílio, com certeza, porque o Concílio está aí, está na fé e no coração de toda uma geração que não pode voltar atrás. O Concílio não foi um livro, nem uma teologia, nem algumas idéias... Foi uma mudança epocal, foi um novo paradigma, uma nova forma de crer, não impulsionada por alguns teólogos ou bispos, mas por um novo Pentecostes... Isso não é reversível. O Concílio, então, está aí: reprimido, esquecido, marginalizado por muitas autoridades, mas está aí nos corações e na fé do povo e de infinidade de agentes de pastoral. Muita hierarquia não quer ver, nem escutar; olha para outro lugar. É uma situação de esquizofrenia na Igreja, que só será superada quando se voltar a reconhecer e acolher o que o Espírito fez pela Igreja no Concílio. Entretanto, também não há necessidade imediata de um novo Concílio, porque agora mesmo não é possível, nem conveniente. Essa situação de esquizofrenia continua, e

não é um ambiente sadio para fazer um Concílio. Sobretudo porque, durante o último quarto de século, os bispos católicos foram eleitos confessadamente conservadores, reservando a representação e o governo da Igreja a só uma mentalidade, excluindo precisamente os cristãos mais representativos do espírito conciliar. Nesta situação, o resultado de um concílio «normal» seria só um agravamento do mal. O que se deveria fazer seria uma «transição» que prepare um ambiente propício, um «processo conciliar», como dizem alguns.

IHU On-Line - Quais os aspectos mais marcantes do documento Gaudium et Spes?

José Maria Vigil - Paulo VI falava do Concílio dividido em duas vertentes: a Igreja para dentro e a Igreja para fora. A GS é o documento emblemático desse olhar da Igreja para fora. E seu aspecto mais marcante foi, sem dúvida, a nova atitude da Igreja perante o mundo, já não mais de distância e desconfiança, mas de amor, proximidade, compreensão e otimismo. Isso é como uma nova lente que faz perceber de baixo uma outra luz, e faz brotar no coração um outro jeito, uma outra atitude total. A GS representou uma nova valoração do mundo, da atividade do ser humano nele, da ciência, da razão, da sexualidade...

IHU On-Line - Quais as limitações da GS?

José Maria Vigil - As limitações foram daquele momento. O Concílio tratou de recuperar o tempo perdido, e fez o que pôde, e pôde muito. Todavia, logo ficou superado, precisamente por sua aplicação na América Latina, com a aparição da

teologia da libertação⁶. Logo pôde se ver que os pobres não estavam presentes na perspectiva conciliar como sujeitos. O diálogo foi estabelecido com a primeira “ilustração”, mas não com a segunda. A perspectiva histórico-liberadora não foi ainda descoberta no Concílio... Limitações então. Mais tarde veio a experiência forte do pluralismo religioso, num mundo mais e mais mundializado... o que está obrigando a teologia (do pluralismo religioso) a reler o cristianismo todo. Por exemplo, o “inclusivismo”⁷, que foi o grande passo para a frente que o concílio deu (depois de 19 séculos de exclusivismo), ficou agora pequeno, e não podia ser de outra forma, porque a história continua. A mudança que fez o Concílio foi enorme, mas a que está vindo vai sê-lo muito mais...

IHU On-Line - Que diferenças destacaria, tendo em vista sua experiência de vida, entre a presença da Igreja no mundo na América Latina e na Europa?

José Maria Vigil - A diferença agora é marcante, muito mais destacada que no tempo do Concílio. Naquela época, várias nações europeias eram muito religiosas e católicas. A Holanda, a do famoso «catecismo holandês», era massivamente católica; hoje são menos de 40% de católicos.

⁶ Para entender a teologia da libertação, conferir. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1973. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ Sobre este conceito, leia o artigo de Michael Amaladoss, “O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso”, publicado nos *Cadernos Teologia Pública*, ano 2, número 10, de 2005. Leia também o artigo sobre o teólogo Jacques Dupuis, de Rosino Gibellini, publicado na revista *IHU On-Line* número 130, de 28 de fevereiro de 2005, p. 25-28, sob o título “Teólogo fiel e corajoso”. (Nota da *IHU On-Line*)

A Espanha possuía mais de 90% de católicos, mas hoje a Igreja espanhola figura nos *rankings* de catolicidade em último lugar na sua sociedade, e o país aparece como o de menor credibilidade da Europa. E não falemos da Polónia ou da Alemanha, países natais dos dois últimos papas. A Europa aparece, em geral, hoje, como um continente que foi cristão e que voltou as costas à fé cristã. A revista teológica *Alternativas*, de Manágua, acaba de lançar um número monográfico sobre este tema, perguntando se esta crise europeia não é um «novo lugar teológico»...

Há alguns meses, teólogos e teólogas de vários países americanos nos reunimos em São José de Costa Rica, primeira em seu gênero, nos perguntando se este problema europeu é só conjuntural, próprio só dessa região, ou vai ser o futuro que virá também para a América Latina... Na revista *Concilium*⁸, sobre *O cristianismo em crise*, Eduardo de la Serna diz da Argentina que isso já está começando a acontecer na América Latina: não é futuro, é presente!, mesmo que só incipiente... Tempo ao tempo. Não só a Igreja, nem somente o cristianismo, mas todas as religiões estão em crise.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios que o mundo apresenta hoje à Igreja?

José Maria Vigil - Dizendo rapidamente são dois os desafios maiores: a justiça e a história. A justiça é o problema eterno, o problema de fundo, agravado a cada dia que passa: os pobres – toda a

⁸ Revista internacional de teologia, fundado no tempo do Concílio Vaticano II pelos teólogos que contribuíram decisivamente nos seus trabalhos, como Rahner, Congar, Chenu, Daniélou etc. A revista é editada em várias línguas. Em português é editada pela Editora Vozes. (Nota da *IHU On-Line*)

classe de pobreza- e a sua libertação. A história é o outro grande problema: a encarnação nela, a vivência da «hora» histórica, sem atrasos, às vezes, de vários séculos... O Concílio quis ganhar proximidade, encurtar a distância, mas nestas duas décadas esta aumentou. Sobre a história, destacaria um problema mais relacionado ao futuro do que propriamente á história; o que está em crise já não é a Igreja, nem o cristianismo, mas a própria religião, todas as religiões, como religiões... O Concílio não pode nem intuir este problema, que para nós apenas agora está começando a ser, a cada dia, mais visível...

IHU On-Line - Como estão contempladas na GS as minorias: mulheres, afro-descendentes, nações indígenas, imigrantes, etc.?

José Maria Vigil - Estas minorias praticamente não figuram na GS, não tiveram o tratamento que hoje vemos que merecem. Entretanto, não só essas minorias foram – digamos - esquecidas ou marginalizadas: foi o terceiro mundo todo que esteve ausente. É certo que os bispos dele – numa proporção muito menor da atual - estiveram lá, mas não tiveram quase voz. Não porque lhes fosse negada, mas porque não era ainda sua hora. Tomaram a palavra sobretudo os bispos do primeiro mundo, e os temas tratados foram os trazidos por eles. Foi um Concílio ainda muito europeu. A própria teologia da libertação não deu entrada plena a estas minorias – os chamados “novos sujeitos emergentes” - até a sua segunda época, lá pelos anos 1980... muito menos devemos procurar sua

presença na GS. Foi uma limitação própria do momento histórico.

IHU On-Line - Como foi sua própria experiência de acompanhamento do Concílio e suas novidades na Igreja?

José Maria Vigil - Posso dizer que o Concílio Vaticano II faz parte de minha vida pessoal, como um dos acontecimentos que mais profundamente a marcaram. Sou daquela geração que chegou à maioria da fé com o próprio Concílio. Tivemos a fortuna de ser formados na experiência religiosa anterior, no tempo de Pio XII⁹, quando éramos meninos e adolescentes... Ou seja, pudemos conhecer o cristianismo preconiliar, que é quase o mesmo cristianismo medieval... No Concílio, a Igreja mudou em sete anos mais que nos sete últimos séculos. Por isso, para nós, os convencidos da mudança epocal que o Concílio supunha, a sua implementação constituiu-se na nossa tarefa para toda a vida, a nossa vocação. Foi maravilhoso!

O acompanhamento do pós-concílio tem sido diferente, doloroso com certeza, mas cheio de esperança. Porque, como disse Neruda, «poderão cortar todas as flores, mas não poderão deter a primavera». Nem o inverno mais longo...

⁹ Eugenio Pacelli foi o Papa Pio XII que antecedeu o Papa João XXIII. (Nota da *IHU On-Line*)

O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil

Entrevista com Ernanne Pinheiro



“Mais do que um documento conciliar com os fundamentos para a ação da Igreja em diálogo com o mundo moderno, a *Gaudium et Spes*¹⁰ legitimava as experiências eclesiais de compromisso social na Igreja do Brasil. Lembramos algumas das suas expressões: o Movimento de Educação de Base (MEB) - com suas pequenas comunidades, relacionando educação e conscientização, as várias iniciativas da Juventude Agrária Católica – JAC - nas comunidades rurais, a animação dos sindicatos rurais, o conceito de desenvolvimento integral no Movimento de Natal, a valorização dos pobres como sujeitos da história e da evangelização...”. A declaração é de Ernanne Pinheiro, cearense, ordenado padre no tempo do Concílio Vaticano II.

Pinheiro estudou Teologia em Roma, na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) nesse período e trabalhou diretamente com Dom Helder Camara¹¹, um

dos maiores articuladores do espírito da *Gaudium et Spes*, no Brasil. Hoje atua na Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Brasília, como assessor político no Secretariado Geral. A entrevista foi concedida por e-mail à ***IHU On-Line***.

¹⁰ Palavras iniciais latinas do importante documento do Concílio Vaticano II que trata da presença da Igreja no mundo moderno. Elas significam: As alegrias e as esperanças. (Nota da ***IHU On-Line***)

¹¹ Dedicamos a editoria Memória da ***IHU On-Line*** número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Helder Camara, publicando o artigo *Helder Camara: cartas do Concílio*. (Nota da ***IHU On-Line***)

IHU On-Line - O senhor estudou em Roma durante o Concílio. Qual era o clima?

Ernanne Pinheiro - Estava em Roma como estudante de Teologia, na Universidade Gregoriana, durante as duas primeiras sessões do Concílio Vaticano II. Durante a terceira sessão, trabalhava numa metalúrgica, na França, morando com uma equipe de padres operários. Na quarta sessão, já me encontrava no Brasil, na minha diocese de origem, Limoeiro do Norte, Ceará.

O clima em Roma, na fase conciliar, era inusitado. Ninguém tinha experiência de Concílio. No entanto, tudo respirava renovação. O sonho do Papa João XXIII se realizava ao fazer entrar ar fresco na Igreja, sacudindo a poeira da história. A cidade de Roma vestia roupa nova ao receber os bispos de todos os continentes e também personalidades famosas no campo da teologia ou da vivência missionária. A Igreja Católica se expressava na colegialidade episcopal. Despertava grande esperança nos bispos a presença, em Roma, de teólogos marcantes da Igreja Católica, tais como Yves Congar¹², Henri de Lubac¹³, Karl

¹² **Yves Marie-Joseph Congar** (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard, quando fala dos "exílios". Sobre Congar a *IHU On-Line* publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, publicado originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria *Memória* da edição 150, de 8 de agosto de 2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22 de junho de 1995. Também dedicamos a editoria *Memória* da 102ª edição da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. Morreu como cardeal. (Nota da *IHU On-Line*).

¹³ **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. Era um grande admirador e defensor da obra de

Rahner¹⁴, Hans Kung¹⁵ e outros. Mas não só; estavam presentes outros grupos significativos: os padres operários da França, o famoso padre Paul Gauthier¹⁶ que vinha diretamente da Palestina, onde era padre operário nas pegadas de Jesus

Teilhard de Chardin. Morreu como cardeal da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ **Karl Rahner** (1904-1984): teólogo alemão jesuíta que contribuiu significativamente com a teologia católica no século XX. Um dos teólogos mais influentes durante o Concílio Vaticano II, colaborando para uma compreensão moderna da fé católica. O objetivo de sua teologia sempre foi o de transmitir o cristianismo ao homem contemporâneo de maneira que parecesse plausível. Nesse sentido, ele desenvolveu uma teologia "pastoral", ou seja, destinada a lançar uma ponte entre a autocompreensão da pessoa humana e o anúncio cristão. *IHU On-Line* dedicou ao teólogo a edição número 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ **Hans Küng** (1928), teólogo suíço. É padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época foi nomeado pela universidade para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória cfr. Hans KÜNG, *Libertad conquistada. Memórias*. Madrid: Trotta, 2004. (Nota da *IHU On-Line*).

¹⁶ **Paul Gauthier** fundou, na Palestina, o movimento Os companheiros de Jesus Carpinteiro. Ele é autor do livro *Les pauvres, Jésus et l'Église*, Paris, 1962. Este livro, traduzido em muitas línguas, inclusive o português (*O Concílio e a Igreja dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1967), teve um forte impacto nos padres conciliares que se reuniam no Colégio Belga, em Roma, e fundaram o grupo a Igreja dos Pobres. Sobre este tema confira o livro *História do Concílio Vaticano II. Volume 2: A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intersessão (outubro de 1962 a setembro de 1963)*. Livro organizado por Giuseppe Alberigo e publicado pela Editora Vozes, 2000. Aqui conferir p. 192-198. (Nota da *IHU On-Line*)

de Nazaré; Roger Schutz¹⁷ e os irmãos de Taizé com o diálogo ecumênico; os leigos e leigas da JOC [Juventude Operária Católica]¹⁸, da JAC [Juventude Agrária Católica], da JEC [Juventude Estudantil Católica]. Um verdadeiro Pentecostes¹⁹.

IHU On-Line - Como jovem estudante, que esperanças despertou o Concílio?

Ernanne Pinheiro - Vivíamos em Roma momentos de expectativa e desafios. Algumas perguntas vinham à tona: para onde vai a Igreja? Como respondermos ao momento de Deus? Procurávamos acompanhar, com muito interesse, o desenrolar dos acontecimentos. Morávamos no Colégio Pio Brasileiro, que hospedava alguns dos bispos brasileiros, ao lado da *Domus Mariae*, casa onde estava alojada a grande maioria do episcopado brasileiro. Todos os dias, após o almoço, tínhamos o privilégio de um encontro com o arcebispo de Vitória do Espírito Santo, Dom João Batista Motta; ele nos fazia uma síntese do ocorrido na aula conciliar. No final da tarde, podíamos ter acesso às conferências para os bispos brasileiros, na casa vizinha, realizadas pelos teólogos presentes em Roma. Descobertas teológicas, experiências missionárias e ecumênicas iam criando exigências específicas para a renovação eclesial. A

¹⁷ Irmão Roger Schutz, fundador da comunidade ecumênica de Taizé (Saône-et-Loire), foi morto a golpes de faca no último dia 16 de agosto, durante a prece da tarde. Ele tinha 90 anos de idade. A revista *IHU On-Line* número 152, de 22 de agosto de 2005, publicou um amplo artigo sobre a vida e a obra de Roger Schutz. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ O paulista Bartolo Perez, presidente da JOC Internacional, participou do Concílio Vaticano II como auditor. Hoje ele reside em Porto Alegre. No livro BEOZZO, José Oscar, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*, pode-se ler um depoimento do ex-jocista sobre a sua participação neste evento. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ Conferir SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga. *Evolução política dos católicos e da Igreja do Brasil. Hipóteses para uma interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

cada sexta-feira, havia um encontro mais reservado, sobre a Igreja e os pobres, no colégio belga - entre bispos, teólogos, padres operários, leigos e leigas, que já viviam a opção pelos pobres. Este clima dinâmico desafiava em nós, jovens, a sede de um engajamento mais radical, mais evangélico. Neste contexto, me dispus, terminado o curso de teologia em Roma, fazer um ano de estágio na França, como operário metalúrgico, morando com os padres da "Mission de France". Além de conhecer de perto a vida dos operários (dez longas horas de trabalho por dia), tive a oportunidade de me aproximar da organização sindical, muito forte nesta fábrica de metalurgia, com duas centrais sindicais de tendências bem nítidas - cristã e marxista. Aos sábados, a nossa equipe de vida, formada de cinco membros, dos quais três eram, há muitos anos, padres operários, fazíamos revisão de vida com momentos fortes de oração e reflexão sobre a nossa missão no mundo do trabalho. Este estágio foi a minha preparação imediata para o sacerdócio. Três interpelações do mundo operário me marcaram profundamente: a importância da perspectiva dos pobres na vida pastoral, o senso de gratuidade nas atitudes e a dimensão da esperança.

IHU On-Line - Como foi vivido o pós-concílio? Quais as maiores dificuldades e resistência que se despertaram?

Ernanne Pinheiro - Vivi o pós-concílio no Brasil. Fui ordenado padre no dia 05.12.65, três dias antes do término do Concílio. No primeiro ano de padre, fiquei como professor do Seminário da Prainha, em Fortaleza-CE e como animador de pastoral dos seminaristas. Todo o esforço, durante o ano de 1966, foi despertar nos seminaristas e nos cristãos, leigos e leigas, o interesse pelos grandes documentos do evento eclesial do século. Para tanto, os padres do

Seminário e os leigos e leigas da JUC, Juventude Universitária Católica²⁰, prepararam uma semana do Povo de Deus, em Fortaleza, animada pela metodologia do Movimento de Educação de Base (MEB)²¹ – por meio de programas de rádio e de dinâmicas de grupo. Nesta fase inicial, havia menos resistências às grandes linhas oferecidas pelo Concílio do que nos anos posteriores. A autoridade dos bispos reunidos, em Roma, dava a motivação para a recepção, mesmo sem muita percepção das exigências pastorais decorrentes. Chamavam mais a atenção, no início do processo, os aspectos mais visíveis: a liturgia em português, os padres sem batina, a missa com o celebrante de frente para o povo...

De 1967 a 1985, vivi o período pós-conciliar, em Recife, trabalhando com Dom Helder Camara²². Aí as resistências mesclavam questões eclesiais com questões ideológicas no período da ditadura militar.

²⁰ A tese de doutorado de Luís Alberto Gómez de Souza sobre a JUC foi publicada sob o título *A JUC. Os estudantes católicos e a política*. Petrópolis: Vozes, 1984. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Conferir o livro de Luiz Eduardo Wanderley *Educar para transformar: educação popular, Igreja católica e política no Movimento de Educação de Base*. Petrópolis: Vozes, 1984. (Nota da *IHU On-Line*).

²² **Dom Helder Camara** (1909-1999) nasceu em 7 de fevereiro de 1909, em Fortaleza, Ceará. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, Dom Helder Camara foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante vinte anos. Na época em que tomou posse como Arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este, que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticado pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. O Arcebispo D. Helder Camara é lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. (Nota da *IHU On-Line*).

IHU On-Line - Como a Igreja no Brasil foi encarnando a Gaudium et Spes

Ernanne Pinheiro - Na minha leitura, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* teve um papel primordial para a Igreja Católica no Brasil. Mais do que um documento conciliar com os fundamentos para a ação da Igreja em diálogo com o mundo moderno, a *Gaudium et Spes* legitimava as experiências eclesiais de compromisso social na Igreja do Brasil. Lembramos algumas das suas expressões: o Movimento de Educação de Base (MEB) - com suas pequenas comunidades, relacionando educação e conscientização, as várias iniciativas da JAC nas comunidades rurais, a animação dos sindicatos rurais, o conceito de desenvolvimento integral no Movimento de Natal, a valorização dos pobres como sujeitos da história e da evangelização... Nesse contexto, surgem as Comunidades Eclesiais de Base²³ (CEBs), as pastorais sociais, a evangelização libertadora. Vivíamos nos anos 1960 e 1970 uma realidade de dupla face no compromisso social da Igreja: éramos motivados pela renovação eclesial do Vaticano II e atropelados pela situação da ditadura militar que considerava todo este trabalho uma subversão da ordem. Esta dialética criava um clima de medo, é verdade, mas exigia uma metodologia de formação na ação, chegando a forjar cristãos sólidos com testemunhos marcantes. Devemos reconhecer, com alegria, a forte atuação profética da

²³ Sobre as Comunidades Eclesiais de Base, conferir os livros de Faustino Teixeira *A fé na vida: um estudo teológico-pastoral sobre a experiência das CEBs no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1987; *A gênese das CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1988; *Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996; e *Comunidades Eclesiais de Base: Bases Teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

CNBB, nesse período, em defesa dos direitos humanos.

IHU On-Line - O senhor conheceu bastante Dom Helder Camara? Como ele vivenciou o espírito da GS? Quais eram suas principais preocupações em relação às questões da presença da Igreja no mundo?

Ernanne Pinheiro - Trabalhei na arquidiocese de Olinda e Recife, de 1967 a 1985, tendo Dom Helder Câmara como arcebispo. Período complexo para a cidade de Recife e para a arquidiocese. A capital pernambucana tinha uma tradição política de esquerda como força de resistência, e, no momento, o governador eleito, Miguel Arraes²⁴, tinha sido preso e exilado pela ditadura militar.

A arquidiocese de Olinda e Recife carregava uma tradição religiosa solidificada, com referenciais de personagens reconhecidos pela história: Frei Caneca²⁵, Dom Vital²⁶, Dom Leme²⁷,

²⁴ Foi governador de Pernambuco quando se deu o golpe militar de 1964. Exilou-se na Argélia e voltou ao Brasil em 1979, sendo mais duas vezes governador. Recentemente faleceu. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Frei Caneca** (1779-1825). Joaquim do Amor Divino Rabelo. Aos 22 anos de idade, ordenou-se frade carmelita. Intelectual respeitado em Pernambuco, tornou-se professor de retórica, poesia, geometria e filosofia. Participou da Revolta Pernambucana de 1817. Foi preso com outros líderes do movimento, e mandado a Salvador, Bahia, só sendo libertado em 1821, quando retornou ao Recife. Em 1823, começou a publicar o seu jornal *Typhis Pernambucano*, pelo qual defende idéias liberais e a Constituição e ataca o poder absolutista. Foi um dos líderes da Confederação do Equador. Em 1924, o Império derrotou os revolucionários e, em dezembro do mesmo ano, Frei Caneca foi condenado à forca. Em 13 de janeiro de 1825, foi preparado o cenário para o enforcamento, no Forte das Cinco Pontas, no Recife, mas três carrascos não tiveram coragem de enforcá-lo. Frei Caneca, então, foi fuzilado, naquele mesmo dia e local, por um pelotão comandado pelo coronel Francisco de Lima e Silva, pai de Duque de Caxias (Nota da *IHU On-Line*).

²⁶ **Dom Vital de Oliveira** (1844-1878) tornou-se Bispo da diocese de Pernambuco em 1871, por decreto

Dom Carlos Coelho²⁸ e leigos e leigas, formados pela ação católica especializada.

Dom Helder assumia como Pastor de Olinda e Recife para dar continuidade aos seus antecessores, numa realidade conflitiva, na primeira semana após o início da ditadura militar. Tinha um carisma profético já confirmado pelo seu trabalho na arquidiocese do Rio de Janeiro; tinha colaborado com a elaboração da *Gaudium et Spes*, levando a contribuição dos leigos e leigas do Brasil. Também integrou, logo depois, a equipe de redação da Carta Encíclica sobre o Desenvolvimento dos povos - *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI,

imperial. Quando chegou ao Recife, em 1822, encontrou grande parte do clero filiado à maçonaria, fez advertências a essa conduta. Na luta contra a maçonaria, fechou duas capelas que desobedeceram a suas ordens, contrariando o Império. Nessa luta, ele teve como único aliado o Bispo do Pará, dom Macedo Costa. A ação dos dois, apoiada pelo Papa Pio IX, deu origem à chamada Questão Religiosa, um conflito entre a maçonaria e os Bispos, entre a Igreja e o Estado. Em 1874, no Rio de Janeiro, foi julgado e condenado a quatro anos de prisão. Libertado, com a saúde abalada, quis renunciar ao bispado para retomar a vida franciscana. O Papa Pio IX não aceitou o pedido.

²⁷ Dom Sebastião Leme (1882-1942) tornou-se cardeal da Igreja Católica em 30 de Julho de 1930, quando em Roma recebeu a púrpura cardinalícia das mãos do Papa Pio XI, sucedendo ao cardeal Arcoverde. Sua gestão como cardeal do Brasil foi de 1930 a 1942. Figuras entre suas ações a criação da Coligação Católica Brasileira, a reabertura do Seminário de São José ou Rio Comprido, que funcionava em Paquetá, a obra Adoração Perpetua, e o Monumento a Cristo Redentor, no alto do Corcovado no Rio de Janeiro. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ Dom Carlos de Gouveia Coelho ordenou-se diácono em fevereiro de 1930, pelas mãos do Arcebispo Dom Adauto de Miranda Henriques. Foi para Cajazeiras, onde exerceu as funções de secretário do Bispado, coadjutor da catedral, diretor do Colégio Padre Rolim e do Jornal Diocesano. Foi eleito Bispo da cidade de Nazaré em 1948. Em agosto de 1960, passou a ocupar a posição de 5º Arcebispo de Olinda e Recife. Exerceu ainda em João Pessoa os cargos de professor no Seminário da Paraíba, no Instituto de Educação e no Ginásio Nossa Senhora de Lourdes. (Nota da *IHU On-Line*)

a *Gaudium et Spes* para o mundo subdesenvolvido.

A história da *Populorum Progressio* é interessante, conforme contava Dom Helder. O grupo da sexta-feira no colégio belga (a Igreja e os pobres), no começo da terceira sessão do Concílio, tinha redigido uma proposta a ser apresentada na sala conciliar, chamada “Esquema XIV” - *A pobreza na Igreja*. Seria um complemento ao “Esquema XIII”, como se chamou a *Gaudium et Spes*. O grupo argumentava que o “Esquema XIII” não levava em consideração o terceiro mundo, o mundo subdesenvolvido, o mundo dos pobres. O Papa Paulo VI solicitou que o “Esquema XIV” não fosse apresentado ao Concílio a esta altura e ele se comprometia em fazer uma carta encíclica sobre a temática dos pobres. De fato, a *Populorum Progressio* veio a lume já no dia 26.03.1967, trazendo grande contribuição para a ação social da Igreja. A arquidiocese de Olinda e Recife conta com uma rica história de atuação no campo social neste período pós-conciliar. Relembro três das mais significativas iniciativas:

- O trabalho da **Comissão de Justiça e Paz** em defesa dos presos políticos, durante a ditadura militar, e como educadora das comunidades urbanas, formando-as para os direitos humanos num momento de expansão da cidade quando havia expulsão de comunidades inteiras, transferidas para áreas cada vez mais distantes, sem as mínimas condições de sobrevivência.

- A atuação da **Operação Esperança** que nasceu por ocasião da invasão dos rios que perpassam a cidade, alagando grande parte dos bairros populares. Este trabalho comunitário se estendeu para a área rural. Os prêmios que Dom Helder recebia no exterior, como reconhecimento pelo trabalho em prol da paz e dos direitos humanos, eram aplicados pela Operação Esperança em experiências de Reforma Agrária.

- O Movimento “**Encontro de Irmãos**”, com mais de 300 comunidades nas periferias da cidade, procurava relacionar o evangelho com a vida precária desta população. Eram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da arquidiocese de Olinda e Recife.

O aspecto mais original da ação pastoral de Dom Helder estava para além da arquidiocese de Olinda e Recife: eram as “minorias abraâmicas”, comunidades em rede, em intercâmbio permanente, na grande tradição do patriarca Abraão, “esperando contra toda esperança” (Rom 4,18).

IHU On-Line - Com base em seu trabalho na CNBB, quais são os principais desafios que hoje o mundo, a cultura, a família, a economia, apresentam à Igreja no Brasil?

Ernanne Pinheiro - Seria difícil descrever, em poucas linhas, os desafios que se apresentam à Igreja no Brasil hoje. O documento emanado da última Assembléia da CNBB, no mês de agosto próximo passado, em Itaipá, os resume bem. Chama-se *Evangelização e Missão Profética da Igreja - novos desafios*. Apresenta três novos desafios: o pluralismo cultural e religioso; a exclusão social; e os provenientes da evolução da bioética. São desafios com grandes interpelações para a missão da Igreja, carregando, em seu bojo, questões complexas ainda não muito trabalhadas nem no campo da ciência, nem no campo da teologia e da pastoral. A *Gaudium et Spes* ainda não previa muitos deles. Estes desafios provocam medo, insegurança, perplexidade. A Igreja Católica está com dificuldade de se colocar diante destes desafios. Por vezes, parece estar vivendo, desde alguns anos, um certo esfriamento do espírito de renovação do Concílio Vaticano II que supõe atualização contínua. Uma

tendência à visibilidade da instituição eclesial em sacrifício da sua missão profética. Uma tendência mais para o interior da Igreja do que para a sensibilidade ao mundo em ebulição.

No Brasil, tanto na sociedade como na Igreja Católica, passamos por uma fase de carência de lideranças fortes que mostrem por onde passa a luz do “novo” mundo, indicando que o caminho é para lá.

No entanto, algumas iniciativas da Igreja Católica no âmbito social continuam a grande tradição da inspiração do Vaticano II: as Semanas Sociais²⁹, buscando um novo Brasil; o Mutirão contra a fome; a atuação da Comissão Brasileira de Justiça e Paz; a criação do Centro Nacional de Fé e Política “Dom Helder Câmara”; a presença ativa de várias entidades da Igreja no Fórum Social Mundial e outras.

IHU On-Line - Especialmente neste tempo de crise política como a Igreja deveria se posicionar, à luz da GS?

Ernanne Pinheiro - A crise política revelou a fraqueza da democracia. Como toda crise está prenhe de apelos a novas decisões. Mostrou a necessidade urgente de um projeto de sociedade que responda às reais necessidades da população. Só o conseguiremos em mutirão - numa democracia participativa.

De fato, não existe democracia, baseada na ética, se milhões de brasileiros continuam à margem do processo de desenvolvimento do País. Os Bispos da CNBB, no documento

²⁹ **Semanas Sociais Brasileiras:** começaram em 1991. Atualmente está se realizando a 4ª. Semana. A 2ª Semana Social Brasileira, realizada em 1994, teve como tema: *O Brasil que a gente quer. As propostas para um novo Brasil* podem ser lidas no livro *2ª Semana Social Brasileira, Brasil: Alternativas e Protagonistas*. Petrópolis: Vozes, 1994, 2ª. ed. (Nota da *IHU On-Line*)

*Exigências éticas da ordem democrática*³⁰, emitido após a promulgação da Constituição cidadã, em 1989, diziam: “a situação em que vivem os pobres é critério para medir a bondade, a justiça, a moralidade, enfim, a efetivação da ordem democrática. Os pobres são os juizes da vida democrática de uma nação” (n.72). Afirmavam também: “A democracia não se realiza, de fato, quando o sistema econômico exclui parcelas da população dos meios necessários a uma vida digna: acesso ao trabalho com justa remuneração, à moradia, à terra, à educação, à organização sindical, à participação nos lucros e na gestão da empresa” (n.69).

A Igreja continua acreditando na força dos pequenos, acreditando no povo organizado. Daí insistir na consolidação da democracia participativa.

Na mensagem para o dia da Pátria, diante da indignação ética que nasce da consciência da violação de valores fundamentais da nossa sociedade, a presidência da CNBB proclama que “a democracia não subsiste à corrupção. O povo brasileiro precisa recuperar a esperança – pela apuração da verdade dos fatos, pela restituição dos bens públicos subtraídos – numa colaboração eficaz para a real purificação de nossas instituições”. O grande apelo: passar da indignação à ação. Algumas experiências estão em curso.

³⁰ Este documento foi publicado pelas Edições Paulinas, 1989, como *Documentos da CNBB no. 42*. (Nota da *IHU On-Line*)

As idéias mais polêmicas na Igreja conciliar

Entrevista com Giovanni Turbanti

“O Concílio liberou uma série de energias que já estavam latentes na Igreja nas décadas precedentes. No movimento litúrgico, no movimento bíblico, nas esporádicas aberturas ecumênicas presentes em alguns ambientes beneditinos, na forte tomada de consciência dos movimentos laicos nos anos 1950 podem ser reconhecidos os aspectos mais vitais que prepararam o Concílio. Entretanto, o evento conciliar superou, em grande medida, as expectativas de renovação e de reforma que haviam amadurecido naqueles ambientes”, disse Giovanni Turbanti à *IHU On-Line*, em entrevista por e-mail.

Ele integra o projeto de pesquisa História do Concílio Vaticano II presidido pelo historiador italiano Giuseppe Alberigo, de Bolonha.

Ele é doutor em História Religiosa. Estudou História da Igreja em Florença, Urbino e Bolonha. Acompanhou o Concílio Vaticano II e seus desdobramentos. De sua produção, destacamos *Verso il quarto periodo*, in *Storia del concilio Vaticano II* diretta da G. Alberigo, 5, Concilio di transizione, settembre-dicembre 1965, Bologna 2001 e *La contribution canadienne à l'élaboration de Gaudium et Spes*, in G. Routhier ed., *Vatican II au Canada: enracinement et réception*, Québec 2001; e *Un Concilio per il Mondo Moderno. La redazione della costituzione pastorale "Gaudium et Spes" del Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 2000.

***IHU On-Line*- Como descreveria as principais mudanças na vida da Igreja com o Concílio?**

Giovanni Turbanti- O Concílio Vaticano II provocou profundas mudanças na vida da Igreja no século XX. Nem todos estão hoje de acordo com esta afirmação: de um lado parecem difundir-se sempre mais os ambientes eclesiásticos contrários à interpretação do concílio como uma ruptura na tradição da Igreja e decididos a afirmar uma substancial continuidade na vida da Igreja antes e depois do concílio. De outro lado, alguns historiadores tendem a fazer emergir, em suas análises, as linhas de continuidade de longo alcance na vida, na cultura e na

fé cristãs, que lançam suas raízes nos séculos passados e reemergem com tenacidade nos anos pós-conciliares por trás das aparentes reviravoltas provocadas pelo concílio. Mesmo reconhecendo a realidade e a importância destas linhas de continuidade de longo período, não se pode negar que as mudanças trazidas pelo concílio foram igualmente reais e importantes. Estas mudanças incidiram em diversos níveis: Em primeiro lugar, nas estruturas eclesiais, em que as discussões no Concílio foram muito ásperas e as decisões tomadas muito empenhativas, em particular no que diz respeito ao princípio de comunhão e a colegialidade dos Bispos. Em segundo

lugar, no próprio modo com que a fé é vivida: não só a libertação de uma bagagem de tradições devocionais e disciplinares que tinham pouco a ver com os estilos de vida moderna, mas com o Concílio muda a própria compreensão da fé para muitos fiéis. O princípio de pertencimento (se é crente enquanto se “pertence” à igreja, respeitando as suas normas e a sua autoridade) é substituído pelo princípio de “participação”: se é fiel pela fé e por isso se participa na vida da Igreja. Enfim, com o Concílio mudou a posição da Igreja no mundo: não mais simples contraposição da dimensão espiritual da fé à dimensão carnal da história, mas participação e corresponsabilidade com todas as pessoas no mesmo caminho histórico. A fé não separa do mundo, mas torna cada um mais responsável pelos problemas dos outros e do mundo.

O Concílio liberou uma série de energias que já estavam latentes na Igreja nas décadas precedentes. No movimento litúrgico, no movimento bíblico, nas esporádicas aberturas ecumênicas presentes em alguns ambientes beneditinos, na forte tomada de consciência dos movimentos laicos nos anos 1950 podem ser reconhecidos os aspectos mais vitais que prepararam o Concílio. Entretanto, o evento conciliar superou, em grande medida, as expectativas de renovação e de reforma que haviam amadurecido naqueles ambientes.

***IHU On-Line* Como se manifestou, a partir dessas mudanças, uma nova vitalidade na Igreja?**

Giovani Turbanti- Nos anos subseqüentes, a vitalidade da Igreja se manifestou de modo mais evidente em pequenas comunidades, nas comunidades de base, nas comunidades monásticas e religiosas, também nas paróquias locais. Um forte impulso de

renovação ocorreu, no entanto, também na reflexão teológica e no âmbito da formação, seja nos seminários, seja na catequese. A partir dos anos 1970 tornou-se explosivo o crescimento dos movimentos, que expressaram uma idéia de igreja carismática tão diversa da precedente e que apela à experiência conciliar por meio de mediações inéditas.

***IHU On-Line*- Qual foi a novidade mais importante produzida pela Constituição *Gaudium et Spes*? Quais as idéias que provocaram maiores polêmicas?**

Giovanni Turbanti- A Constituição *Gaudium et Spes* foi um dos documentos mais discutidos no decurso do Concílio Vaticano II, porque, em seu próprio objeto e na forma, parecia desmentir a impositação tradicional dos documentos do magistério. Os temas tratados na segunda parte da Constituição eram todos atuais: do tema do matrimônio e do controle da natalidade ao tema da cultura, da vida política à econômica, ao problema da paz e das armas modernas. Entre as questões mais debatidas e que suscitaram maiores polêmicas estava certamente a do ateísmo e da oportunidade de inserir uma declaração de explícita condenação do comunismo. Segundo muitos Bispos, este era um dever fundamental, sobretudo num documento sobre o mundo moderno. Particularmente debatida foi depois a questão do controle da natalidade, já que muitos padres consideravam oportuna uma declaração que abrisse ao uso da “pílula” anticoncepcional. Enfim, algumas questões referentes à guerra moderna suscitaram não poucas discussões e polêmicas: o reconhecimento do valor da objeção de consciência e da não-violência, a condenação do uso das armas modernas, a legitimidade, ou não, do recurso à dissuasão nuclear para preservar a paz e em particular a

segurança dos países ocidentais. As inovações referentes à doutrina tradicional naqueles diversos âmbitos temáticos são muitas, porém me parece ainda mais importante relevar a novidade da impostação complexiva da Constituição. A busca de um diálogo com o mundo moderno punha fim ao conflito com a modernidade que havia marcado profundamente a Igreja Católica, pelo menos a européia, do fim do século XIX até agora. Admitir a possibilidade que, no mundo moderno, houvesse valores positivos significava não só admitir o mundo como interlocutor no diálogo com a Igreja, mas também reconhecer que a Igreja tinha algo a aprender do mundo. Na verdade, a constituição pastoral ainda acolhia, em parte, a interpretação dos “sinais dos tempos” como lugares nos quais se pode reconhecer a graça encarnar-se no tempo, presente na história humana também fora da dimensão sacramental da Igreja.

IHU On-Line- Qual é o conceito de justiça social contido na GS e qual é a sua atualidade na época atual?

Giovanni Turbanti- O tema da justiça, com particular referência à justiça social, percorre toda a constituição pastoral. As desigualdades econômicas e os desequilíbrios na condição social dos homens são mesmo considerados como um dos aspectos mais problemáticos do mundo moderno. O primeiro elemento a sublinhar é a forte instância moral para a realização de uma justiça social mais autêntica e profunda. Os desequilíbrios, presentes no mundo moderno como uma espécie de diferencial ético, geram a instância profunda da justiça. E, quanto às indicações de princípio acerca da justiça social e as normas práticas para corrigir as situações de injustiça, não parece que o texto proponha teses particularmente inovadoras referentes à doutrina social dos anos precedentes e,

em geral, as soluções técnicas ventiladas no capítulo da vida econômica e social são as que apareceram demasiado ligadas a uma situação contingente e, por isso, resultaram inadequadas na evolução das interpretações sucessivas e das circunstâncias objetivas. Em coerência com a impostação personalista da Constituição, também a justiça social é descrita em função do desenvolvimento da dignidade da pessoa humana, enquanto o princípio condutor sobre o qual a própria justiça social se funda, continua sendo aqueles do bem comum. O desenvolvimento econômico é assumido propriamente como um valor positivo, embora submetido a uma série de fortes condições morais. As desigualdades econômicas são denunciadas como um grave mal da sociedade moderna. A parte mais inovadora do capítulo sobre a economia é que repropõe, em termos modernos, a doutrina da destinação universal dos bens da terra: também neste caso o imperativo moral implícito é o elemento de maior relevo, mesmo com respeito às análises conduzidas no texto.

IHU On-Line- Quais são os principais desafios que o mundo contemporâneo apresenta à Igreja em vista de um diálogo real?

Giovanni Turbanti- Uma das hipóteses de redação mais importantes na preparação do documento estava centrada precisamente nesta idéia: a missão da Igreja no mundo. A redação de Malines³¹, obra de alguns teólogos entre

³¹ O cardeal-arcebispo de Malines-Bruxelas, Leo Suenens, reúne um grupo de teólogos europeus, depois da primeira sessão do Concílio, em Malines, para preparar subsídios para o documento conciliar que viria a ser a *Gaudium et Spes*. Sobre “a redação de Malines” conferir Giuseppe ALBERIGO, *História do Concílio Vaticano II*. Volume 2. *A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intersessão* (outubro de 1962 a setembro

os quais Congar, Philips³², Rahner, Dondeyne e outros, queria retomar o fio das reflexões dos anos 1950, sobretudo na França, sobre a dimensão missionária da Igreja. Nas redações sucessivas, com esta idéia, também foi afirmada aquela, em parte antagônica, da solidariedade de destino da Igreja com a história de todos os homens e com o mundo. Após várias discussões foi depois introduzido um capítulo específico dedicado à missão da Igreja, no qual se insiste em afirmar que “a Igreja [...] caminha com toda a humanidade e experimenta com o mundo a mesma sorte terrena e é como o fermento e a alma da sociedade humana destinada a renovar-se em Cristo e a transformar-se em família de Deus” (§ 40). Se, de um lado, a Igreja tem, no mundo, uma função sacramental, do outro lado, segundo a *Gaudium et Spes*, ela “crê poder contribuir muito a tornar mais humana a família dos homens e a sua história”. A missão da Igreja diz respeito, antes de tudo, a cada homem e a proclamação dos direitos fundamentais de cada um deles. Entretanto, ela considera ser sua tarefa promover a justiça também na comunidade dos homens e nas instituições que eles se deram historicamente e continuam a dar-se. Estes empenhos que a Igreja assume diante do mundo têm, de tempos em tempos, conteúdos diversos, de acordo com o desenvolvimento dos acontecimentos humanos e das diversas realidades econômicas, sociais e culturais. Sempre está em jogo o difícil equilíbrio sobre o qual se apóia a realidade sacramental da Igreja no mundo. Os desafios aos quais a Igreja é chamada a responder ante o mundo são múltiplos: quando se considera o desenvolvimento

de 1963). Petrópolis: Vozes. 2001, p. 384-391. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Teólogo belga, professor da Universidade Católica de Lovaina, assessor teológico do cardeal Suenens, exerceu importante papel na elaboração do texto da *Gaudium et Spes*. (Nota da *IHU On-Line*)

dos processos de globalização e das transformações culturais que se lhe seguem, um problema que envolverá, sempre mais, a reflexão da Igreja que será aquela da justa relação entre as exigências identitárias que querem apoiar-se no pertencimento religioso e os impulsos que, por sua vez, levam sempre mais longe o processo de secularização das diversas sociedades. Os desenvolvimentos da modernidade que houve nos últimos anos com a aceleração das pesquisas no campo biomédico constituem necessariamente para a Igreja um sério desafio, ao menos quando se considera que o âmbito da moral faça parte da dimensão religiosa e deva estar na base das indicações de um magistério eclesial. Mais no fundo, porém, a pobreza continua sendo ainda o desafio que exige mais empenho da Igreja, não só na direção de um contributo em favor dos pobres, mas também, e sobretudo, na capacidade de assumir a pobreza no seu interior. E, enfim, o desafio da paz que, para a Igreja, se concretiza também na capacidade de saber dizer verdadeiras palavras de condenação da guerra sem condições nem reticências, sem levar em conta os interesses particulares das Igrejas de cada país, sem levar em conta os interesses e o poder dos quais a guerra nasce.

IHU On-Line- Para um diálogo mais autêntico entre a Igreja e as principais necessidades do homem e da mulher de hoje, em que aspectos deve haver uma disponibilidade em “ceder” posições de ambas as partes?

Giovanni Turbanti- Penso que, no diálogo, não se deva partir dos pressupostos de dever “ceder” alguma coisa com respeito ao outro, mas da convicção que o confronto com o outro representa um enriquecimento mútuo e vantajoso para ambos, com base na convicção que as diferenças de opinião

são uma riqueza e não um *handicap*. Além disso, a Igreja não tem uma “verdade terrestre” que possa ser confrontada com outras “verdades ideológicas”. Ela só tem uma mensagem, o alegre anúncio da salvação ocorrida e iminente para todos, com respeito à qual todo o resto se torna secundário para a fé. Não há posições a afirmar ou “baratear”, mas somente uma esperança a ser levada. Isso não quer dizer que não se deva confrontar-se e dialogar com todos, mas

talvez seja possível e oportuno fazê-lo sem partir do pressuposto de uma identidade cristã. Esta identidade e a convicção que a define constituem um *arcanum* que somente de modo indireto se refere ao empenho de cada um no mundo. O que conta aqui é o destino que a todos nos envolve e com respeito ao qual somos responsáveis de geração em geração. O resto é uma verdade sobrenatural, na qual tudo está contido, mas sem uma exclusividade definitiva.

A GS valoriza a dignidade da pessoa e da sociedade



Entrevista com Peter Hünemann

Peter Hünemann é professor emérito de teologia dogmática na Universität de Tübingen, na Alemanha. É especialista em Eclesiologia, Teologia dos sacramentos e Cristologia.

Colabora ativamente em diversos movimentos de intercâmbio científico e cultural. Ele concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, à revista *IHU On-Line*. Entre seus livros

publicados, citamos *Cristologia*. Barcelona: Herder Editorial, 1997.

***IHU On-Line*- Qual foi a maior dificuldade na redação da *Gaudium et Spes* e os aspectos que mas suscitaram polêmica antes e depois do Concílio?**

Peter Hünemann- A maior dificuldade na redação e na recepção da GS era o documento em seu próprio caráter. A comissão e as subcomissões estavam convencidas de que se necessita um novo caminho para abordar a tarefa de caracterizar a posição da Igreja no mundo moderno. Até o Vaticano II, a doutrina social se fundou sobre uma base filosófico-ética para aclarar problemas sociais e formular normas. A Igreja em si mesma foi considerada como uma entidade

sobrenatural, estruturada segundo as normas transmitidas pelo Senhor e pelos apóstolos. Produziu-se, assim, uma justaposição “igreja – sociedade civil/Estado”, sociedade civil e Estado, estando sob a ética filosófica, a lei natural, a Igreja, estando sob a lei do Evangelho. Com o Vaticano II, se abre uma nova visão: a Igreja, sacramento e instrumento da unidade de Deus com os homens, da unidade de todo o gênero humano. Em conseqüência, é preciso determinar a relação Igreja – sociedade civil/Estado/humanidade de uma nova maneira!

IHU On-Line- Mas, como?

Peter Hünermann- Após muitíssimas discussões, consultas e intercâmbios – entre outros com o Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, que nesta época trabalhava sobre problemas muito semelhantes – se encontrou uma solução. Depois de uma descrição empírica dos grandes problemas da sociedade moderna, a primeira parte do documento se concentra em três questões: a dignidade da pessoa humana, a comunhão dos homens, a atividade humana.

IHU On-Line- Por que estes três temas?

Peter Hünermann- A sociedade moderna aceita – em teoria – com grande unanimidade a dignidade humana como valor incondicionado. Aceita também que a comunhão e o reconhecimento mútuo dos homens transcende os horizontes de utilidade, mercadoria, etc. Finalmente, a atividade humana não pode ser reduzida à produção. Está ligada com a dignidade do homem e da sociedade. Partindo deste amplo consenso entre os homens – apesar de muito amiúde não estar realizado – os padres conciliares explicam como o evangelho aprofunda a visão da dignidade da pessoa, da sociedade e da atividade humana. A Igreja como sacramento do Senhor abre uma visão nova e radicalizada destas realidades centrais da vida humana. É lógico que assim a Igreja e sua missão já não se encontram em justaposição estéril com a sociedade civil, estatal, mundial. Em vez disso, estão todas mescladas e comprometidas em tudo isso sem perderem seu próprio perfil, lutando por um mundo novo e melhor. Na segunda parte da GS, se trata de problemas fundamentais dos anos sessenta do século passado: a dignidade do matrimônio e da família, o desenvolvimento da cultura, a vida econômica e social, a vida das comunidades políticas, da paz e do desenvolvimento da comunidade dos povos. Todos esses problemas são sempre

tratados no marco referencial da primeira parte da GS. Certamente houve padres conciliares que não entenderam esta nova visão. Consideravam a Igreja como antes, em justaposição com a sociedade e a vida pública. Mas, o Papa, como a grande, grande maioria, aprovou o texto definitivo.

IHU on-Line- Quais as afirmações a reelaborar?

Peter Hünermann- Certamente a GS representa – sobretudo na segunda parte – a problemática dos anos 1960. É preciso adaptá-la. Já não vivemos mais na situação da guerra fria. É preciso refletir e solucionar o problema do terrorismo. A problemática econômica está, hoje, marcada pela globalização, etc. Ademais, a GS diz expressamente que é preciso aplicar os traços fundamentais e os princípios à situação dos diversos continentes e culturas (GS 91). É importante a recepção da visão fundamental: a Igreja está em interação e penetração com a sociedade e com os problemas básicos dos homens – sem que se produza uma nivelação ou mescla entre Igreja e sociedade.

IHU On-Line- Que teólogos, bispos ou leigos tiveram uma contribuição fundamental durante a elaboração do Documento e a realização do Concílio em geral?

Peter Hünermann- Houve um grande número de Bispos, teólogos e leigos que contribuíram com o processo muito árduo da elaboração da GS. Entre os Bispos é preciso mencionar, entre outros, o próprio Paulo VI, Suenens³³, Lercaro³⁴, Léger³⁵,

³³ **Leo Suenens**, cardeal-arcebispo de Malines-Bruxelas, foi um dos quatro moderadores do Concílio Vaticano II. Foi uma das grandes figuras do Concílio Vaticano II. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ Cardeal-arcebispo de Bolonha, Giacomo Lercaro foi um dos quatro moderadores do Concílio Vaticano II. Além de Suenens e Lercaro, os outros dois moderadores foram Peter Agagiannian, Armênio, e Joseph Döpfner, cardeal-arcebispo de Munique. Lercaro foi quem incentivou a Igreja dos Pobres. No conclave

Liénart³⁶, Acel, Hengsbach³⁷, Schröffer, Guano, Pavan, Helder Câmara, Larrain Errázuriz³⁸, McGrath³⁹, Wojtyla. A lista de teólogos colaboradores é muito ampla. Destacam-se, entre outros, Tucci⁴⁰, de Riedmatten, Glorieux, Houtart⁴¹, Calvez⁴², Häring⁴³, Cerfaux, Le Bret⁴⁴, Congar, Philips, Daniélou⁴⁵, Moeller⁴⁶, etc., etc.

que elegeu Montini como Paulo VI, ele foi, segundo alguns cronistas, candidato do grupo mais inovador. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ Paul-Émile Leger, cardeal-Arcebispo de Montreal, morreu como missionário na África. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ Cardeal-arcebispo de Lille, na França, teve um papel destacado no Vaticano II. É dele a primeira e famosa intervenção na abertura dos trabalhos do Concílio que implicou no abandono dos textos previamente preparados pela Cúria Romana. Sua intervenção mudou o rumo do Concílio. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ Bispo de Essen, na Alemanha. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ Bispo de Talca, no Chile, foi presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM. Juntamente com D. Helder Camara foi um das mais significativas presenças latino-americanas no Concílio. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ Arcebispo da cidade do Panamá. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ Roberto Tucci, jesuíta italiano, foi redator da revista italiana *Civiltà Cattolica* e diretor da Rádio Vaticana. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ François Houtart, padre, sociólogo, professor emérito da Universidade Católica de Lovaina. É autor de uma vasta obra sociológica. Foi diretor de tese de inúmeros sociólogos latino-americanos. Esteve, no início de 2005, em Porto Alegre participando do Fórum Social Mundial. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Jean-Yves Calvez**, jesuíta francês, autor de uma vasta obra sociológica e filosófica. Tornou-se mundialmente conhecido por seus livros sobre o pensamento marxista. Foi diretor da revista *Études*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **Bernhard Häring**, redentorista alemão, foi um dos maiores teólogos morais do século XX. Autor de inúmeros livros, quase todos traduzidos para o português. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁴ **Louis-Joseph Le Bret**, dominicano francês, fundador do Institut International de Recherche e de Formation Éducation ao Développement / IRFED e do Centre Économie et Humanisme. O seu pensamento foi importante para muitos intelectuais brasileiros na década 1950 e início da década de 1960. Ele esteve no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Jean Daniélou**, jesuíta e teólogo francês, foi um dos importantes teólogos do Concílio. (Nota da *IHU On-Line*)

É interessante que o professor Ratzinger não teve uma relação mais estreita com este documento. Todavia, como Cardeal, manteve uma posição relativamente crítica em suas publicações. João Paulo II, por sua vez, vivia com este documento. É o texto conciliar mais citado em suas publicações.

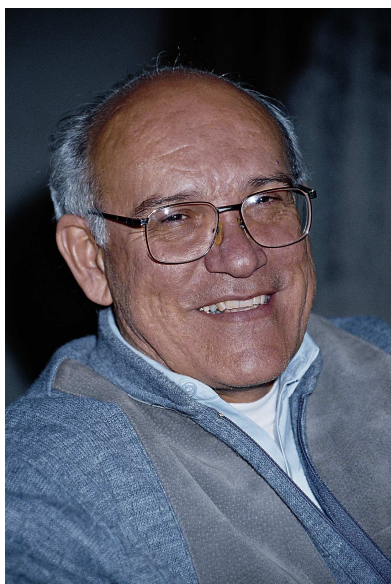
***IHU On-Line* Há necessidade de fazer uma releitura do mundo contemporâneo à luz da GS?**

Peter Hünermann- Atualmente, se necessita de uma análise crítica da posição da Igreja no mundo e nos diversos continentes e culturas, utilizando a GS como marco referencial. É certo que a teologia teria um enorme papel nesta revisão da vida eclesial. É certo também que, para uma tal iniciativa, se necessita da sábia liderança do episcopado em geral junto com o Papa. Ademais, uma tal revisão pressupõe iniciativas das conferências episcopais nacionais e continentais. A revisão – para superar um certo estancamento da Igreja – não se pode realizá-la sem uma ampla participação dos leigos, religiosos e religiosas, presbíteros e diáconos. Seria – sob o meu ponto de vista – a maneira mais séria de celebrar este grande acontecimento.

⁴⁶ **Charles Moeller**, teólogo belga, autor de uma obra muito difundida na década de 1950 e 1960, traduzida em várias línguas que é **Christianisme et Littérature du siècle XX**. Foi professor na Universidade Católica de Lovaina e perito do Concílio. (Nota da *IHU On-Line*)

Presença do Terceiro Mundo no Concílio

Entrevista com Oscar Beozzo



José Oscar Beozzo é padre, teólogo e um dos maiores historiadores da Igreja na América Latina. É coordenador geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (Cesep). É autor de inúmeros livros, entre os quais *A Igreja do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993. Faz parte do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA-Brasil), filiado à Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina e no Caribe (CEHILA). Beozzo acaba de publicar pelas Edições Paulinas, de São Paulo, o livro *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*. A obra é composta de 600 páginas de texto, que vêm acompanhadas de um caderno iconográfico com 50 imagens do evento conciliar e de seus participantes, de modo particular brasileiros. Dom Paulo Evaristo Arns foi quem escreveu as orelhas do livro e Dom

Aloísio Lorscheider, o prefácio. Giuseppe Alberigo de Bologna, o mais importante historiador do Concílio, escreveu a apresentação.

Confira a entrevista que o historiador e padre José Oscar Beozzo concedeu à *IHU On-Line*, n.º 96, de 12 de abril de 2004, que debateu o golpe militar de 1964.

IHU On-Line- Qual foi o papel dos bispos brasileiros durante a realização do Concílio vaticano II? E na elaboração da *Gaudium et Spes* (GS)?

Oscar Beozzo- Os Bispos do Brasil, com cerca de 200 padres conciliares, formavam o terceiro episcopado mais numeroso do Concílio, após o italiano e o norte-americano. Detinha, assim, com seus quase 10% dos votos, um peso bastante importante nas votações, de modo particular nas mais controvertidas e apertadas. Os votos dos brasileiros, com as normais flutuações, estiveram alinhados com a maioria conciliar que conduziu o Concílio pelas trilhas abertas por João XXIII em favor do

aggiornamento da Igreja, diálogo com as outras igrejas cristãs, com as outras religiões e com o mundo moderno. Por outro lado, o Brasil não detinha nenhum cargo nas instâncias de decisão e execução do Concílio: Conselho de Presidência, Secretaria Geral, Comissão de Coordenação, Colégio dos Moderadores, Tribunal de Assuntos Extraordinários, Presidência e Secretaria Geral das Comissões Conciliares e dos Secretariados. Essa ausência de representação nas instâncias oficiais foi compensada por intensa participação em grupos informais, com grande capacidade para influenciar os demais padres conciliares, os rumos do concílio e a opinião pública. Dentre esses grupos,

merecem especial menção, o da *Igreja dos Pobres*⁴⁷, com destacada atuação para que a Igreja se debruçasse sobre os problemas das maiorias empobrecidas do terceiro mundo e se tornasse, ela mesma, uma “igreja servidora e pobre”; o *Ecumênico*, articulação das conferências episcopais dos vários países e continentes, que procurou influenciar, de modo coordenado, a agenda conciliar, o conteúdo dos documentos e o rumo dos debates e das votações; o *Opus Angelí*, instrumento de cooperação entre Bispos e peritos conciliares e, finalmente, o esforço de sintonia fina entre a CNBB e o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) que agrupava cerca de 600 Bispos da América Latina e do Caribe, um quarto da Assembléia Conciliar. Nestas quatro instâncias, teve papel destacado, o então secretário-geral da CNBB e seu fundador, Dom Helder Pessoa Camara. O bloco mais radical da minoria conciliar, agrupado no *Coetus Internationalis Patrum*⁴⁸, que se opunha ferrenhamete à maioria das mudanças propostas pelo Concílio, da liturgia à atitude diante do mundo moderno, contou também com um pequeno, mas aguerrido, grupo de Bispos brasileiros capitaneados pelo Bispo de Campos, RJ, Dom Antônio de Castro Mayer e pelo Arcebispo de Diamantina, MG, Dom Geraldo de Proença Sigaud, secretário-geral do *Coetus*, cujo presidente era o Arcebispo francês Marcel Lefebvre. No

⁴⁷ Sobre este grupo confira ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II. Volume 2. A formação da consciência conciliar. O primeiro período e a primeira intersessão* (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis: Vozes, 2001, p. 192-198. Sobre a participação dos bispos brasileiros neste grupo confira BEOZZO, José Oscar, *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II. 1959-1965*. Paulinas: São Paulo, 2005, p. 190-194. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ Além do livro indicado em nota precedente, conferir também BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II. 1959-1965*. Paulinas: São Paulo, 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

pós-concílio, Lefebvre liderou um cisma conservador, fundando a Fraternidade Pio X e rejeitando as reformas conciliares. Em relação à *Gaudium et Spes*, uma grande conferência realizada na Domus Mariae, local de residência dos Bispos brasileiros, a 29 de novembro de 1962, por iniciativa de Dom Helder Camara e presidida pelo Cardeal Leo Joseph Suenens da Bélgica, reuniu lideranças da África, Ásia, América Latina com Bispos progressistas da Europa, para um “diálogo entre os dois mundos”. Como resultado do encontro, pediu-se que entrasse na agenda conciliar um diálogo efetivo entre o primeiro e o terceiro mundo, acerca dos graves problemas que afetavam os 2/3 mais pobres da humanidade: colonialismo, fome, guerras, doenças, analfabetismo e demais mazelas provindas da pobreza, das desigualdades sociais e das injustas relações entre países e classes sociais. A articulação que daí resultou foi o ponto de partida para o nascimento do esquema XVII sobre a Igreja no Mundo de Hoje, convertido depois em esquema XIII e finalmente aprovado sob o título de Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, na véspera do encerramento do Concílio, a 7 de dezembro de 1965.

Quais são as riquezas que mais destacaria no documento (GS)?

Oscar Beozzo- Em primeiro lugar, a atitude geral enunciada no próêmio: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo (GS 1). Em segundo lugar, sua qualificação teológica. Trata-se de uma “Constituição”, a forma mais solene de um documento conciliar, mas de uma constituição “Pastoral”, contrapondo-se à “Dogmática”. Esta é uma adjetivação absolutamente nova na história dos

concílios e denota o caráter teórico-prático da Constituição voltado mais para a ação concreta e transformadora no campo social, político, econômico e cultural do que para uma formulação doutrinal abstrata. Em terceiro lugar, o seu método de caráter indutivo, que parte da realidade concreta, como lugar dos “sinais dos tempos”, a partir do qual Deus nos interpela, para debruçar-se sobre a reflexão teológica e culminar em propostas de ação. De certo modo, antecipa *Gaudium et Spes*, o caminho metodológico seguido logo depois pela teologia da libertação⁴⁹.

Numa primeira parte, a *Gaudium et Spes*, depois de analisar a condição humana no mundo de hoje, enuncia os princípios que devem nortear a ação dos cristãos e inspirar homens e mulheres de boa vontade. Trata da dignidade da pessoa humana; do seu caráter social, inserida que está na comunidade humana mais ampla; do sentido da atividade humana no mundo e da função da Igreja no mundo de hoje. Na segunda parte, são abordados alguns problemas mais urgentes: a promoção e a dignidade do matrimônio e da família; a conveniente promoção da cultura; a vida econômica e social; a vida da comunidade política; a construção da paz e a promoção da comunidade dos povos.

De que maneira ela inspirou a Igreja no Brasil? A presença da Igreja na sociedade brasileira segue o espírito da GS? Que momentos de maior presença destacaria?

Oscar Beozzo- A GS inspirou a Igreja do Brasil em termos de uma atitude positiva e não pessimista diante do mundo; em termos de assumir claramente uma reflexão teológica e propostas de ação, com base na realidade concreta lida

⁴⁹ Para entender o método da Teologia da Libertação confira BOFF, Clodovis. *Teologia e Prática*. Petrópolis: Vozes, 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

como “sinais dos tempos”; em termos de criar um quadro de referência e melhor embasamento teórico, para o compromisso da Igreja do Brasil ao lado dos pobres em favor da justiça e de uma transformação social libertadora. De modo particular a *Gaudium et Spes* forneceu fundamentação mais firme para a defesa da pessoa humana, “cujos direitos e deveres são universais e invioláveis (GS 26) e para a tomada de posição diante dos abusos da ditadura militar e de um crescimento econômico sem justiça”. A Igreja do Brasil defendeu o tempo todo o retorno ao estado de direito e à plena participação política de todos os cidadãos e todas as cidadãs, num esforço para se implantar a justiça social e a superação das gritantes desigualdades econômicas e social. O documento da CNBB *Exigências Cristãs de uma Ordem Política* de 1977, encontra sua inspiração primeira na GS. De modo particular, uma passagem da GS foi evocada repetidas vezes pela Igreja do Brasil, na sua denúncia às violações dos direitos das pessoas e prática da tortura; trabalho escravo ou degradante e tráfico de mulheres: “tudo que atenta contra a própria vida [...]; tudo o que viola a dignidade da pessoa humana, como as mutilações, torturas físicas ou morais e as tentativas de dominação psicológica; tudo o que ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições infra-humanas de vida, os encarceramentos arbitrários, as deportações, a escravidão, a prostituição, o mercado de mulheres e jovens e também as condições degradantes de trabalho, que reduzem os operários a meros instrumentos de lucro, sem respeitar-lhes a personalidade livre e responsável: todas estas práticas e outras semelhantes são efetivamente dignas de censura. Enquanto elas infeccionam a civilização humana, desonram mais os que se comportam desta maneira, do que aqueles que padecem tais injúrias. E

contradizem sobremaneira a honra do Criador” (GS 27). A criação da Comissão Pastoral da Terra (1975) e o documento da CNBB *A Igreja e a Terra* (1980) encontraram respaldo teórico na insistência da GS na função social de toda propriedade, na denúncia do escândalo do latifúndio improdutivo e no apoio a uma reforma agrária que permitisse o acesso à terra aos trabalhadores rurais sem terra. Diz a GS: “Em muitas regiões economicamente menos desenvolvidas, existem grandes ou também extensíssimas propriedades rurais, pouco cultivadas, ou sem cultura alguma, à espera de valorização, enquanto a maior parte do povo não tem terra ou dispõe somente de parcelas mínimas, e, por outra parte, o desenvolvimento da produção nos campos se apresenta de urgência evidente. Não raro, os que são contratados pelos donos para o trabalho, ou que cultivam uma parte a título de locação, recebem um salário ou produção indignos do homem, são privados de habitação decente e são explorados por intermediários. Sem segurança alguma, vivem debaixo de tal servidão pessoal, que lhes é tirada quase toda a possibilidade de iniciativa e responsabilidade, sendo-lhes proibida qualquer promoção cultural humana e participação na vida social e política. Portanto, em vários casos, as reformas são necessárias para o crescimento das remunerações, o melhoramento das condições de trabalho, o aumento de segurança no emprego, o incentivo à iniciativa de trabalho e, também, a distribuição das terras insuficientemente cultivadas com aqueles que consigam torná-las mais produtivas. Em tal caso, devem ser fornecidos os recursos e meios necessários, sobretudo os subsídios de educação e possibilidades de uma justa organização de cooperativas. Todas as vezes que o bem comum exigir uma

expropriação, deve ser estipulada a indenização de acordo com a equidade, levando-se em conta todas as circunstâncias” (GS 71).

O senhor conheceu de perto Dom Helder Camara. Como ele acompanhou as mudanças do Concílio?

Oscar Beozzo- Dom Helder, não apenas acompanhou, como foi um dos principais atores conciliares, batalhando para que as decisões do Vaticano II se tornassem carne e vida no cotidiano da Igreja tanto do Brasil, como da América Latina e de outras partes do mundo que foram movidas por suas palavras e escritos proféticos e inspiradores.

Quais as relações que podem ser estabelecidas entre a GS, a *Populorum Progressio*⁵⁰, e a Conferência de Medellín?

Oscar Beozzo- O eixo estruturante da *Gaudium et Spes* foi muito mais o das relações entre a Igreja e o mundo moderno do que as contradições entre os povos ricos do norte industrializado e as nações empobrecidas do sul do mundo. Diante das dificuldades para que os problemas do sul empobrecido fossem plenamente debatidos e assumidos pelo Concílio cuja agenda foi dominada pelas preocupações dos episcopados centro-europeus e dos Estados Unidos e Canadá, Dom Helder e Dom Larrain, presidente do CELA, insistiram com Paulo VI e dele arrancaram a promessa de que as questões do subdesenvolvimento e da pobreza fossem tratadas numa encíclica pontifícia, logo depois do Concílio. O rascunho desta encíclica começou a ser preparado por estes Bispos com o auxílio

⁵⁰ **Populorum Progressio** é a encíclica de Paulo VI, de 1967. Ela versa sobre o desenvolvimento dos povos. É um documento importante para entender a trajetória da Igreja na América Latina. Ele é um dos documentos que inspira a Conferência de Medellín, em 1968. (Nota da *IHU On-Line*)

do Pe. Lebret OP, fundador do movimento “Economia e Humanismo”, cujo nome é citado explicitamente pela *Populorum Progressio*, numa inusitada, mas justa homenagem à sua pessoa, trabalho e reflexão que inspiraram muitas das passagens e o espírito mesmo da encíclica. *Gaudium et Spes* é o documento conciliar mais citado em Medellin, com 42 das 205 referências. *Populorum Progressio*, por sua vez, é o mais citado dentre os documentos de Paulo VI, 30 das 82 referências. Para a *Populorum Progressio* o desenvolvimento é o novo nome da paz e, para Medellin, a única guerra digna de ser travada é a guerra contra a fome, a miséria e o sub-desenvolvimento. O tema central do Concílio, a Igreja nas suas relações “ad intra” para dentro, tratado pela *Lumen Gentium* e a Igreja nas suas relações “ad extra”, para fora, abordado pela *Gaudium et Spes*, converte-se, em Medellin, no tema da “Pobreza na Igreja” e no de sua solidariedade com os pobres, em suas lutas por pão, dignidade e libertação.

IHU On-Line- Como o Papa Bento XVI está tentando dar respostas ou não, aos principais desafios que o mundo demanda à Igreja? Em que aspectos sim, em quais não?

Oscar Beozzo- É cedo para aquilatar um pontificado que está apenas começando. Só se pode desejar que o Papa traduza com coragem, ousadia e profecia o compromisso de fidelidade ao Concílio e de atenção aos desafios trazidos por novas situações à Igreja e à humanidade, anunciados em sua primeira alocução ao colégio cardinalício a 20 de abril de 2005: “Tenho à minha frente, em particular, o testemunho do Papa João Paulo II. Ele

deixa uma Igreja mais corajosa, mais livre, mais jovem. Uma Igreja que, segundo o seu ensinamento e exemplo, olha com serenidade para o passado e não tem medo do futuro. Com o Grande Jubileu foi introduzida no novo milênio, levando nas mãos o Evangelho, aplicado ao mundo atual através da autorizada repetida leitura do Concílio Vaticano II. Justamente o Papa João Paulo II indicou o Concílio como “bússula” com a qual orientar-se no vasto oceano do terceiro milênio (cf. Carta apost. *Novo millennio ineunte*, 57-58). Também no seu Testamento espiritual ele anotava: “Estou convencido que ainda será concedido às novas gerações haurir das riquezas que este Concílio do século XX nos concedeu” (17/3/2000). Por conseguinte, também eu, ao preparar-me para o serviço que é próprio do Sucessor de Pedro, desejo afirmar, com vigor, a vontade decidida de prosseguir no compromisso de atuação do Concílio Vaticano II, no seguimento dos meus predecessores e em fiel continuidade com a bimilenária tradição da Igreja. Celebrar-se-á precisamente este ano o 40º aniversário da conclusão da Assembléia conciliar (8 de dezembro de 1965). Com o passar dos anos, os documentos conciliares não perderam atualidade; ao contrário, os seus ensinamentos revelam-se particularmente pertinentes em relação às novas situações da Igreja e da atual sociedade globalizada” (Bento XVI, *Primeira mensagem* no final da concelebração eucarística com os cardeais eleitores na Capela Sistina, Roma, Libreria Editrice Vaticana, quarta-feira, 20 de abril de 2005).

Os bastidores da *Gaudium et Spes*

Entrevista com Aloísio Lorscheider



O Cardeal Dom Aloísio Lorscheider guarda sua participação no Concílio Vaticano II como uma das experiências que mais marcaram sua vida. Ele acredita que um dos maiores problemas da Igreja é o fato de ela não ter entendido o caráter pastoral do evento que deu uma reviravolta na vida da Igreja. O cardeal Dom Aloísio Lorscheider, OFM, concedeu a entrevista, que segue, ao **IHU On-Line**, na residência dos Franciscanos, em Porto Alegre, na última semana. Arcebispo Emérito de Aparecida do Norte, São Paulo, com 80 anos, renunciou ao cargo no dia 28 de janeiro de 2004. Dom Aloísio é Cardeal desde maio de 1976, e sua ordenação episcopal foi em 1962.

Sua ordenação presbiteral aconteceu em agosto de 1948, e sua profissão religiosa foi em fevereiro de 1944. Dom Aloísio Lorscheider é graduado em Teologia e Filosofia pelo Convento dos Franciscanos, de Divinópolis, Minas Gerais, e tem licenciatura e doutorado em Teologia Dogmática pelo Pontifício Ateneu Antoniano, de Roma, na Itália. Seu lema é *In Cruce Salus et Vita* (Na cruz, a salvação e a vida). Durante o episcopado, Dom Aloísio foi Bispo de Santo Ângelo, RS (1962-1973); secretário-geral da CNBB (06/1968-02/1971); presidente da CNBB (1971-1978); secretário nacional de Teologia e Ecumenismo da CNBB (1964-1971); coordenador da Comissão Episcopal de Doutrina; Arcebispo de Fortaleza, CE (1973-1995); 1º vice-presidente e presidente do CELAM (1976-1979); 1º vice-presidente e presidente da Cáritas Internacional; membro do Secretariado para a União dos Cristãos; membro do Conselho Pontifício *Cor Unum*; membro do Conselho Permanente do Sínodo; representante da CNBB junto ao CELAM; membro da Congregação para os Bispos; membro da Congregação para o Clero; membro da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade Vida Apostólica, membro do Conselho Pontifício da Cultura; delegado da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América (1997). Antes do episcopado, Dom Aloísio foi professor no Colégio Seráfico de Taquari, RS (1949-1952); professor de Teologia Dogmática, Espiritualidade e Pastoral em Divinópolis, MG (1953-1958); professor de Teologia Dogmática e diretor dos Estudantes no Pontifício Ateneu Antoniano em Roma (1958-1962), conselheiro provincial na Província Santa Cruz, MG; diretor dos Estudantes, em Divinópolis, MG; e visitador canônico da Província Franciscana Portuguesa. Em co-autoria com José Beozzo, Dom Aloísio escreveu o livro **500 Anos de Evangelização da América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1992. O Cardeal concedeu entrevista à **IHU On-Line** na edição 124, de 22/11/2004 e na edição 137 de 18/04/2005.

***IHU On-Line* - Quais foram as principais idéias debatidas no**

Concílio para aprovar a *Gaudium et Spes*?

Dom Aloísio Lorscheider - O ponto de partida foi a situação teológica da época. Alguns teólogos já falavam de teologia do cosmos, do mundo, teologia das realidades terrestres. Houve um interesse pelos problemas das relações entre Igreja-mundo e o Papa João XXIII achou isso muito bom. Ele converteu-se em um estímulo para que esse problema fosse, de fato, tratado e houvesse um documento no Concílio. Antes do Concílio, essas relações eram vistas sob uma ótica de “fuga do mundo”. O mundo é mau, não tem valores, é “pecaminoso”, então temos que nos defender. Por isso, a Igreja formou quase um gueto. A expressão mais viva dessa realidade são os muros dos mosteiros, dos conventos, que indicam a separação do mundo. Inclusive quando entrávamos na vida religiosa tínhamos que mudar de nome: eu era Leo Arlindo e quando entrei nos franciscanos virei Frei Aloísio. Tinha muitos outros gestos que marcavam essa “renúncia ao mundo”. Todo o problema que hoje se discute sobre o hábito e as vestes dos religiosos começou a decair, ainda hoje há alguns que não entendem. Mas, sobretudo na América Latina, não se dá mais valor a isso porque a Igreja e o mundo não formam uma separação, mas um todo. A Igreja deve ser um fermento no coração da humanidade, esse é o cerne da discussão. A GS foi o último documento do Vaticano II a ser promulgado, praticamente no apagar as luzes do Vaticano II, no dia 7 de dezembro de 1965. Dia 8, o Papa encerrou o Concílio.

IHU On-Line - Por que tanta demora em aprovar o documento?

Dom Aloísio Lorscheider - Justamente pelas tensões que o

documento provocou. Tensões que existem até hoje. Qual é o relacionamento entre a Igreja que caminha para uma realidade além da terrestre e o sentido do progresso humano? O grande problema do documento é o progresso humano. Esse é o debate. O progresso humano é uma espécie de preparação para a vinda final de Jesus Cristo? É uma espécie de aperfeiçoamento constante do mundo? Ou o que significa o progresso humano? Temos o progresso técnico e científico muito forte, às vezes, pensa-se que a Igreja é inimiga da ciência, mas a ciência não é absoluta, tem que olhar certos valores. No progresso técnico – científico também está a presença de Deus, mas ele não é absoluto. Um outro aspecto em debate no documento é o diálogo com o comunismo e o ateísmo. Eram problemáticas fundamentais daquele tempo e a Igreja devia torná-las suas para entender o que havia de bom nelas. A GS nos capítulos 19 a 21 trata do ateísmo. No fundo, o problema central do documento era este: como vamos dialogar com o ateísmo? Hoje se apresenta com outras formas, secularismo, relativismo moral, consumismo: se nada é absoluto, vamos consumir. Esses parágrafos procuram ter um olhar mais positivo sobre o sentido do ateísmo. O que nós, cristãos, podemos aprender do ateísmo? Como podemos dialogar? A GS dialoga com o ateísmo, por isso não é definitivo, está prevista, no próprio documento, a sua revisão, o que talvez já deveria ter sido feito. Naquela época, o ateísmo que estava em foco, era o ateísmo comunista, de Marx. Embora o Concílio inteiro condenava o marxismo, ele queria dialogar com o marxismo. A pergunta fundamental diz respeito a quem é o

homem: pessoa humana individual e coletiva? Para o marxismo, é mais o homem coletivo, então a Igreja procura mostrar na primeira parte do documento qual é a nossa visão da pessoa humana individual e coletiva. Isso é válido para um diálogo com as outras tendências, especialmente a marxista, que concebia um humanismo materialista, mas era um tipo de humanismo que estava posto no centro.

***IHU On-Line* - Como caracterizaria o Papa João XXIII?**

Dom Aloísio Lorscheider - No discurso de abertura ele afirmou que esse Concílio seria uma novidade para o mundo. A conhecida imagem de abrir as janelas para o mundo. Anunciou que a Igreja devia se alegrar porque chegou o tempo de buscar a construção da paz no mundo, buscar um mundo muito mais reconciliado. Ele foi inspirado por Deus, um profeta de nosso século sem querer ser profeta. Ele era um homem simples, que tinha uma grande devoção, como outros cristãos da época. Mas ele teve a percepção de que a Igreja devia se aproximar do mundo e por isso convocou o Concílio. Para mim, a *Gaudium et Spes* é o documento fundamental do Concílio e o devemos, em parte, a essa inspiração de João XXIII. A *Lumen Gentium* foi mais uma resposta ao que faltava no Vaticano I. Nesse Concílio, só se definiu o primado e a infalibilidade do Papa, a participação dos Bispos ficou sem ser definida. A *Lumen Gentium* completou esses aspectos, especialmente com a influência de Paulo VI. Mas essa percepção de aproximação do mundo, maior inserção nas realidades, especialmente as mais pobres, vem de

João XXIII. É a Igreja na sua vivência prática.

***IHU On-Line* - E Paulo VI?**

Dom Aloísio Lorscheider - Era uma pessoa moderada. Viveu os efeitos mais negativos do Concílio, muitas saídas da vida religiosa, muitos cristãos se questionando. O grande papel dele foi pôr em prática o Concílio. Ele marcou quatro diálogos centrais que foram seguidos: da Igreja consigo própria, com as outras religiões cristãs, com as outras religiões e com aqueles que não crêem.

***IHU On-Line* - Como funcionavam os grupos nas discussões conciliares? Como eram manifestadas as diversas visões em relação à Igreja e a sua relação com o mundo?**

Dom Aloísio Lorscheider - Os cardeais Gicognani⁵¹, Confalonieri⁵² e Ottaviani⁵³, mesmo aqui no Brasil, Dom Sigaud, eram pessoas que não queriam aceitar esse contato da Igreja com o mundo. Achavam que contradizia documentos anteriores. Sobretudo da época de Pio X, na que houve um momento que se chamava modernista. Nesse tempo, já se levantava a necessidade de maior diálogo da Igreja com o mundo. Pio X com os teólogos da época se opuseram e elaboraram documentos

⁵¹ Amleto Giovanni Cicognani era Secretário de Estado do Vaticano, nomeado por João XXIII, em 1961. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² Secretário da Congregação consistorial com competência para a escolha dos Bispos. Sobre ele confira o livro ALBERIGO, Giovanni. *História do Concílio Vaticano II*, op. cit., p.68-71. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ Alfredo Ottaviani presidia a congregação do Santo Ofício. Segundo Beozzo, era o "todo-poderoso e temido Cardeal Ottaviani". Cf. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*, op. cit., 124-5. (Nota da *IHU On-Line*)

em que se via com desconfiança essa “liberdade religiosa”. A GS, depois, incluiria a liberdade religiosa, que foi muito importante. As pessoas que rodeavam os cardeais Otaviani, Gicognani, Confalonieri, com seus teólogos Tromp⁵⁴ e Lio⁵⁵ (este era franciscano, eu lecionei com ele em Roma), eram mais fechadas. Outros cardeais, como Suenens e Lercaro e seus teólogos Congar, Chenu, Daniélou, Rahner eram favoráveis ao diálogo e à abertura da Igreja. Eram os dois grandes grupos. Na verdade, às vésperas do Concílio, em 1950, havia o que foi chamado de *teologia nouvelle*⁵⁶, teologia nova. O Papa Pio XII publicou uma encíclica, *Humanis Generis*, em que questionava certos “erros” desta tendência. Teólogos como Daniélou, De Lubac, Von Balthasar, Rahner foram colocados de escanteio e afastados do ensino. Até esse momento o ensino hegemônico era o neo-escolástico, as universidades que fugiam disso eram consideradas transgressoras. Entretanto, quando começou o Concílio, algo que até hoje não está

⁵⁴ Segundo Hans Küng, Sebastian Tromp, era um jovial holandês, professor de Teologia Fundamental na Pontifícia Universidade Gregoriana. Küng foi seu aluno. Depois, no Concílio, Tromp e Küng estarão em campos totalmente opostos. Cf. KÜNG, Hans *La libertad conquistada*, op. cit., p.453-75. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁵ **Ermenegildo Lio**, segundo Hans Küng, “homem forte do Cardeal Ottaviani”, op. cit. p. 565.

Suenens dirsse, referindo-se à elaboração da *Gaudium et Spes*: “Ele é nosso Tromp”. Ou seja, o que era Tromp na elaboração da *Lumen Gentium*, Lio era na elaboração da *Gaudium et Spes*.

Cf. o artigo de João Batista Libânio, Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. **Cadernos Teologia Pública** n.º 16, 2005, p. 16 e 17. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁶ Conforme o artigo de João Batista Libânio, *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento*. **Cadernos Teologia Pública** n.º 16, 2005, p. 16 e 17. (Nota da *IHU On-Line*)

muito claro, esses teólogos foram convocados para serem teólogos do Concílio. Alguns cardeais levaram seus próprios teólogos. O atual Papa, por exemplo, foi teólogo do Arcebispo de Colônia, o Cardeal Frings, que foi uma das grandes figuras deste Concílio. Ratzinger, na época, era do grupo mais aberto, Hans Küng, Rahner, etc., tinha uma postura de diálogo com o mundo, com as outras religiões e os que não crêem. Essa postura era o divisor das águas de onde fluíu a *Gaudium et Spes*. A GS não recebeu uma votação unânime, mas sim maciça. Esse grupo que sempre votou contra, no qual estava também Lefebvre, até o último momento votou contra. Por isso, a GS teve que passar por muitas modificações e houve dúvidas quanto à sua publicação até o último momento. Contudo, como se havia criado uma certa expectativa, na sociedade, em relação a esse texto resolveram, apesar dos pesares, publicá-lo, mas com a especificidade de que é um documento provisório e pode ser revisto.

IHU On-Line- De que forma participavam os latino-americanos? Que papel tiveram no Concílio O brasileiro Dom Helder e o chileno Dom Larrain?

Dom Aloísio Lorscheider- O papel deles foi pressionar nos bastidores. Eles faziam suas amizades e “empurravam”. Havia muitas reuniões nas casas onde moravam, nos bastidores, era um concílio paralelo. Essas reuniões, ao lado das reuniões oficiais, eram para aprofundar os temas e quando se concordava sobre um assunto se decidia votar de determinada forma em grupo.

IHU On-Line- Então a participação latino-americana foi mais nos bastidores?

Dom Aloísio Lorscheider- Foi. O protagonismo latino-americano foi mais nas conferências gerais. Se nós tivéssemos tido no Concílio a consciência que depois tivemos nas conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, as coisas teriam sido diferentes. Medellín, em 1968, foi para nós muito importante, uma continuidade da GS. Ali os Bispos latino-americanos observaram a realidade do Continente em particular e como devia ser aqui a relação da Igreja com o mundo. Isso continuou em Puebla e em Santo Domingo. No Concílio, os Bispos da América Latina não estávamos tão organizados quanto os da Europa. Os moderadores do Concílio foram europeus: Dopner, da Alemanha, Suenens, da Bélgica, Lercaro, da Itália e Agagianian, da Armênia. Menos o último, todos eram do grupo mais aberto. Nas comissões, como presidentes, havia só europeus. Um livro muito interessante que relata muito bem todo esse momento foi escrito por Oscar Beozzo⁵⁷.

IHU On-Line - Bento XVI vai trabalhar no rumo da GS?

Dom Aloísio Lorscheider - Ratzinger trabalhou na GS. São três funções diferentes. Como teólogo, como prefeito e como Papa, três funções muito diferentes. Muitas coisas que, na Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, se atribuíram a Ratzinger, não eram dele. Havia um grupo enorme de assessores que fazia parte dessa Congregação.

⁵⁷ O autor refere-se ao livro de José Beozzo e Dom Aloísio, *500 Anos de Evangelização da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1992. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line- Entre João Paulo II e Bento XVI, quem se aproxima mais do espírito da GS?

Dom Aloísio Lorscheider- Bento XVI. Acompanhei todos seus discursos até o momento e fiquei impressionado, está sendo muito fraterno e disponível. Acho que o de Bento XVI será, apesar de tudo, um grande pontificado, breve, porque ele já é idoso, mas acho que vai permanecer na história.

Depoimentos

Nas páginas a seguir, a *IHU On-Line* convidou diversas pessoas que acompanharam o Concílio como participantes ou com um profundo engajamento na vida da Igreja para contar sua visão e suas diversas experiências da passagem do evento eclesial mais importante do século XX. Confira abaixo os depoimentos concedidos por e-mail.

Dom Dadeus Grings é arcebispo de Porto Alegre. Estudou na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Foi ordenado sacerdote em 1961. Exerceu docência em Filosofia, Teologia e Direito Canônico. Foi juiz do Tribunal Eclesiástico Regional de Porto Alegre e secretário do Conselho de Presbíteros. De 1981 a 1985, trabalhou na Secretaria de Estado, no Vaticano. Foi ordenado Bispo em 1991. Em 1999, foi reeleito para na Assembléia Nacional dos Bispos do Brasil, para a Comissão Episcopal de Doutrina. Em 2000, Dom Dadeus foi nomeado pelo Papa João Paulo II, Arcebispo Coadjutor de Porto Alegre. Foi eleito Presidente do Regional Sul 3 da CNBB. Em 7 de fevereiro de 2001, assumiu efetivamente como Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre. Desde 1965, escreve em diversos jornais e revistas. Publicou 32 livros, entre eles *A igreja de cristo para o terceiro milênio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997 e *Dialética da política*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Dom Ivo Lorscheiter é bispo emérito de Santa Maria. Foi por dois mandatos secretário-geral e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Como secretário-geral e presidente da CNBB, durante o regime militar, sempre defendeu com firmeza e coragem os direitos humanos. Nomeado bispo auxiliar de Porto Alegre, ele participou da última sessão do Concílio.

Benno Brod, pároco em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. Foi ordenado padre jesuíta quando da realização do Concílio Vaticano II e viveu com entusiasmo contagiante a novidade da era conciliar.

Benno João Lermen é teólogo. Foi professor do recém-criado Departamento de Teologia da UNICAP, em 1974, espaço de atuação teológica de leigos e leigas. Doutorou-se em Teologia, com tese em Paul Tillich⁵⁸. Ele recorda os cenários divergentes que viveu em 1964-1965, quando os militares chegavam ao poder no Brasil, e quando a *Gaudium et Spes* vinha a público nas aulas de Teologia que freqüentava no Colégio Cristo Rei, em São Leopoldo.

⁵⁸ Paul Tillich (1886-1965) nasceu na Alemanha, mas viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de uma importante obra teológica. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser*. 6. ed. Editora Paz e Terra, 2001 e *Amor, Poder e Justiça*. Editora Cristã Novo Século, 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

Boaventura Kloppenburg, frei franciscano é bispo emérito da Diocese de Novo Hamburgo. Participou como teólogo no Concílio Vaticano II, assunto sobre o qual tornou-se perito. Entre diversos livros, escreveu, entre muitos outros livros, *Igreja e Maçonaria – conciliação possível?* 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. A edição número 4 dos *Cadernos de Teologia*, de 2004, do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada *No quarentenário da Lumen Gentium*, foi escrita por Kloppenburg. Ele concedeu à *IHU On-Line* a entrevista *Os dogmas da Lumen Gentium*, na edição 124, de 22 de novembro de 2004.

Boaventura Kloppenburg é autor dos cinco volumes intitulados **Concílio Vaticano II**, publicados entre 1962 e 1965, pela Editora Vozes. São as crônicas detalhadas das quatro sessões do Concílio. Trata-se de uma importante obra de referência, reconhecida internacionalmente.

Agostinho Pretto, gaúcho de Encantado, ordenado padre, em 30 de novembro de 1953, foi convidado a organizar a Juventude Operária Católica (JOC) no Rio Grande do Sul. Dez anos depois, em 1963, mudou-se para o Rio de Janeiro onde passou a trabalhar como assistente eclesiástico nacional da JOC. Com o golpe militar de 1964, a ditadura passou a perseguir os setores progressistas da Igreja Católica. Em 1970, as sedes da JOC e demais pastorais sociais foram lacradas pela polícia em todo o Brasil, tendo vários de seus dirigentes e assistentes eclesiásticos presos e torturados, entre eles Pe. Agostinho.

Há mais de 40 radicados no Rio de Janeiro, Agostinho Pretto, hoje, é pároco em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

“O que não se renova, esclerosa”

Por Dom Dadeus Grings

O Papa João XXIII surpreendeu a Igreja com a convocação de um Concílio Ecumênico. Após a definição do dogma da infalibilidade do Papa em questões de fé e moral, julgou-se que a era dos concílios estava concluída. O anúncio do Papa João XXIII provocou perplexidades: primeiro se seria continuação do Concílio Vaticano I, interrompido em 1870 pela tomada de Roma, ou se seria um novo Concílio. Aos poucos foi determinando-se a novidade, tanto pelo tempo transcorrido como pela problemática a ser enfrentada. O tema do Concílio Vaticano II é a Igreja vista sob

dois ângulos: *ad intra* e *ad extra*, ou seja, respectivamente, uma autoconsciência eclesial e sua presença no mundo de hoje. Foram 16 documentos

emanados. Mas dois marcam, de modo especial, esta dupla visão: a *Lumen Gentium*, que nos apresenta a visão da Igreja, e a *Gaudium et Spes*, que enfrenta



a problemática do mundo contemporâneo.

Estive em Roma, como estudante de Teologia, na época do anúncio do Concílio. Acompanhei a fase preparatória, com os debates e propostas. E, depois, assisti à primeira fase da realização do Concílio, quando todos os anteprojetos dos documentos foram sistematicamente rejeitados, substituídos ou profundamente reformados. O fato de todos os Bispos católicos do mundo e mais significativo número de observadores das diversas confissões cristãs se reunirem em Roma e livremente debaterem e enfrentarem os problemas da Igreja e do mundo, trouxe nova vida e abriu novas perspectivas. De início, parecia que tudo vacilava. Todavia, como se sabe, que é o Espírito Santo quem dirige a Igreja, nunca faltou confiança e certeza de que se estava encontrando um caminho novo para a evangelização sob o impulso do Espírito Santificador. O Concílio não veio com as soluções caídas do céu. Trouxe para toda a Igreja e para o mundo o que de melhor

se estava elaborando nas bases, quer sobre a concepção da própria Igreja quer sobre a atuação no mundo atual. Tudo isso confluía em Roma, vindo de toda a parte da terra.

O mais importante resultado do Concílio foi o novo espírito de iniciativa e de diálogo, que começam a reinar na Igreja. Sabemos que o que não se renova esclerosa. O Espírito Santo dirige e renova constantemente a Igreja, dando-lhe novo vigor e novas perspectivas. A ação desse Espírito está sintetizada nos 16 documentos, que devem ser lidos e necessitam, ainda hoje, passados 40 anos, da aplicação, de modo a renovar e aprofundar a concepção e a ação da Igreja, tanto dentro de seu próprio seio como na sua relação com o mundo.

A maior contribuição do Concílio, além de realçar a centralidade da SS. Trindade, a ação de Cristo e do Espírito Santo, foi a consciência de serviço que, tanto a Igreja toda como cada fiel, deve prestar, com responsabilidade e humildade, à humanidade inteira.

A GS busca sua implementação na Conferência de Medellín

Por Dom Ivo Lorscheiter



Fui nomeado Bispo Auxiliar de Porto Alegre em fins de novembro de 1965, cabendo-me então,

mesmo antes de ser ordenado Bispo, ir a Roma, para participar dos últimos trabalhos, votações e solene conclusão, do Concílio, cujo desenrolar eu havia acompanhado como reitor e professor de Teologia no Seminário Maior de Viamão.

Foi evidentemente uma grande experiência espiritual e pastoral. O grande e carismático Papa João XXIII havia insistido, de muitas maneiras, que o Concílio deixasse claro o seu propósito de abrir-se muito para o mundo e para as outras Comunidades Religiosas.

Para o começo dos trabalhos, o Papa havia organizado 70 comissões, uma para cada tema. Durante os estudos e debates, houve fusões e, portanto, reduções, de modo que se chegou a 17 esquemas. De fato, no fim dos esforços do Concílio, foram aprovados

pelos padres conciliares e promulgados pelo Papa 16 documentos assim classificados: 4 Constituições⁵⁹ (de índole mais doutrinária), 9 Decretos⁶⁰ (de índole mais disciplinar), e 3 Declarações⁶¹ (mais breves, porém também de muita importância). Toda essa riqueza inovadora deve ainda ser estudada e aprofundada por todos nós. Aliás, convém notar que, pouco depois da conclusão do Concílio, portanto em 1968, o episcopado latino-americano realizou a grande e importante assembléia de Medellín, para aplicar e concretizar essa riqueza para o nosso Continente. As conclusões de Medellín⁶², bem ricas e sábias, estão também ordenadas em 16 documentos.

Entre os temas indicados no início do Concílio, não constava explicitamente a *Gaudium et Spes*. Contudo, no fim da 1ª Sessão Conciliar, portanto a 4 de dezembro de 1962, o Cardeal Suenens, de Malines,

⁵⁹ As **quatro constituições** são, em ordem cronológica: *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Liturgia, *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina e *Gaudium et Spes*, sobre a presença da Igreja no mundo moderno. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁰ Os nove decretos são, em ordem cronológica: *Inter Mirifica*, sobre os Meios de Comunicação Social; *Orientalium Ecclesiarum*, sobre as Igrejas Orientais; *Unitatis Redintegratio*, sobre o Ecumenismo; *Christus Dominus* sobre o múnus pastoral dos Bispos da Igreja; *Perfectae Caritatis*, sobre a renovação da vida religiosa; *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal; *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos; *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja; *Presbyterorum Ordinis*, sobre o ministério e a vida dos presbíteros. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶¹ As três **declarações** são, em ordem cronológica: *Gravissimum Educationis*, sobre a Educação Cristã; *Nostra Aetate*, sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs; *Dignitatis Humanae*, sobre a liberdade religiosa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶² Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II, reuniu-se, em Medellín, Colômbia, a 2ª Assembléia Geral do Conselho do Episcopado Latino-Americano (CELAM). As conclusões de Medellín marcaram a vida da Igreja latino-americana na sua opção pelos pobres, pelas comunidades eclesiais de base e pela educação libertadora. (Nota da *IHU On-Line*)

Bélgica, fez uma importante intervenção, pedindo que o Concílio, além de debater e votar as questões referentes à Igreja *ad intra*, estudasse também a Igreja *ad extra*, especialmente suas relações e ações com o mundo de hoje. Para realizar esse pedido, a Coordenação solicitou que as duas Comissões, a de Teologia e a dos Leigos, organizassem uma nova Comissão Mista, para preparar o novo tema, aliás muito desejado pelo Papa João XXIII. Evidentemente, isso custou muito empenho e numerosas reuniões dessa Comissão Mista, pois não havia trabalhos preparados. Muitas redações e sugestões foram trazidas ao plenário, ouvindo-se, a certa altura, o seguinte comentário do Cardeal Döpfner, de Munique: “Este novo texto deverá ser a mais brilhante obra pastoral do Concílio”. E o perito e cronista Boaventura Kloppenburg chegou a escrever: “Este novo e complexo assunto provocou numerosas intervenções, que foram as mais revolucionárias do Concílio”.

Depois de muitos debates e votações, chegou-se aos seguintes resultados: O tema se chamaria *Gaudium et Spes*, para marcar um prudente clima de otimismo. Ele se classificaria como “Constituição Pastoral”, porque teria um conteúdo teológico, mas também contemplaria aspectos concretos urgentes.

Assim foi, pois, ordenado e promulgado este mais longo e original Documento do Concílio:

Parte I – Capítulos Doutrinários

1º (nn. 11-22): Dignidade da Pessoa Humana

2º (nn. 23-32): Comunidade Humana

3º (nn. 33-39): Atividade Humana

4º (nn. 40-45): Funções da Igreja no Mundo.

Parte II – Problemas Concretos e Urgentes

1º (nn. 47-52): Matrimônio e Família

2º (nn. 53-62): Promoção da Cultura

3º (nn. 63-72): Vida Econômica – Social

4º (nn. 73-76): Comunidade Política

A efervescência da Igreja x o fechamento da ditadura no Brasil

Por Benno João Lermen

Ao iniciar, em 1964, os estudos de Teologia no Cristo Rei, estávamos confrontados com dois movimentos de sentidos opostos. De um lado, o da “Revolução de 1964”⁶³, que representava nitidamente um cenário de fechamento da vida pública. De outro lado, a efervescência de idéias e as mudanças de rumo, vindas do Concílio Vaticano II, que traziam claramente os sinais duma abertura nunca dantes vista por parte da Igreja.

A súmula mais consistente das mudanças trazidas pelo Concílio foi aprovada em sessão pública no dia 7 de dezembro de 1965, na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, versando sobre *A Igreja no Mundo de Hoje*. Traduzida e divulgada pela Editora Vozes em fevereiro de 1966, serviu-nos de base para um seminário de estudos, durante o primeiro semestre do ano, orientado por um dos nossos professores⁶⁴ de Teologia Moral.

⁶³ Revolução de 1964 - Movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos EUA, desencadearam a *Operação Brother Sam*, que garantiu a execução do Golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar os militares assumiram o poder. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar, o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*. Confira, também, as edições nº 96 da *IHU On-Line*, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, e nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 - 2004: hora de passar o Brasil a limpo*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁴ O entrevistado refere-se ao ex-padre jesuíta Marcos Bach, doutor em Teologia Moral pela

Abriam-se perspectivas inteiramente novas. Desde a entrada no seminário menor em 1946 – vinte anos antes – eu ouvia falar do mundo como ponto de “retirada”. Nossas casas de formação eram “castelos”, isolados no alto de outeiros. O mundo ficava “de fora” delas. Visível ou invisível, havia uma “muralha” que separava os vocacionados da grande ameaça representada pelo mundo. E agora, a perspectiva mudando...

Cabe desempenhar todas as atividades terrestres, “unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos, em uma síntese vital com os valores religiosos” (GS 43). E também: “a Igreja admite tudo o que há de bom no dinamismo social de hoje, principalmente a evolução para a unidade, a marcha da sã socialização e das formas de associação civil e econômica” (GS 42). Que cenário inédito para a Teologia: o espaço público tomando seu lugar no discurso teológico!

Esta nova teologia me fascinou de imediato. Fiz o doutorado em Teologia, com uma tese sobre Paul Tillich, um teólogo da síntese: as fronteiras separadoras desaparecem, razão e revelação, religião e cultura, sagrado e profano se intercomunicam. Posteriormente, conheceria Dom Helder Câmara, no Recife, onde atuei por 20 anos. Ele morava na igreja, chamada “das

Universidade Gregoriana de Roma. (Nota da *IHU On-Line*)

Fronteiras”, mas era um autêntico “pontífice”, ou seja, um fazedor de pontes. Esse “homem do diálogo” e o “teólogo da síntese” estão entre os baluartes do meu pensamento, ao lado dum Teilhard de Chardin, no âmbito mundial, e dum Balduino Rambo, no contexto regional. Estes dois últimos, legítimos representantes da mística inaciana expressa na contemplação final dos Exercícios [O autor refere-se à “Contemplação para alcançar o Amor” que conclui os Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola. Sobre este tema confira Ulpiano Vazquez. A contemplação para alcançar o amor. São Paulo: Loyola, 2005].

Mais do que expectativas, eu descobria perspectivas. E procurei atuar em coerência com elas. Vejo muitos dos “castelos” de antigamente despovoados. Algo mudou radicalmente. Um “tsunami” da História os desfez, como castelos de areia à beira-mar. Talvez valesse a pena recolher a experiência das pessoas que tiveram o privilégio de viver intensamente este processo de mudança. Por certo, seria válida para encarar os desafios que a Igreja vem enfrentando hoje.

A vibração pela Igreja que optava pelos pobres

Por Benno Brod

Fui ordenado no início dos anos do Concílio. Em seguida, como professor, orientador espiritual e responsável pela liturgia no seminário onde trabalhava (Salvador do Sul), acompanhei com muita vibração o desenrolar das sessões do Concílio. Todas as notícias que nos vinham as repassávamos aos seminaristas. À medida que vinham essas notícias, só aumentava nosso interesse. Eu diria que, de fato, era uma vibração! No encerramento do Concílio, fizemos uma celebração solene na grande capela do seminário, durante a qual, de repente, uma banda, formada de seminaristas, não muito experientes, mas muito animados, irrompeu, lá do alto do coro, o “Deus eterno, a vós louvor”. Foi quase um susto que contagiou toda a capela e, por isso

mesmo saiu das gargantas dos jovens seminaristas talvez o mais bonito *Te-Deum*, que já se tinha cantado naquela capela.

Como se sabe, a primeira coisa que o Concílio operou foi uma série de mudanças, já há muito tempo desejadas, no campo da liturgia. Isso trouxe visibilidade ao Concílio, um tanto de apreensão para bastante gente, acostumada ao ritmo de uma herança já secular, mas também muita melhora nas celebrações. Graças a Deus, muito mais mudanças, para melhor, vieram para a liturgia nos anos seguintes.

Sucediam-se as sessões do Concílio, e vinham sendo oferecidos sempre novos frutos. Uma das discussões que foi por nós acompanhada, também com muito interesse, foi sobre a

Igreja: a compreensão de Igreja-Povo de Deus, os ministérios e funções na Igreja como serviço, a teologia trinitária como inspiradora do modelo de Igreja, a opção de ser Igreja dos pobres.

Quanto à *Gaudium et Spes*, em particular, lembro que essa discussão foi também acompanhada por nós com vibração. Ouvíamos falar do chamado “Grupo dos 13”, um grupo de bispos, que os jornalistas chamavam de progressistas: Suenens, Liénart, König⁶⁵, nossos Dom Aloísio⁶⁶, Dom Hélder e outros, que insistiam muito na urgência desse projeto. Noticiava-se que o cardeal Suenens foi o primeiro que o sugerira, mas dizia-se que a pequena figura de D. Hélder era como que o coração do grupo. Não podemos negar, penso eu, um certo bairrismo nessa vibração, mas todos vimos depois que realmente esse projeto, longamente discutido na segunda, terceira e quarta sessões do Concílio, e enriquecido por centenas de sugestões escritas e também por centenas de discursos dos padres conciliares (sim, centenas; mais de trezentos!), foi um documento que apresentou ao mundo um modelo de Igreja que nos entusiasmava! A *Gaudium et Spes* nos dava a sensação de que a Igreja procurava, humildemente, mas também corajosamente, apresentar ao mundo sua identidade de servidora da

humanidade e, ao mesmo tempo, sua cidadania neste mundo.

Numa palavra, o Concílio, e toda a série de renovações que lhe seguiram (como, por exemplo, a Conferência de Medellín, três anos depois do Concílio, com suas Comunidades de Base, sua opção de ser uma igreja popular, dos pobres, “convertida ao homem”), a nossa CNBB, com todo o seu vigor durante a ditadura militar, a CRB [Conferência de Religiosos do Brasil], os cursos de atualização, a organização de tantas pastorais que surgiram no Brasil, como: a pastoral operária, indígena, etc. - tudo isso sustentou o entusiasmo que o Concílio havia suscitado. A gente estava realmente contente e feliz de ser membro dessa Igreja, e eu, pessoalmente, estava vibrando como padre novo nessa Igreja! Lembro uma frase que já tinha sido dita pelo nosso espiritual na Teologia, o Pe. Géza Koevecses SJ: “Coisa maravilhosa nós vivermos hoje!” Isso expressava com exatidão o que eu também sentia.

⁶⁵ Franz König, Cardeal-Arcebispo de Viena, foi uma das grandes figuras do Concílio. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁶ D. Aloísio Lorscheider, cardeal, arcebispo emérito de Aparecida do Norte, São Paulo. Participou do Concílio como Bispo de Santo Ângelo, RS. A revista *IHU On-Line* publicou uma entrevista com ele, sob o título *A centralização da Igreja é um dos problemas que ainda persistem*, edição 124, de 22 de novembro de 2004, sobre a *Lumen Gentium*. (Nota da *IHU On-Line*)

Otimismo humanista da *Gaudium et Spes*

Por Boaventura Kloppenburg

A Declaração do Concílio Vaticano II sobre a liberdade religiosa começa com a seguinte verificação: "Os homens do nosso tempo tornam-se sempre mais cômicos da dignidade da pessoa humana. Cresce o número dos que exigem que os homens em sua ação gozem ou usem de seu próprio critério e de liberdade responsável, não se deixando mover por coação, mas guiando-se pela consciência do dever. Da mesma forma, postulam uma delimitação jurídica do poder público, para não ser por demais cerceado o campo da liberdade honesta tanto da pessoa quanto das associações". O concílio aprova expressamente esta tendência (Dignitatis Humanae (DH), 1a).

A GS n. 26b faz a mesma constatação e dá idêntica aprovação. Cresce a consciência da dignidade exímia da pessoa humana, superior a todas as coisas, com direitos e deveres universais e invioláveis, pois é um sinal eminente da imagem de Deus no homem. O fermento evangélico despertou e provoca no coração do homem uma irrefreável exigência de dignidade.

Por tudo isso a GS dedica o primeiro capítulo de sua primeira parte à "dignidade da pessoa humana", como está no título. O ser humano é a principal preocupação de todo esse volumoso documento conciliar. "É o homem, considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade, que será o eixo de toda a nossa explanação" (n. 3a). O Concílio quer ajudar a "esclarecer o mistério do homem" (n.10). Mas a Igreja o fará "instruída pela revelação de Deus" (12b). Tal com o é visto e entendido pela GS, o ser humano um ser criado à imagem de Deus.

Concordam os exegetas e entendidos nas antigas línguas orientais em explicar que a expressão bíblica "imagem de Deus" tem o significado ativo de cooperador de Deus, seu auxiliar na obra da criação e

construção do mundo. Por isso, é o homem constituído senhor de todas as coisas existentes na terra: para as dominar, aperfeiçoar, usar e tornar mais humanas; e ser, assim, de fato, o centro e o ponto culminante, o rei e o sacerdote da criação. Nisso não há orgulho nenhum, pois essa é sua vocação por vontade do Criador, contanto que reconheça a Deus como Criador de todas as coisas, referindo-as a si mesmo e a universalidade das coisas a Deus, considerando-se sempre Sua imagem, sempre um reflexo de Deus, um ser que participa da luz da inteligência divina, um ser com semente divina, de eternidade, única criatura na terra que Deus quis por si mesma e que foi criada por amor e para o amor.

Renuncia a ser imagem de Deus e Seu cooperador o homem inativo, que deixa tudo como está, que se conforma passivamente com as circunstâncias, que não pretende melhorar as coisas da natureza para torná-las mais humanas e mais a serviço do homem e para o bem do homem, que se julga como que entregue ao destino e ao fatalismo, que vê em tudo e em todos os acontecimentos adversos a simples realização ou manifestação da vontade de Deus contra

a qual seria proibido lutar ou tomar posição.

O homem foi colocado por Deus num mundo inacabado, imperfeito, apenas começado, em evolução, com grandes virtualidades que devem ser atualizadas, com numerosas forças brutas que devem ser domadas. É tarefa do homem, por ordem divina, continuar, aperfeiçoar, ajudar a evoluir, atualizar as virtualidades da natureza, domar as forças cegas do universo, para então ser o senhor e rei, centro e ponto culminante, “imagem de Deus”.

Agir desta maneira significa obedecer a Deus.

Assim se entende também aquela outra palavra da GS 12c: que o homem foi criado à imagem de Deus *para dar glória a Deus*; para que, com todas as coisas submetidas ao homem, o nome de Deus seja admirável na terra (34a), pois “as vitórias do gênero humano são um sinal da magnitude de Deus e fruto de seu inefável desígnio” (34c).

É empolgante e maravilhosa esta doutrina do Vaticano II! Deus é louvado e glorificado mediante a sujeição de todas as coisas ao homem, Sua imagem. *Gloria Dei est vivens homo*⁶⁷: a realização do homem é a glória de Deus, exclamava no fim do século II Santo Irineu de Lião (*Adv. Haer.* IV, 20,7). Dessa maneira, o homem se transforma em autêntico sacerdote da criação: nele (que sintetiza em si os elementos do mundo material) e por ele o mundo “apresenta livremente ao Criador uma voz de louvor” (14a); “por ele (*per eum*) o mundo chega ao seu fim” (*Lumen Gentium*⁶⁸ 48a). Não é apenas pronunciando ou cantando palavras de louvor e de ação de graças que o homem glorifica a Deus:

⁶⁷ “A glória de Deus é que o homem viva”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁸ Sobre a *Lumen Gentium*, a *IHU On-Line* publicou a edição 124, de 22 de novembro de 2004, sob o título *A Igreja – 40 anos da Lumen Gentium*. (Nota da *IHU On-Line*)

trabalhando, inventando e aperfeiçoando o mundo, subjugando-o, tornando-o mais dócil e humano, abrindo estradas, construindo pontes, dominando rios, cortando os ares com aviões supersônicos, conquistando a lua, indo aos astros, investigando o átomo, dirigindo os elétrons, combatendo doenças e pestes, transplantando órgãos, penetrando nas profundezas da própria alma humana, descobrindo o comportamento do dinamismo inconsciente: assim o homem dará glórias ao Criador.

Para que se convença ser esta realmente a doutrina do Concílio (pois de tão maravilhosa e empolgante que é, a gente poderia até começar a desconfiar), procure, medite e estude GS nn. 34, 57 e 67b.

A fim de completar o quadro sobre a grandeza do homem e sua intimidade com Deus, convém acrescentar ainda o seguinte: em sua interioridade mais profunda (cf. GS 14b) – que é o “coração” da linguagem bíblica, ou a “consciência” na terminologia moderna – há um “núcleo secretíssimo” ou um “sacrário” (GS 16), onde o homem descobre uma lei escrita por Deus (*homo legem in corde suo a Deo inscriptum habet*), onde o espera Deus (*ubi Deus eum exspectat*), onde ele está sozinho com Deus (*in quo solus est cum Deo*), onde ressoa a voz de Deus, onde ele, pessoalmente, sob os olhares de Deus, decide sua própria sorte (14b: *ubi ipse sub oculis Dei de propria sorte decernit*). É aí que o homem se encontra com Deus e dialoga com Ele. Deus e Sua imagem têm um encontro naquele santuário: é neste momento que o homem-imagem-de-Deus se relaciona com seu Criador, reconhece-O e a Ele livremente se submete.

Nisso, diz o Concílio, está a própria dignidade do homem: *ipsa dignitas eius est* (GS 16). Com isso, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, publicada no

dia 07-12-1965, há precisamente 40 anos, nos coloca diante de um otimismo humanista superior aos humanismos

ateus, agnósticos ou utópicos de nosso tempo.

A supressão da Ação Católica, logo depois da Vaticano II

Por Agostinho Pretto

Com alegria, respondo ao convite de contribuir com um depoimento sobre o documento conciliar *Gaudium et Spes* que vem de completar 40 anos de história. Atendendo a sugestão de um roteiro a seguir respondo que no ano de 1965 me encontrava na cidade do Rio de Janeiro, assessorando o movimento da Juventude Operária Católica-JOC, como assistente nacional. Nesta época acontecia a promulgação do concílio Vaticano II e o começo de incertezas e apreensões provocadas pelos militares que perseguiam, prendiam, interrogavam jovens militantes católicos e arbitrariamente lacravam secretariados do movimento em todo país para os militares, éramos considerados marxistas-comunistas perigosos. No meio das incertezas e apreensões, como um chispa de luz, surgiu a *Gaudium et Spes* que reacendeu os ânimos dos militantes e mesmo de assistentes acuados pela desconfiança manifesta por bispos e por parte da Igreja. Na *Gaudium et Spes*, os leigos, comprometidos com o social, encontraram a justificativa profética de seu engajamento, a legalidade da sua Ação e um conteúdo substancial que os legitimavam como homens e mulheres de Igreja. Um novo espírito e uma euforia tomam conta dos diferentes setores da Ação Católica e de uma parte da Igreja militante. A Constituição Pastoral passou a ser o livro de cabeceira que levava a percorrer o Brasil, driblando militares, dialogando em códigos, mesmo com codinomes nos

relacionando com o mundo. Não estávamos sós. Éramos muitos, e mesmo dispersos, confeccionávamos uma rede de resistência de esperança, e alegria. A Igreja nos dava razão! Minorias abraâmicas⁶⁹, na expressão de D. Helder, nos motivavam a perseverar.

Há dois anos atrás, 2003, celebrei 50 anos de Vida Sacerdotal. Programei o ano todo no jeito de poder comemorar com as bases militantes. A experiência vivida com elas. Andei Brasil, de Norte a Sul, escrevi a amigos da América latina, onde trabalhei também como assessor de JOC durante 8 anos. Nestas andanças festivas compartilhei sucessos e angustias: Alegrias e privilégios vividos na “Universidade dos trabalhadores, assistindo suas lutas, e conquistas. Foi gratificante reviver a história, a lembrança do Concílio Vaticano II, do qual sou um apaixonado-sofrido admirador” de ter vivido o tempo de João XXIII, de Paulo VI, de ter participado do Encontro de Medellín, de ter acompanhado todos os embarques, no Galeão, dos Bispos Conciliares, de tê-los escutado na volta nos falando dos resultados. Concluindo, retomo uma afirmação acima: “de ser um apaixonado – sofrido admirador”. É sempre sofrimento recordar que no belo e primaveril tempo do Concílio a Igreja, através da pessoa do meu Bispo D. Vicente Scherer⁷⁰, a Ação

⁶⁹ Expressão cunhada por D. Helder Camara, inspirada na figura bíblica de Abraão. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷⁰ Cardeal-Arcebispo de Porto Alegre, foi responsável pelo setor dos leigos na CNBB, quando, durante o

Católica foi supressa. Acompanhei pessoalmente as reuniões realizadas com os assistentes e logo com os dirigentes dos diferentes setores: Jac, Jec, Jic, Joc, Juc., quando D. Vicente Scherer responsável na CNBB pelo setor dos Leigos nos disse: “Quanto ao Concílio que vocês apresentam nós o fizemos e nós o interpretamos”. Esta foi uma época! Hoje, a história continua. A Igreja no mundo de hoje está convidada a assumir os desafios da modernidade com Esperança e Alegria como troféu. Finalmente, a nossa homenagem aos Bispos do mundo que souberam criar o Documento *Gaudium et Spes* e os votos de que hoje o coloquem em prática.

regime militar, foi suprimida a Ação Católica. (Nota da *IHU On-Line*)

Brasil em foco

Olhares sobre a realidade política brasileira

“A opção do governo foi acomodada ou até medrosa, para não dizer covarde”

Entrevista com Ivo Poletto

O filósofo, teólogo, cientista social e educador popular Ivo Poletto não mede as palavras ao falar sobre a postura do governo Lula em relação ao pagamento da dívida externa brasileira. Para esse gaúcho de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, uma auditoria na dívida liberaria mais recursos para projetos sociais.

É justamente sobre sua participação no Governo que ele fala no livro *Brasil: oportunidades perdidas – Meus dois anos de governo Lula* (Rio de Janeiro: Garamond), cujo lançamento aconteceu sábado passado, dia 24 de setembro, em Brasília.

Poletto, que foi o primeiro secretário-executivo da Comissão Pastoral da Terra e integra e assessora diversas instituições, entre elas, a Cáritas Brasileira fala do livro e da sua experiência, ligando tudo isso à crise política atual. Confira a entrevista feita por telefone. Ela foi veiculada na última semana no sítio www.unisinos.br/ihu

***IHU On-Line* – Que oportunidades foram perdidas nos seus dois anos de trabalho no governo Lula?**

Ivo Poletto – Em primeiro lugar, a oportunidade de fazer um amplo movimento de educação popular, porque o programa Fome Zero em seus vários projetos tem como um de seus objetivos atingir 11 milhões de famílias que não têm ainda garantida alimentação e nutrição. Você pode fazer isso por meio de um mecanismo que agora se chama Bolsa-família e chegar com um apoio financeiro. Mas poderia também fazer, ao mesmo tempo, um trabalho de abordagem, de visitas, de diálogo, de levantamento de expectativas e organizar com essas famílias um trabalho de

educação popular. Por que um governo com a orientação que foi eleito não assume uma perspectiva de educação popular ligada ao Fome Zero? Há ainda o fato de o governo confirmar uma política econômica que é o contrário disso. É uma política de poucos para cada vez menos. Manter essa contradição dentro do mesmo governo fez com que eu me sentisse com falta de condições para continuar apostando em um trabalho no Governo e voltar a atuar da sociedade para poder exigir mudanças.

***IHU On-Line* – Seu livro tem uma posição crítica ao governo Lula?**

Ivo Poletto – O livro tenta testemunhar esses acontecimentos e colocá-los em

debate por meio de uma seqüência de crônicas para ampliar a possibilidade de leitura. Estou interessado na democratização desse debate. É importante deixar claro que o texto é crítico, mas na maneira como nós compreendemos a crítica, não é apenas ser negativo, significa compreender nas contradições, nos eventos da história, o que está acontecendo. Comparar o que se faz com o que se poderia fazer. Minha posição crítica é radicalmente contrária à posição crítica dos partidos conservadores que querem menos investimentos no social e mais vantagens econômicas. Quero uma economia que favoreça a todos.

IHU On-Line - Era possível perceber que o PT ia mal?

Ivo Poletto - Nos textos, isso aparece. Eu me surpreendi com a permanência de umas experiências das esquerdas que é a facilidade com que os grupos passam da diferença de ponto de vista para se combaterem uns aos outros, para tornar os outros quase seus inimigos. Isso se percebia, e se percebe, no Governo. As áreas estão loteadas para os diferentes grupos. Há dificuldades para se trabalhar com essa dimensão de universalidades. Agora, honestamente, eu não conseguia perceber que as dificuldades do PT tinham esse caráter que apareceu. Havia quase um excesso de cuidados para evitar que houvesse o mau uso dos recursos públicos. Realmente o que apareceu não é tão estranho para quem acompanha um certo abandono de valores por parte da militância do próprio PT.

IHU On-Line - Que tipo de conflito o senhor enfrentou?

Ivo Poletto - A dificuldade de se conseguir dialogar na base da confiança, da consciência de que temos uma missão comum. Olhamos a realidade e tentamos ver qual é a necessidade. Essa reflexão

sempre foi difícil de ser feita, há uma visão fechada sobre o burocrático, sobre o possível. Temos poucos recursos, vamos fazer o mínimo possível. A segunda dificuldade entra aí: não houve possibilidade no Governo de discutir a política econômica. O próprio Paul Singer, secretário da economia solidária, diz nunca ter sido convidado a trocar idéias sobre a política econômica do Governo federal. Esse isolamento burocrático e ideológico dos ministérios da Fazenda, do Planejamento e do Banco Central é complicado. Não precisariam nos consultar, mas deveriam dialogar conosco. A decisão do que fazer com recursos disponíveis é maior: trata-se de ver o que é essencial se temos poucos recursos. Melhorar a vida das pessoas ou manter em dia o pagamento de dívidas? Essa discussão foi inviabilizada e impedida Governo.

IHU On-Line - O senhor poderia citar nomes?

Ivo Poletto - É difícil citar nomes, porque teria de entrar em detalhes. Prefiro não citar nomes. No livro, mencionei Frei Betto, do ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias, os grandes responsáveis pelos programas.

Auditoria da dívida é proposta por ex-colaborador do governo Lula

IHU On-Line - Qual é a posição do Presidente Lula em relação aos programas sociais do governo?

Ivo Poletto - O que temos percebido é que ele tem respaldado essa política econômica, assumiu o discurso e a justificativa do grupo da área econômica do governo. Por que fez isso? Não sei. O que sei é que, em relação a alguns programas sociais, ele tem exigido maior eficácia dos ministros. Neste sentido, Lula continua, na raiz, ligado à vontade de

fazer o melhor possível no trabalho social, mas está estrangulado porque há uma briga pelos poucos recursos que sobram depois que se faz o orçamento de tudo que é necessário para o Governo. Enquanto Lula, ou qualquer outro presidente, não conseguir se livrar do que foi construído historicamente, não vamos dar os passos que enfrentem os problemas da maioria da população brasileira.

IHU On-Line - O senhor não acha complicado dizer: não vou pagar a dívida?

Ivo Poletto - Ninguém diria: não vou mais pagar a dívida. Isso não funcionaria. Agora, há procedimentos para encaminhar a auditoria pública da dívida. Isso é legal e reconhecido internacionalmente. É um estudo da dívida no processo de sua formação. Verificar os títulos da dívida, de onde vieram os recursos, quem os tomou, o compromisso assumido e acompanhar o desdobramento disso. Ver se tudo foi correto ou não. Se não houve acréscimos ilegais. Até hoje, a única auditoria feita foi no Governo Getúlio Vargas. Na época, se viu que não estava correto. Ninguém isolou o Brasil por causa disso. A dívida pode, também, ir para ao judiciário. Na Argentina, a dívida externa foi julgada e condenada como um crime contra a população argentina porque foram os militares que tomaram os empréstimos, que não eram os representantes legítimos do país. Quem empresta a militares sabe que a dívida pode não ser reconhecida depois. Poderíamos ir além disso: estabelecer um amplo debate sobre a utilização dos recursos da dívida. Poderíamos fazer um exercício da Auditoria Cidadã da Dívida, coordenado pelos companheiros da Unafisco, sindicato dos auditores fiscais. Eles fizeram um recálculo da dívida a partir de 1978, aplicando 6% por ano de juros.

É uma média que fica acima do que os países ricos pagaram entre eles de dívida. Em 1989, o ano que deveria ter sido feita a auditoria marcada pela Constituição, a dívida já seria zero. No final do ano, teria mais de US\$ 3 bilhões de crédito. Segundo o cálculo, até o final de 2004, teria um crédito US\$161 bilhões. Esse recálculo, que já está feito, pode vir a servir de base para um processo internacional de julgamento da própria dívida externa brasileira.

IHU On-Line - E por que essa auditoria não saiu ainda do papel?

Ivo Poletto - Aí vem a questão fundamental: eleito por 53 milhões de brasileiros Lula teria três alternativas para governar. Uma seria fazer alianças por cima. Ele construiu alianças e deu no que deu. A outra seria governar com base de um projeto de país, definindo as prioridades e indo para o Congresso quando fosse necessário para propor publicamente mudanças na legislação e para realizar o que fosse essencial para o País. A terceira alternativa poderia ser forçar a regulamentação constitucional da questão do plebiscito e consultar a população sobre assuntos que dizem respeito a ela. A opção do Governo foi acomodada ou até medrosa, para não dizer covarde. Preferiu não alimentar o caminho de conflitos políticos. Achou que o caminho melhor seria a construção de uma maioria para governar. A gente sabe no que deu esse tipo de aposta. Por essas alianças não poderia questionar a dívida. Por não querer conflito internacional com o FMI e outros países.

IHU On-Line - Plínio de Arruda Sampaio falou no debate A esquerda e a crise política no Governo Lula que esse governo é pior que o de Fernando Henrique Cardoso. O senhor concorda com essa afirmação?

Ivo Poletto - Tenho dito que, se compararmos os oito anos de governo Fernando Henrique Cardoso com os dois anos e meio de Lula nas mesmas políticas, Lula é melhor que o FHC praticamente em tudo. Mantido o mesmo padrão, é melhor na administração da economia, pois toca uma política de exportação eficiente, consegue abrir novos mercados, consegue diminuir um

pouco a dívida em dólares. As políticas sociais também. A crítica não é comparar com FHC, mas recordar o motivo por que a população elegeu Lula, e não o candidato de FHC. Elegeu para fazer um governo diferente, com mais participação do povo. Não foi eleito para ser administrador da dívida e da economia do jeito que era feito pelo FHC.

“A solução não está apenas na mudança cosmética do afastamento de alguns poucos nomes”

Entrevista com Rodrigo González

Quem colabora com sua análise da conjuntura nacional na Série Brasil em Foco da presente edição é Rodrigo Stumpf González, professor nas Ciências Jurídicas da Unisinos. Graduado em Direito pela UFRGS, González é mestre e doutor em Ciência Política também pela UFRGS. Sua dissertação de mestrado intitula-se *Direitos humanos e democracia na transição brasileira*, e sua tese de doutorado leva o título *Democracia e conselhos de controle de políticas públicas: uma análise comparativa*. O professor é um dos organizadores do livro *A Construção da Democracia na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. A entrevista que segue foi concedida por telefone:

IHU On-Line - Chico de Oliveira disse a O Estado de S. Paulo, do dia 4 de setembro, que o Presidente Lula já vive uma situação de impeachment. O senhor acha que a ameaça é real?

Rodrigo González - Depende de como nós a tratarmos. Do ponto de vista jurídico, haveria motivações suficientes para a abertura do procedimento, que levaria ou não à sustentação do mandato do Presidente. Do ponto de vista político, acredito que não, porque diante da crise na Câmara dos Deputados e na própria presidência da Câmara, não creio que os partidos teriam o interesse, nesse

momento, de mexer com a presidência da república, porque isso colocaria o País num risco muito grande. Nesse momento, mais do que nunca, não há condições políticas de abertura de um processo de *impeachment*.

IHU On-Line - O senhor aposta na reeleição de Lula?

Rodrigo González - Apostar é algo complicado. Se formos construir os cenários possíveis, a reeleição não deve ser completamente afastada. Embora o Lula, nesse momento, esteja com a sua popularidade em baixa e sofrendo uma

série de ataques por conta da situação que se colocou em função das denúncias envolvendo seus assessores e ministros, não significa que, dentro de um ano, essa conjuntura não possa ter mudado. Não é de se descartar uma candidatura do Lula e inclusive uma possibilidade real de reeleição, dependendo de quem seja o candidato da oposição e de como o discurso do envolvimento da presidência nesses escândalos seja construído, porque até o momento, bem ou mal, o Lula tem conseguido manter um pouco a sua imagem afastada da situação de crise, transferindo-a para o seu Partido, o PT, e para a Câmara dos Deputados.

IHU On-Line - Do PT quem poderia concorrer no lugar de Lula? Tarso Genro seria um nome a ser cotado?

Rodrigo González - É muito cedo para definir possíveis sucessores, porque a liderança de Lula no PT foi construída ao longo de mais de uma década, inclusive com diversas candidaturas. Nenhum outro nome, hoje no PT, teria a unanimidade e a liderança que tinha o Lula naquele momento. Tarso Genro é um nome que despontou no momento em que aceitou sair do Ministério da Educação para ocupar a presidência do PT e, dessa forma, ele se projetou um pouco no espaço nacional. Entretanto é um nome que certamente terá muita resistência, por exemplo, dos setores do PT do estado de São Paulo. Eu imagino que pensar uma candidatura à Presidência de alguém do PT fora do eixo Rio-São Paulo ainda é muito cedo.

Crise Interna de Liderança no PT

Também devemos considerar que o PT sofre uma crise de liderança porque seus nomes mais fortes estão envolvidos no escândalo de corrupção. Talvez só dentro de alguns meses, com o processo de cassações terminado, e com a eleição de um novo grupo para a presidência do PT,

possa despontar alguma candidatura. Por outro lado, já que o Lula não definiu se concorre ou não concorre, isso também atrasa a possibilidade de formação de uma outra candidatura. Se o Lula decidir de última hora não concorrer, isso certamente vai ferir de morte qualquer possibilidade de o PT construir outro candidato, que terá sua imagem e sua proposta construída muito acima das eleições.

IHU On-Line - O que acontece na sociedade de um país regido pela economia, e não pela política?

Rodrigo González - A ditadura da economia não é nenhuma novidade. É algo que vem sendo pregado principalmente pelos economistas de porte liberal nas últimas décadas, e esse discurso tem tomado conta do País pelo menos nos últimos 15 anos. Desde o governo Collor é assim. Não foi diferente no período Fernando Henrique e não é diferente no período Lula a idéia de que todas as ações políticas têm que estar voltadas para a estabilidade da economia. Esta ditadura da economia oferece muito poucas possibilidades de opção para qualquer que seja o candidato ou governante eleito. E isso coloca em risco a própria estruturação da sociedade, porque essa suposta estabilidade econômica resulta em uma profunda desigualdade social, que, cedo ou tarde, acabará por afetar as condições de manutenção da estrutura social.

IHU On-Line - Quem seriam hoje os candidatos fortes à Presidência da República fora do PT?

Rodrigo González - Certamente a primeira candidatura que desponta é dentro do PSDB, uma vez que foi o partido que ocupou o poder anteriormente e cujas lideranças apareciam mais frontalmente como líderes da oposição. O fato do PSDB ter a

direção de dois estados importantes do País, Minas Gerais e São Paulo, classifica os governadores destes estados, tanto o Aécio Neves, como o Geraldo Alckmin, como possíveis candidatos. Não é de se descartar também uma nova candidatura do José Serra, embora ele esteja em uma situação um pouco complicada, porque foi recentemente eleito prefeito de São Paulo. Diante de uma ampliação da crise nessa questão do Lula, porém, não é de se duvidar que ele renuncie a prefeitura para concorrer.

Outras possibilidades

Ao mesmo tempo, o PMDB, que sempre girou um pouco como satélite dos últimos governos, passa a ter novamente condições de, no enfraquecimento dos adversários, poder lançar um candidato próprio. O grande problema do PMDB será entrar em acordo com relação a um nome. O PFL, neste momento, não tem um nome nacional que pudesse ocupar realmente a vaga. Começa a despontar o nome de algumas lideranças do PFL nas CPIs, mas é muito cedo para saber se algum desses nomes teria condições de se lançar. Por outro lado, não é de se descartar uma nova tentativa de candidatura do Anthony Garotinho, que não teve um resultado tão ruim na eleição passada e que, diante do fracasso do Lula pode, utilizando um discurso populista, procurar o espaço deixado pelo PT.

***IHU On-Line* - Como o senhor avalia que a oposição está se manifestando em relação à crise?**

Rodrigo González - Obviamente a oposição está se aproveitando da crise, o que não poderia deixar de ser, uma vez que o PT, pelo seu próprio discurso, sempre pregou ser um partido voltado para a ética na política, e que isso lhe garantiu elementos para sua votação e eleição. A oposição aproveita não só para

investigar as supostas situações de corrupção, mas para enfraquecer a situação, não só neste momento, mas possivelmente para as próximas duas, três eleições. Eventualmente, isso implica, muitas vezes, que o discurso da oposição seja de um certo moralismo exacerbado, que não se encaixa com sua própria prática no momento em que estava no poder. Uma figura emblemática desse campo é o senador Antônio Carlos Magalhães. A oposição tenta, às vezes, aproveitando-se da fraqueza da situação, passar uma imagem que não condiz exatamente com seu passado histórico.

***IHU On-Line* - E Severino? O que dizer do presidente da Câmara que renunciou?**

Rodrigo González - Severino pode ter renunciado com a ilusão de se reeleger novamente. Ele, como presidente da Câmara, foi um acidente da incapacidade de articulação do governo, que perdeu a eleição para a presidência e que, diante das divisões do PT, permitiu que um terceiro candidato, sem grande expressão política, viesse a ser eleito. E agora os próprios eleitores que colocaram Severino lá, lavam as mãos da responsabilidade. Mas obviamente a presidência da Câmara é um caso que estava muito além da estatura política do Severino Cavalcanti. Os fatos que aparecem agora certamente não são novos. Provavelmente são fatos que até mesmo dentro da Câmara já circulavam ou eram conhecidos e que só foram utilizados no momento em que ele deixou de ser útil àquele grupo que o colocou na presidência.

***IHU On-Line* - E qual seria o papel da academia e dos intelectuais nesse momento de crise política?**

Rodrigo González - Eu não concordo que haja um silêncio dos intelectuais, como dizem. O que talvez ocorra, e que

seja tratado como silêncio por parte da imprensa, é que havia um segmento de intelectuais de esquerda identificados com o PT, e que diante dessa crise toda, ficaram um pouco estupefatos e sem saber o que dizer. Isso, contudo, não pode ser identificado com o conjunto da intelectualidade brasileira. Há diversos nomes que têm contribuído no sentido de se manifestar sobre a necessidade de transformações no País. Eu acredito que o papel, tanto dos intelectuais como da academia, da universidade, é ajudar, por meio do estudo da história, das condições sociais do País, a elaborar alternativas para a construção de uma sociedade mais justa. A universidade não pode se furtar da responsabilidade de contribuir neste debate.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

Rodrigo González - É importante ressaltar que, de alguma forma, se fala da

crise política como separada da crise econômica, mas isso é uma ilusão. Quando se fala que a economia do País vai bem, estamos falando da economia que interessa aos banqueiros, aos investidores internacionais. A economia no que tange à grande maioria da população e às grandes massas de população excluída vai muito mal. Essa é a ilusão errada de que o País estaria com uma situação de estabilidade só porque o câmbio do dólar está estável, ou porque os mercados internacionais estão favoráveis ao Brasil. A grande crise política se dá não no problema das instituições, seja da Presidência, seja da Câmara dos Deputados, mas na incapacidade dessas instituições de construir uma alternativa política não só no campo institucional, mas também no campo econômico, que transforme realmente a situação do País.

destaques da semana

artigo da semana	pg. 26
entrevistas da semana	pg. 28
memória	pg. 35
deu nos jornais	pg. 35
frases da semana	pg. 40

Entrevistas da semana

Descolonizar o imaginário econômico do capitalismo, propõe Serge Latouche

“Descolonizar o imaginário, deseconomizar os espíritos”. Ou seja, como e por que sair do despotismo da economia e do lucro, colocando no centro da vida dos seres humanos significados diferentes no que diz respeito à expansão da produção e do mercado. São as condições necessárias “para mudar o mundo antes que a mudança do mundo nos condene a viver na dor”, é o que o economista Serge Latouche, que se tornou uma espécie de pai espiritual do movimento por uma outra globalização, coloca no centro do livro *Como sobreviver ao desenvolvimento. Da descolonização do imaginário econômico à construção de uma sociedade alternativa*. O livro foi publicado na França, no final do ano passado e agora é lançada a tradução italiana.

Serge Latouche participou do Simpósio Internacional Terra Habitável, realizado na Unisinos, em maio deste ano. Confira as entrevistas de Serge Latouche, publicadas na *IHU On-Line*, n.º 100, de 10 de maio de 2004 e na *IHU On-Line*, n.º 141, de 16 de maio de 2005. O jornal italiano *La Repubblica*, 20-9-05, publica uma entrevista com ele, que traduzimos na íntegra:

A economia tornou-se uma religião, uma fé. A necessidade do ateísmo econômico

La Repubblica: Professor Latouche, no seu livro o senhor escreve que é necessário livrar-se do imaginário econômico da onipotência do mercado, da crença que "cada vez mais" seja "igual a melhor". E é esta a estrada para construir uma sociedade alternativa à atual dominada pelo capitalismo global?

Latouche - Certamente. Eu concordo com Cornelius Castoriadis que dizia ser o capitalismo, antes de tudo, o domínio do imaginário econômico, no qual o mercado, o dinheiro, o consumo, o desenvolvimento se tornaram a base de toda e qualquer coisa. Ao contrário, é necessário sair do círculo vicioso, do absurdo caminho do crescimento pelo

crescimento, que está levando o planeta para o abismo”.

La Repubblica: Estamos já no estado de saturação do crescimento?

Latouche - É claro que sim. O que será que deve ainda acontecer? Consumimos tudo. Veja o exemplo do desemprego. Constatamos que o crescimento não cria muitos empregos. Pelo contrário. Mas, ao mesmo tempo, o imperativo de crescer é o de crescer ulteriormente para tentar criar mais empregos que o próprio crescimento, o próprio desenvolvimento, não são capazes de produzir. É loucura.

La Repubblica - **Em que maneira se podem mudar os hábitos enraizados em milhões e milhões de homens e**

mulheres ocidentais, que vivem no que o senhor chama no seu livro de "toxico-dependência do crescimento"?

Latouche - Os conceitos da economia são, antes de tudo, mentais, espirituais. Hoje, a economia se tornou uma fé, uma religião. Por isso, é necessário que nos tornemos ateístas da economia. Mas este é, somente, o primeiro passo para uma transformação real. No Sul do mundo, penso, particularmente, na África, nas devastações causadas pelo desenvolvimento imposto pelo Ocidente, destruindo o modo de viver de milhões de pessoas, sem levá-los, apesar de tudo, à sociedade do consumo. E assim os obrigaram a sobreviver, inventando autoproduções fora da lógica do mercado. No Ocidente, deveremos mudar por amor ou por força. O nosso sistema produtivo, de fato, é dependente de uma fonte de energia, o petróleo, que está se exaurindo, e, sobretudo, está cada vez mais caro.

La Repubblica: É possível pensar uma saída da economia globalizada sem uma saída do sistema capitalista?

Latouche: Mas quem, hoje, sabe o que é o capitalismo? E nós sabemos, com base na experiência da União Soviética e dos países com regimes análogos, que abolir a propriedade privada e o mercado não basta para construir uma verdadeira sociedade alternativa. Seguramente que, por exemplo, o dinheiro é muito destrutivo, mas o problema não é tanto aboli-lo, mas fazer com que as pessoas comuns se reapropriem dele. É preciso enquadrar todas estas instituições a moeda, o mercado, a propriedade dentro do social. E reequilibrar a lógica econômica com a social. Isso deve ser feito rapidamente porque os limites são muito estreitos”.

"Um grande progresso e um enorme perigo"

As máquinas pensantes podem ameaçar a liberdade do homem?

Entrevista com Paul Virilio

Reproduzimos a entrevista com o filósofo Paul Virilio, publicada no jornal *La Repubblica*, de 16 de setembro de 2005.

A inteligência artificial⁷¹ abriu grandes fronteiras para o desenvolvimento da ciência e para a transformação das nossas vidas, mas também multiplicou os riscos de uma catástrofe do conhecimento. Como sempre, Paul Virilio⁷² não hesita em chamar a atenção contra os riscos inatos ao progresso. Passaram-se cinquenta anos desde que, naquele 31 de agosto de 1955, Marvin Minsky⁷³ e John McCarthy⁷⁴, criaram o termo "inteligência

artificial" e anunciaram a célebre Convenção de Dartmouth, que representou uma reviravolta nas relações entre homens e máquinas. O estudioso francês, autor de livros, como *O acidente do futuro*, *A bomba informática* e *Cidade pânico*, há anos se move em sentido contrário em relação à euforia tecnológica dominante, denunciando incansavelmente as derivações de um progresso que corre o risco, a todo o momento, de fugir ao controle do homem.

"A impressionante potência de cálculo em contínua progressão da inteligência artificial me assusta, porque mostra abertamente o descontrole do progresso técnico-científico", diz o filósofo, que há anos luta pela abertura de uma universidade das catástrofes.

Não sou um filósofo cognitivista, portanto, me interesso pela inteligência artificial do ponto de vista dos resultados contingentes, *hic et nunc*. Nessa ótica, esta foi a grande ilusão do século XX. As pesquisas sobre inteligência artificial propiciaram uma revolução técnico-científica importantíssima, da qual não nego, certamente, a utilidade e os resultados. O homem, porém, acreditava possuir uma inteligência infinita para melhor dominar o mundo, mas, assim

⁷¹ O tema *Inteligência Artificial: desafios contemporâneos da robótica* foi tratado no IHU Idéias de 08 de setembro, pelo Prof. MS Farlei Jose Heinen. Dele publicamos uma entrevista na IHU n.º 154, de 08 de agosto de 2005. (Nota da *IHU On-Line*).

⁷² De Virilio, reproduzimos duas entrevistas sobre o seu livro *Ville Panique*. Paris: Galilée, 2004, uma na 108ª edição do *IHU On-Line*, de 5 de julho de 2004, e outra na 136ª edição, de 11 de abril de 2005. Dele, também publicamos outra entrevista na 95ª edição do *IHU On-Line*, de 5 de abril de 2004. Paul Virilio publicou, em português: *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996 e *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷³ Marvin Minsky (1927), cientista, matemático e professor do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), centro universitário de educação e pesquisa localizado em [Cambridge](#), nos [EUA](#), considerado referência mundial em ciência e tecnologia. Um dos criadores do laboratório de inteligência artificial do mesmo instituto. (Nota da *IHU On-Line*).

⁷⁴ John McCarthy, professor emérito de Ciência da Computação da Universidade Stanford, EUA e um dos fundadores do Laboratório de Inteligência

Artificial da mesma universidade. (Nota da *IHU On-Line*).

fazendo, criou uma bomba que pode explodir a qualquer momento, com conseqüências catastróficas.

O que o preocupa, principalmente?

A velocidade, que escapa a qualquer controle. Desde os seus primeiros passos, a inteligência artificial procurou multiplicar cada vez mais a própria potência de cálculo. A sua, portanto, é uma revolução somente quantitativa, motivada pela pesquisa da performance e do recorde. Os seus progressos permitem dominar cálculos cada vez mais complexos em tempos cada vez mais breves. Certas operações, ontem quase impossíveis, hoje se tornaram banais, e são resolvidas imediatamente. Entretanto, a corrida sem fim à velocidade cria também muitos riscos. Por isso, falar de inteligência artificial significa, inevitavelmente, falar de catástrofe da inteligência.

Explique melhor...

Passando da inteligência natural à inteligência artificial, abandonamos a reflexão e entramos na época do reflexo industrializado. Graças à inteligência artificial, o cálculo se torna automático e, com isso, se automatizam as decisões. Alguns tiveram até mesmo a ilusão de automatizar o conhecimento. Reduzir o pensamento, porém, a uma simples seqüência lógico-matemática é um erro, filho do pensamento estatístico que teve uma enorme importância na primeira parte do século XX. A inteligência artificial pode se tornar cada vez mais potente, mas pensar não é somente fazer cálculos matemáticos. A reflexão é uma atividade extremamente mais complexa, que não pode ser automatizada.

Mas a velocidade não é uma vantagem?

Certo, a velocidade sempre permitiu a supremacia do homem. Hoje, porém, ela

favorece a sua inércia. O máximo da velocidade produz a inércia da reflexão. A rapidez da inteligência artificial favorece o automatismo e a irresponsabilidade. Delegando a ela, o homem renuncia ao pensamento complexo e ao componente emotivo da reflexão, aquela que coloca em ação a subjetividade do indivíduo. A reflexão é sempre um trajeto que une o objeto ao sujeito. A velocidade da inteligência artificial abole tal trajeto em nome da instantaneidade e da ubiqüidade. Assim, se dá adeus ao humano em nome da divindade da máquina. Entretanto, pensar em substituir a inteligência humana por uma máquina é um absurdo.

Há o risco de que a máquina inteligente proceda autonomamente, desvinculada do controle humano?

Muitos já denunciaram este risco antes de mim. Já no final dos anos 1970, no filme 2001, *Uma Odisséia no Espaço*, Kubrick mostrava os riscos de um supercomputador que tomava as decisões no lugar do homem, baseando-se somente na própria lógica, sem levar em conta outros parâmetros. Hoje, computadores cada vez mais velozes e potentes tomam decisões autonomamente, respondendo exclusivamente a uma lógica binária, que não tem condições de avaliar a complexidade da realidade e todas as suas interpretações. Seguindo cegamente o software, os computadores podem nos conduzir à catástrofe. Além do mais, vivemos em uma realidade onde a velocidade e a interconexão dos sistemas multiplicam os riscos e facilitam a perda do controle. O risco é de um acidente generalizado.

De onde vem o sonho da inteligência artificial?

O homem sempre sonhou em possuir um supercérebro, e para possuí-lo está

disposto a reencarnar-se na máquina. Contudo, o sonho do homem-máquina é uma aberração do pensamento ocidental, dominado pelo racionalismo cartesiano e pelo velho mito do super-homem. Para aumentar o seu poder, o homem está disposto a tudo. Até mesmo a deixar que um artefato substitua a sua inteligência, mas o computador não é inteligente. É somente uma máquina muito eficaz à qual se pede cada vez mais. Lembra-me o *doping* no esporte.

Por quê?

Aumenta-se artificialmente a potência dos computadores para se obter performances cada vez mais avançadas. Para a ciência, porém, a performance não é uma garantia de qualidade. Quando se fala de inteligência artificial, se confunde frequentemente quantidade com qualidade, considerando-se um sucesso qualitativo aquilo que é somente um aumento quantitativo da velocidade. A inteligência coloca em ação o conhecimento e a nossa relação com o mundo e, conseqüentemente, não podemos, em relação a ela, raciocinar somente em termos de performance. E, quando deixamos as máquinas “inteligentes” agirem, os resultados são, muitas vezes, desanimadores. Basta ver o que fazem os programas de projetos em arquitetura.

A inteligência artificial, porém, nos permitiu fazer grandes progressos em muitos âmbitos...

É verdade. Mas também permitiu pesquisas em direções perigosas. Por exemplo, abriu caminho para a revolução genética. A decodificação do genoma humano não teria sido possível sem a inteligência artificial, a qual, portanto, tornou possível a clonagem que corre o risco de estourar a qualquer momento. Em resumo, progresso e catástrofe estão sempre unidos de maneira indissolúvel.

Como dizia Hannah Arendt⁷⁵, o progresso e a catástrofe são os dois lados de uma mesma moeda. Na história da humanidade, cada inovação produz um acidente específico. O acidente não é um fenômeno excepcional e fortuito, mas um componente inseparável da invenção. Com o navio, inventamos o naufrágio, com a energia nuclear inventamos Chernobyl, com a informática criamos os vírus. Se cai a Internet, o bloqueio é planetário. Hoje, o perigo é de uma inteligência artificial que, seguindo obstinadamente a própria lógica, se torne tirânica. E o algoritmo é o símbolo por excelência da tirania das máquinas que se dizem inteligentes.

⁷⁵ Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Nasceu em Hannover (Alemanha). Estudou na Universidade de Konigsberg, Malburg, Freiburg e Heidelberg. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em conseqüência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país (Columbia, Califórnia, Cornell, Princeton, Wesleyan, etc.). Hannah Arendt propôs, em uma distinção inusitada, que os termos “labor, trabalho e ação” fossem entendidos como diferentes formas de atividades fundamentais do ser humano, sendo aquele vinculado às necessidades biológicas, o intermediário ao artificialismo da vida moderna e esta, às relações entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. A sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza o regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Neste ano, celebramos o 30º aniversário de sua morte e, em 2006, seu centenário de nascimento. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). (Nota do *IHU On-Line*)

Apolônio de Carvalho, um dos fundadores do PT, morre aos 93

Os principais jornais do País noticiaram, no dia 24-9-05, a morte de Apolônio de Carvalho. Entre os diversos relatos da sua vida, optamos por reproduzir o de Wilson Tosta, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Fundador do PT e símbolo da esquerda, Apolônio Pinto de Carvalho morreu ontem, às 18h30, aos 93 anos. Ele estava internado desde quarta-feira, no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) da clínica Casa de Portugal, no Rio Comprido, zona norte. A causa da morte foi um quadro de insuficiência respiratória, pneumonia e descompensação cardíaca, que se agravou por volta de 17h30 de ontem. Apolônio morreu ao lado da mulher, Renée, e dos filhos. De acordo com o diretor do hospital, Dr. Silvio Provenzano, o velho militante manteve a lucidez até seus últimos momentos. O médico disse também que, apesar da profunda tristeza, o clima entre os parentes era de paz e tranquilidade. O corpo de Apolônio será cremado amanhã, às 11 horas, no Caju, zona portuária. O velório ocorre na Câmara Municipal, na Cinelândia, Centro. Ontem à noite, o ministro Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da República, telefonou para a viúva. A assessoria do Palácio Guanabara informou que o governo do Estado não se pronunciará sobre a morte nem decretaria luto oficial. Um dos protagonistas da história da esquerda brasileira, veterano de três conflitos armados - a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial e a guerrilha urbana brasileira -, Apolônio viveu o século XX com intensidade ímpar. Militar e comunista, foi preso nos anos 1930 pelo

governo Vargas no Brasil e lutou contra o franquismo na Espanha. Combateu a invasão nazista da França, nos anos 1940, e o regime militar brasileiro, nos 1960, depois de romper com o PCB. Foi preso e torturado em 1969. Acabou expulso do País com mais 39 presos políticos. Após a anistia, voltou e ajudou a criar o PT. Morreu acreditando no socialismo, ao qual aderira aos 25 anos. “A confusão entre desejo e realidade é uma das fontes de erro da esquerda em todas as fases de nossa vida, de nossa trajetória”, afirmou, em entrevista à revista *Teoria e Debate*, editada pelo PT, nos anos 1980. Até o fim, defendeu o Presidente Lula: dizia que ele foi traído por assessores no episódio do mensalão.

Aliança Nacional Libertadora

Conhecido pelo otimismo, pela fala mansa e pela polidez, Apolônio nasceu em 1912, em Corumbá (MS), de mãe gaúcha e pai sergipano e militar. Menino, sonhou ser médico, mas, ao partir para o Rio, ouviu um conselho da mãe, na despedida: “Se você for militar, como seu pai, vai poder ajudar a família”. Com cinco irmãos, seguiu o conselho materno e, em 1930, ingressou na Escola Militar de Realengo. Encontrou um ambiente influenciado pelo tenentismo. Formado oficial de Artilharia em 1933, foi servir em Bagé, onde um amigo comunista, o capitão Rolim, o atraiu, em 1935, para a Aliança Nacional

Libertadora (ANL), que reunia democratas, socialistas e comunistas contra os avanços da extrema-direita. Em junho de 1935 a ANL foi declarada ilegal, Apolônio foi preso pela primeira vez e perdeu a patente de tenente.

Foi transferido para o Rio, onde conheceu Graciliano Ramos na Casa de Correção. "Eu conheci a existência do PC na prisão", contaria depois. Lá conheceria também Rodolfo Ghioldi, Olga Benário e Luiz Carlos Prestes. Foi solto em junho de 1937, se inscreveu no PCB e embarcou para a Espanha, onde entrou para as Brigadas Internacionais que combateriam o franquismo. Lá, voltou a ser tenente.

Os republicanos perderam a guerra e foram levados para campos de internamento em território francês, onde, na prática, eram prisioneiros. Em dezembro de 1940, com boa parte do território da França sob ocupação direta dos nazistas, Apolônio fugiu. Foi trabalhar no Consulado Brasileiro em Marselha, mas logo entrou em contato com a Resistência Francesa.

Foi na Resistência que conheceu a mulher, a então adolescente Renée, de família de comunistas, com quem viveu até o fim da vida. Da França, recebeu a Légion d'Honneur; pela luta na Espanha, recebeu a cidadania espanhola, nos anos 1990.

Presidente da União da Juventude Comunista

Em dezembro de 1946, voltou ao Brasil e se incorporou a um PCB legal. Chegou a presidir a União da Juventude Comunista (UJC), que tinha como secretário-geral João Saldanha, que depois foi jornalista e técnico da Seleção Brasileira. Com Renée e os filhos, foi "caseiro" de dirigentes perseguidos do PCB, entre eles João Amazonas. O casal depois viveu na União Soviética, do fim de 1954 até 1957, para fazer um curso. Estava lá quando ocorreram as denúncias dos crimes de

Stalin, mas o próprio Apolônio não se sentiu surpreso nem chocado, segundo diria depois, porque já tinha alguma informação. Viajava com a mulher pela URSS, observava a realidade e conversava com pessoas bem informadas, que lhe contavam de arbitrariedades e distorções do socialismo soviético. Renée, narrou, ajudou-o a superar a visão "ilusória e fantasiosa" que dizia ter do socialismo.

Em mais um retorno ao Brasil, Apolônio passou a escrever na revista do partido, *Novos Rumos*, e participou da comissão de Educação do PCB, dando cursos de formação. Um de seus alunos foi Marco Aurélio Garcia, atual assessor para Assuntos Internacionais de Lula.

Partido Comunista Brasileiro Revolucionário - PCBR

Mesmo crítico do PCB, Apolônio ficou no partido, mas, após o golpe de 64, formou, com Carlos Marighella, Mário Alves e outros antigos dirigentes do partido, a Corrente Revolucionária - integrada, por exemplo, pelo estudante de engenharia Cesar Maia, hoje prefeito do Rio. O grupo rachou: a maioria criou a Ação Libertadora Nacional (ALN) e outra ala, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). A organização política e de guerrilha urbana foi duramente golpeada em 1969, quando Apolônio e outros militantes foram presos. Alves morreu sob tortura. Apolônio reagiu à prisão. Com quase 60 anos, saltou sobre o motorista do carro que o levava para o quartel, na tentativa de jogar o veículo sobre um muro. Foi contido a coronhadas. A prisão durou até 1970, quando deixou o Brasil no grupo de 40 presos políticos trocado pelo embaixador alemão, Ennenfied Von Holleben, seqüestrado pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e pela Ação Libertadora Nacional (ALN). Foi para a Argélia e só voltou ao Brasil após a anistia de 1979, após afastar-se do PCBR em 1978, integrando-se ao grupo

que formou o PT. Inicialmente, foi anistiado como tenente da reserva, depois, no fim dos anos 1980, foi promovido a coronel e, no Governo Lula, ganhou o direito a soldo de general de brigada. Até o fim da vida, manifestou sua paixão pelo PT e por Lula, que conheceu na volta. Mesmo assim, mantinha o espírito crítico”.

Apolônio se dizia contra o culto às personalidades-

Em depoimento à Fundação Perseu Abramo, Apolônio se disse contra o culto às personalidades. “Nunca tive culto à figura do Prestes. Mesmo ao jovem Fidel [Castro] a gente olhava com carinho, com respeito, mas sem culto. Para nós, a Revolução de Cuba era muito interessante, mas dentro de realidades diferentes, de condições internacionais extremamente diversas. A gente já possuía essa visão crítica”.

Deu nos Jornais

Deu nos jornais é uma síntese semanal das notícias veiculadas diariamente no sítio www.unisinos.br/ihu, compiladas pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU).

O Consenso de Pequim. A China, agora, dita as regras

No início, era uma mistura de admiração e perplexidade. Agora, as reações do resto do mundo diante do surpreendente ritmo de crescimento da China têm se convertido em um debate prático sobre que lições os demais países em desenvolvimento podem tirar do exemplo do gigante asiático. Essa discussão de política econômica começa a ganhar fôlego, inclusive na América Latina, e já foi batizada de Consenso de Pequim. A expressão, cravada no título de um artigo escrito pelo consultor americano Joshua Cooper Ramo, é usada como contraponto ao chamado Consenso de Washington, receituário de medidas neoliberais formulado na década de 90 para países em desenvolvimento. O jornal *Valor*, 23-9-05, publica uma ampla reportagem sobre o Consenso de Pequim. Segundo o jornal, "a escassez de resultados nos países que abraçaram as reformas neoliberais, como os latino-americanos, tem dado espaço à busca de alternativas inspiradas no modelo da China, uma das poucas nações emergentes que não seguiram as orientações do Consenso de Washington. "A China está marcando um caminho para outras nações que estão tentando descobrir não apenas como se desenvolver, mas também como se encaixar na ordem internacional de forma que possam ser verdadeiramente independentes (...) Chamo essa nova física do poder e desenvolvimento de Consenso de Pequim. Substitui o amplamente desacreditado Consenso de Washington, uma teoria econômica famosa nos anos 90 por sua abordagem prescritiva, 'Washington-sabe-melhor', de dizer a outras nações como administrar a si mesmas", diz trecho do artigo. "O Consenso de Pequim" foi publicado pelo respeitado Centro de Política Externa (The Foreign Policy Centre), instituto de pesquisa baseado em Londres que tem como patrono o primeiro-ministro britânico, Tony Blair. Recentemente, tanto a expressão como as teses de Ramo têm ganhado tom de debate e já foram citadas em artigos de publicações como *Financial Times*, *Newsweek* e textos de outros acadêmicos, inclusive brasileiros. "Os dois países que ignoraram mais notavelmente o Consenso de Washington, Índia e China, têm resultados que parecem atrativos. Então, no lado econômico, acho que há uma reação natural de tentar pensar sobre que lições poderiam ser aprendidas das experiências desses dois países muito grandes e muito pobres", disse Ramo ao jornal *Valor*.

No longo prazo, a política econômica é desastrosa, afirma Belluzzo

"No ponto de vista do longo prazo, a política econômica é desastrosa. É preciso dizer que, com a crise, a política econômica tornou-se ainda mais conservadora". A opinião é de Luiz Gonzaga Belluzzo, economista, professor na Unicamp, em entrevista publicada pelo jornal *Valor*, 23-9-05. "Eu tenho uma série de restrições a essa idéia de blindagem da economia" afirma Belluzzo. "O que nós estamos é aprofundando uma política econômica que tem como base uma política monetária extremamente dura, que nos coloca na rabeira. Sim, o país está conseguindo aumentar seu superávit mesmo com uma taxa de câmbio inadequada porque está exportando commodities e está nadando numa situação de demanda externa muito favorável. Agora seria uma ousadia dizer que com esse grau de equilíbrio vai poder continuar como está. O Brasil está fazendo uma aposta arriscada. Com 19,5% de taxas de juros não há crise política que consiga aplacar o apetite pela arbitragem. No ponto de vista do longo prazo, a política econômica é desastrosa. É preciso dizer que, com a crise, a política econômica tornou-se ainda mais conservadora".

Bento XVI foi eleito com 84 votos, segundo diário anônimo de um cardeal

O Papa Bento XVI foi eleito com 84 votos e o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio ficou num distante segundo lugar, com 26, de acordo com o diário não-autorizado mantido por um cardeal que permanece anônimo, informa o jornal italiano *La Repubblica*, 23-9-05. A reportagem diz que, na primeira rodada, Ratzinger teve 47 votos e Bergoglio, um jesuíta, 10. Os italianos Carlo Maria Martini e Camillo Ruini receberam 9 e 6 votos, respectivamente. Ratzinger liderou a segunda rodada com 65 votos. Bergoglio obteve 35. Na terceira votação, foram 72 votos a 40.

Eis os segredos da eleição de Ratzinger

Sob este título, o jornal italiano *La Repubblica*, de 23-9-05, noticia que no diário de um cardeal que participou do conclave que elegeu Bento XVI, se descobre que foi o cardeal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, e não Carlo Maria Martini, o grande concorrente de Joseph Ratzinger. Segundo o jornal, o arcebispo de Buenos Aires teve 40 votos no terceiro escrutínio, na manhã do dia 19 de abril, frente aos 72 de Ratzinger. Ele necessitava de 77 para ser eleito. Na quarta votação, na tarde deste dia, o acordo entre os cardeais deu a eleição de Bento XVI, com 84 votos. Bergoglio terminou com 26 votos. Ainda segundo o jornal italiano, a grande surpresa do primeiro escrutínio foi o cardeal argentino Bergoglio. Jesuíta como o cardeal Martini, entre os dois nunca houve sintonia. Nos anos 1970, no tempo do Padre Pedro Arrupe, superior geral da Companhia de Jesus e dos debates da Teologia da Libertação, Bergoglio foi obrigado a se demitir de provincial da Companhia de Jesus na Argentina porque não partilhava das orientações da ordem religiosa naquele momento. Recentemente o jornal argentino *Página/12* publicou amplas reportagens denunciando o apoio de Bergoglio ao regime militar argentino. Para o jornal italiano, no entanto, como arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio conquistou a fama de ser um homem de Deus. Seguro no plano doutrinal, aberto para as questões sociais, contrariado com a rigidez moral demonstrada por alguns colaboradores de João Paulo II sobre temas de ética sexual comentando, pouco antes do conclave, que estes "querem colocar todo mundo num preservativo", Bergoglio tornou-se, na falta de um candidato mais progressista que fosse uma alternativa a Ratzinger, uma referência. "Com o diário deste cardeal-eleitor entramos nos muros do Conclave", afirma Marco Politi, jornalista italiano, especializado nos assuntos do Vaticano. Segundo ele, surpreende a rapidez com que se liquefaz a candidatura de Martini. Do diário sai a figura de Bergoglio, muito menos aberto que Martini, como ponto de referência, desde o início do conclave, dos não-ratzingerianos: um setor confuso, onde se misturavam cautos adeptos de uma abertura e opositores da linha seguida pelo ex-prefeito do Santo Ofício. Politi ressalta que a eleição ocorreu entre o europeu Ratzinger e o latino-americano Bergoglio. Mas a conotação continental vale somente na superfície. Ratzinger tinha como referência a "diversidade na continuidade" e a carta de uma personalidade fortíssima e conhecida. Bergoglio levava consigo a "novidade", mas sem uma fisionomia imediatamente reconhecível. Para Marco Politi, o diário do cardeal-eleitor ajuda a entender melhor o que aconteceu no conclave. Mas, apesar de tudo, há alguns pontos que precisam de novas revelações.

"É uma lei boa para bandidos", declara o diretor-presidente da Taurus sobre o Estatuto do Desarmamento

A revista *Trip* de setembro, dedicada ao desarmamento, traz uma polêmica entrevista com o diretor-presidente da Forjas Taurus Carlos Alberto Paranhos Murgel, que faleceu na semana passada. Na entrevista, o executivo da empresa gaúcha defendeu o comércio legal e controlado de armas leves, cuja proibição será votada no referendo do dia 23 de outubro. Ele foi curto e direto sobre o Estatuto do Desarmamento de 2003. "É uma lei boa para bandidos". Segundo Murgel, apenas 15% das armas da empresa são vendidas à população civil brasileira e 70% da produção é exportada para mais de 80 pessoas.

Amazonas pega fogo

Do jornal *A Crítica*, de Manaus, 22-9-05: Em um mês, houve um aumento de 400% nos focos de queimadas no Estado do Amazonas. De 9 de agosto a 9 de setembro de 2005, o Sipam registrou 1976 incêndios. No mesmo período do ano passado, o satélite havia registrado 407 áreas com fogo.

Mudar o modelo econômico. A proposta de Mangabeira Unger

“Na eleição de 2006, os que querem persistir na antiestratégia de desenvolvimento que seguimos nesses anos de mediocridade e de abdicação nacional enfrentarão os que propõem mudarmos de rumo. Sem essa mudança, os belos compromissos de instituir políticas sociais universalizantes, de melhorar a qualidade do ensino público e de conter a influência do dinheiro sobre a política serão enganações fadadas a virar desilusões. E só a luta em prol dessa mudança dará foco e oportunidade ao esforço para construir democracia participativa de alta energia”. É esta a proposta de Roberto Mangabeira Unger, possível candidato a presidente da República, em artigo publicado dia 20-9-05, no jornal *Folha de S. Paulo*. Para Mangabeira Unger, “a mudança necessária nada tem de milagreira. Não está isenta de riscos. Acaba, entretanto, com a sangria sem fim imposta ao país pela orientação atual”. Mangabeira Unger propõe cinco pontos: “Em primeiro lugar, tensionar com os mercados financeiros para forçar a baixa drástica do juro. Nem amém, nem calote. Usar o poder de pressão que o enorme sacrifício fiscal possibilitou. Daí a importância de perseverar nesse sacrifício, resistindo à tentação de usar a política fiscal de maneira contracíclica, como conviria a governos menos viciados na dependência dos mercados financeiros do que o nosso. Tensionar sob o escudo protetor de controles fortalecidos sobre as entradas e saídas de capital. E compensar esse jogo de braço com medidas destinadas a fomentar e a organizar a poupança de longo prazo, a ser mobilizada para o investimento de longo prazo”. “Em segundo lugar, fazer como fazem a China e a Índia, negociando com as multinacionais para condicionar a presença delas à transferência de tecnologia adiantada e à qualificação do trabalhador brasileiro”. “Em terceiro lugar, atacar de frente a informalidade: quer dizer, o trabalho ilegal e, portanto, inseguro e humilhante a que continuam condenados 60% de nossos trabalhadores. Para isso, abolir todos os encargos sobre a folha de salários e passar a financiar os direitos trabalhistas na base dos impostos gerais. Melhor usar o sacrifício fiscal para isso do que para enriquecer os credores da dívida pública. A expansão da base tributária permitirá aos poucos a redução da carga tributária”. “Em quarto lugar, reverter o arrocho salarial, apostando na valorização do salário e no adestramento do trabalhador. Nada de vender trabalho barato ao mundo. Aumento dos fluxos de comércio internacional como contrapartida ao aprofundamento do mercado interno. A partir do topo da hierarquia salarial, generalizar o princípio constitucional de participação dos assalariados nos lucros das empresas. Na base da hierarquia salarial, dar incentivo tributário para o emprego e para a qualificação dos trabalhadores mais pobres. No meio da hierarquia salarial, fortalecer o direito dos trabalhadores organizados de representar os interesses dos não-organizados em seus setores”. “Em quinto lugar, fazer a grande revolução econômica no Brasil de hoje: abrir acesso ao crédito, à tecnologia e ao conhecimento em favor da multidão empreendedora que surge de baixo. Mandar embora a quadrilha de apaniguados que suga o dinheiro do governo e do trabalhador nos bancos oficiais e nas organizações oficiais de fomento. E passar a instrumentalizar o dinamismo disperso e frustrado do país”. E conclui: “É o mero bom senso. É factível com os meios à mão. Só se fará, porém, por obra de um movimento audacioso para esclarecer o povo brasileiro e para ganhar o poder no Brasil”.

“Ninguém tem o direito de maltratar a esperança”

“Decepção e dor”. Estes são os sentimentos que a crise política causam em Eduardo Galeano, escritor uruguaio, autor do livro, escrito há 35 anos, *As veias abertas da*

América Latina. Em entrevista concedida ao jornal *O Estado de S. Paulo*, 24-9-05, Eduardo Galeano afirma que “o Brasil é um país que sinto como se fosse meu, é uma velha ligação... O que mais me dói nisso tudo, mais que esse escândalo, que para mim foi imprevisível, é essa explicação que circula: “Por que tanta confusão se isso sempre aconteceu?”. Se o PT chegou ao governo, como uma força nova encarnando a esperança coletiva, não era para repetir a história. Era para mudá-la. Então, para que nasceu? Para que existe? Tanto sacrifício, para quê? Nenhuma força tem o direito de maltratar assim a esperança da qual é portadora. Quando eu era jovem, trabalhava no semanário uruguaio *Marcha*, e meu mestre em jornalismo, e não só em jornalismo, foi o diretor do semanário, Carlos Quijano. Ele sempre dizia: “Está proibido pecar contra a esperança. É o único pecado que não tem perdão.” Naquela época, eu achava que a frase era bastante pomposa. Com o passar do tempo, aprendi quanta razão tinha dom Carlos. Não se pode brincar com a fé do povo, essa expectativa popular da transformação da realidade dentro da ordem democrática que Lula encarnou. O pecado contra a esperança vira pecado contra a democracia. É gravíssimo o que está acontecendo”.

“A esperança é frágil. Precisa ser cuidada com delicadeza”, afirma escritor uruguaio

O PT começou a trair as pessoas que acreditavam “principalmente agora, mas começou antes”, constata Eduardo Galeano na entrevista supracitada. Segundo ele, “sem dúvida, houve um divórcio crescente entre o que foi prometido e o que foi feito na verdade. Até certo ponto, é inevitável um abismo entre o desejo e o mundo real, entre o querer e o poder. Mas houve sim um desencontro grave, sobretudo em matéria de política econômica e seus programas sociais, que ficaram de molho. Mas depois veio esse escândalo, com compra de votos, homens, partido... A esperança é frágil. Precisa ser cuidada, tratada com muita delicadeza. Em outros tempos, o chamado realismo socialista, que não era realismo nem era socialista, dizia que a esperança do povo era de aço. Mentia. É de cristal”.

Frases da semana

“Se não surgir nenhuma nova denúncia ligada diretamente ao presidente, pode-se considerar que ele esgotou suas perdas”. - **Márcia Cavallari, diretora do Ibope - O Estado de S. Paulo, 22-9-05.**

“O mundo político parece o rio Tietê ou o Pinheiros. Exala mau cheiro. Mesmo que você não consiga ver o que causa o cheiro, sente-o, sabe que está lá, quase acha que pode tocá-lo” - **Clóvis Rossi, jornalista - Folha de S. Paulo, 22-9-05.**

“Não há perspectiva, pelo que deu para sentir, de que a Câmara tenha aprendido com a lambança que fez com a eleição de Severino. A disputa está comendo solta e não tem a lógica de salvar a instituição”. - **Franklin Martins, comentarista político, na CBN - Folha de S. Paulo, 22-9-05.**

“No Brasil, a política monetária tem sido conduzida, em grande medida, por economistas acadêmicos treinados nos EUA, relativamente jovens e com pouca experiência prática”. **Paulo Nogueira Batista Jr, economista - Folha de S. Paulo, 22-9-05.**

“A globalização selvagem desregulada gera cada vez mais pobres. O furacão Katrina revelou o que são os Estados Unidos por dentro. E isto foi um choque para o mundo inteiro, pois de repente vimos um país de miséria. Portanto, não será o neoliberalismo

que resolverá os problemas atuais. Por enquanto, na Europa, nem todo mundo pensa como eu". – **Mário Soares, candidato à presidência de Portugal – O Estado de S. Paulo, 22-9-05.**

IHU em revista

eventos pg. 43
IHU Repórter pg. 46

III Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O livro **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**, de Darcy Ribeiro, será apresentado pela Prof.^a Dr.^a Léa Freitas Perez, do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, em mais um edição do **III Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. O evento será realizado na próxima quinta-feira, dia 29 de setembro, das 14h às 17h, na sala IG119 do IHU.

Léa Freitas Perez é graduada em História pela UFRGS, mestre em Antropologia Social pela mesma instituição e doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, França. Sua dissertação de mestrado intitula-se *A diferença: um estudo das representações sobre a identidade de um grupo de judeus em Porto Alegre*, e sua tese de doutorado leva o título *La ville au Brésil: formation et développement (XVIe- XIXe siècle)*. Léa Perez é uma das organizadoras de **Passagem de milênio e pluralismo religioso na sociedade brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Ela concedeu a entrevista que segue à revista **IHU On-Line** na última semana, por telefone.

Uma alegoria humanista tropical sobre o Brasil

Entrevista com Léa Freitas Perez

IHU On-Line - O que o livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* traz de mais inédito? Quais as contribuições mais importantes da obra?

Léa Perez – O livro não tem nenhum ineditismo. Não traz nada de novo nem em relação ao Brasil, nem em relação à própria obra de Darcy Ribeiro. Até porque ele próprio apresenta esse livro como conclusão e recapitulação geral de toda a sua obra. O que esta em especial tem de diferencial é o fato de que Darcy estava com câncer quando a escreveu. Ele morreu de um câncer pulmonar. E conta que, sentindo a iminência da morte, internado no hospital, fazendo quimioterapia, fugiu para concluir esse livro. Ele até explica no prefácio da obra que levou 30 anos para escrevê-la. Essa espécie de balanço é a posição dele em relação ao Brasil, porque esse livro é um balanço intelectual e também um

testamento e manifesto político. Essa é que seria a originalidade do livro. Darcy Ribeiro segue uma linha clássica de interpretação do Brasil. A sua contribuição é a versão da peculiaridade brasileira, originada da mestiçagem. Essa é uma tese bastante canônica para o Brasil, e Darcy dá a sua versão defendendo que o que nos explica como povo é a mestiçagem que aqui ocorreu.

IHU On-Line - O autor defende na obra uma identidade étnica brasileira. Que características teria essa identidade?

Léa Perez – Justamente a peculiaridade brasileira é ter conseguido, pela via da mestiçagem de elementos tão díspares, como brancos, negros e índios, etnias que estavam em luta e embate permanente no Brasil, formar, nas palavras de Darcy Ribeiro, “o espantoso, o extraordinário, o bizarro do povo brasileiro”. Com todas

essas diversidades e conflitos que atravessam a história brasileira, o Brasil conseguiu, diferentemente da América histórica, se tornar um povo único, um povo-nação. E isso para Darcy, é o resultado da mestiçagem entre as protocélulas luso-tupis e as protocélulas negras. Isso tudo se funda, criando um povo novo, que ele chega a chamar de uma nova Roma tropical, lavada em sangue negro e sangue indígena. Isso para Darcy Ribeiro é espontâneo, é o extraordinário da história brasileira. De certo modo, não tem muito como explicar. Eu entro aí com uma explicação, de que vou tratar na minha palestra, sobre o lado ficcional do texto, do livro ser também a construção de uma alegoria que eu chamo de alegoria humanista tropical sobre o Brasil. Aparece na obra o cruzamento do Darcy antropólogo e do Darcy político, que quer reformar a sociedade brasileira. Não podemos esquecer que ele é um dos ideólogos do socialismo moreno do PDT de Brizola.

IHU On-Line - Segundo a obra, quais as principais contribuições culturais dos negros, dos índios e dos europeus na formação étnica do brasileiro?

Léa Perez – Para o Darcy, o índio e o português são os responsáveis pela gestação étnica do Brasil, no sentido demográfico mesmo. É pelo entrecruzamento das índias com os portugueses que nasceu o que ele chama de *brasilíndios*, que são os primeiros brasileiros, os mamelucos, os mestiços. Disso, vem o que ele chama de protocélula luso-tupi. Ele disse que as mulheres indígenas foram as mães brasileiras. Elas são as nossas mães. Foram elas que geraram os brasileiros. Para ele, a grande contribuição dos negros é mais civilizacional, mais cultural. Darcy defende que os negros, os escravos africanos, foram os responsáveis pela difusão do português como língua

nacional, porque até o século XVII, começo do século XVIII, no Brasil, a língua do País era a língua tupi. Os negros, foram obrigados a aprender o português pelas chicotadas dos feitores dos engenhos de açúcar, que difundiram o português como língua nacional, mas o português já mesclado com africano.

IHU On-Line - De que forma o contexto histórico fornecido por Darcy Ribeiro pode ajudar a compreender o Brasil de hoje?

Léa Perez – O livro dele vem até hoje. No final, ele já começa a fazer uma crítica à sociedade de consumo, à indústria cultural, ao neoliberalismo. Ele já trata das questões contemporâneas da história brasileira. Por outro lado, para ele, é por meio da história que podemos entender os problemas de hoje, para saber por que o Brasil é um país subdesenvolvido, um país atrasado, com uma sociedade profundamente desigual. A grande questão de Darcy Ribeiro com essa obra é descobrir por que o Brasil não é um país completo, por que a formação brasileira ainda não se completou. Para isso, ele buscou explicação na história. É na história do nosso passado colonial e da nossa constituição como Estado-Nação, que encontramos explicação para os problemas de hoje. Essa é a posição dele.

IHU On-Line - Como explicar distâncias sociais tão profundas no processo de formação do Brasil?

Léa Perez – Darcy explica que o nosso tipo de constituição histórico-social, nos classifica como uma implantação colonial européia. Nós somos uma extensão da metrópole. Portanto, o Brasil ainda não é uma nação independente. Não é uma nação soberana. O Brasil ainda está à espera de seu destino, ainda está se gestando porque ainda não fez a sua grande revolução.

A religiosidade a serviço da constituição de vínculo social

Entrevista com Léa Freitas Perez

As relações entre religião e juventude serão tema da última edição do evento **IHU Idéias** do mês de setembro, a ser realizada no próximo dia 29, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

A Prof.^ª Dr.^ª Léa Freitas Perez, da UFMG, é a responsável pela explanação.

Ela concedeu a entrevista que segue à revista **IHU On-Line** na última semana, por telefone, falando sobre o tema que apresentará no evento. Ele se pauta no projeto de pesquisa que a professora atualmente desenvolve, intitulado “Religião, política e cultura entre a juventude de Minas Gerais”.

IHU On-Line - Quais são as possibilidades de experimentação do religioso na sociedade contemporânea?

Léa Perez – Um das coisas que se apontam hoje como característica da religiosidade contemporânea é a abertura do campo de possibilidades da experimentação. Isso aparece no trânsito religioso, no passar de uma religião para outra, e também pela realização do sincretismo ou hibridação religiosa, que é mais característico de uma manifestação religiosa contemporânea como a nova era. Ela mistura, cola elementos de várias tradições religiosas, criando algo diferente.

IHU On-Line - Como a senhora vê o fenômeno atual dos jovens em busca de religião?

Léa Perez – Uma das coisas interessantes que estamos observando na pesquisa é essa relação positiva dos jovens com a religião, como a religião passou a se tornar um elemento que compõe a experiência da juventude. A religião faz parte de elementos da experiência da juventude contemporânea.

IHU On-Line - Como poderia caracterizar as relações entre religião e juventude há três décadas atrás e

as mesmas relações no cenário contemporâneo?

Léa Perez – Percebemos logo a diferença entre os jovens de hoje e a juventude da década de 1970, 1980. Essa era uma juventude bastante refratária à religião. A grande ligação dessa juventude era a política. Para a juventude dos anos 1970, a religião estava em baixa, e a política estava em alta. O que observamos hoje é a inversão disso. A religião chama muito mais atenção dos jovens de hoje do que a política.

IHU On-Line - Como o individualismo e o hedonismo da sociedade atual se misturam com a experiência religiosa na juventude?

Léa Perez – Em primeiro lugar, eu sou contrária a essa tese de que a sociedade atual é individualista. Não é só isso, não é puramente isso. O individualismo não é contrário à possibilidade de uma experiência coletiva, senão o mundo já tinha acabado. Se o individualismo fosse exatamente o que os apocalípticos dizem, nós não íamos mais estar aqui. Nós continuamos fazendo grupo, continuamos constituindo vínculo. Por outro lado, a sociedade é hedonista, mas o hedonismo também não é uma coisa ruim, pelo contrário, é algo positivo. O hedonismo contemporâneo é uma maior possibilidade de expressão da

individualidade e do desejo. O fundamental é que na sociedade contemporânea, ao contrário do que as teorias da secularização previam, a religião ocupa um lugar fundamental, cumprindo com sua função na própria etimologia do termo, que é religar. Essa volta com força da religião, o retorno do religioso na sociedade contemporânea, é compreendido por essa oferta de religação, de constituição de elos e vínculos.

IHU On-Line - Como se dá a vivência em comunidades sociais na Igreja?

Léa Perez – É importante falar aqui de como essa possibilidade que a religião oferece, para além do bem e do mal, na contemporaneidade, de constituir vínculo, pode gerar um movimento de seitas, chamado fundamentalismo, que é a construção de grupos não-fechados, que acabam se isolando. Esses constituem o que chamamos de seitas religiosas e que, ao que tudo indica, possibilita a constituição de comunidades de jovens, como a chamada Toca de Assis⁷⁶. Fazem parte dela alguns jovens, que fazem a opção pela pobreza e que têm uma consolidação fundamentalista, porque implica para eles romper com os laços familiares e ir viver nessas comunidades que fazem opção pela pobreza. Mas é um fenômeno relativamente recente, que está começando a ser estudado, e sobre o qual não podemos falar muita coisa ainda. O que chama a atenção é que atrai muitos jovens. Os grupos que promovem retiros são conformações de movimentos tradicionais das igrejas. Claro que hoje eles adquirem uma maior visibilidade, porque há toda uma preocupação da sociedade contemporânea com a juventude.

⁷⁶ A **Fraternidade Toca de Assis** é uma casa religiosa não-filantrópica, ligada à Igreja Católica, que abriga e acolhe pessoas moradoras de rua. Trata-se de uma associação religiosa cujos membros, jovens, vivem literalmente como Francisco de Assis vivia, vestindo-se com trajes simples, na extrema pobreza. O Padre José Litieri foi o fundador da Toca de Assis. A entidade conta com 63 casas em todo o Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais as características que mais predomina na personalidade do jovem do século XXI?

Léa Perez – Eu não posso falar sobre o jovem em geral, pois a maior quantidade de informação que tenho, é da juventude em Minas Gerais. Pensando no que estamos encontrando aqui em Minas ou no Rio de Janeiro, vemos que o jovem está muito preocupado com seu futuro e formação profissional. Ele quer saber que tipo de emprego vai conseguir. Isso porque vive em uma sociedade em que o tradicional mundo do trabalho está se dissolvendo, aquela famosa experiência de estabilidade do emprego é algo que não faz mais parte da experiência geracional dele. Outra preocupação desses jovens é a chamada violência urbana. Eles têm receio de sair à noite para a balada e tomar um tiro. Isso também é uma marca da experiência geracional dessa juventude. Os jovens também estão muito ligados ao valor da fidelidade. E não apenas fidelidade na parceria amorosa, mas também na própria amizade. Para eles, a fidelidade é bastante valorizada. Eles querem ter bons amigos, amigos fiéis, além de não trair o parceiro amoroso. Também há um aspecto interessante que é a mistura da fidelidade com a virgindade. Há uma pregação da virgindade, indiferente para meninos ou meninas. Manter-se virgem até o casamento em nome da fidelidade é importante. Mas é claro que isso tudo tem que ser mediado, relativizado com outras coisas que também fazem parte das características dessa juventude e que as pesquisas apontam. Como exemplo, aparece, por um lado, uma nova modalidade de constituição dessa juventude: o tal de “ficar com”. Isso atenua e matiza um pouco a fidelidade. Por outro lado, os números mostram o aumento impressionante da maternidade precoce. As meninas estão tendo filhos cada vez mais cedo, o que, aparentemente, seria uma contradição com a idéia da preservação da virgindade, que, no entanto, não é. Podemos explicar

isso de outras maneiras. De resto, a família continua sendo fundamental para os jovens. Não há ruptura nenhuma nesse aspecto. O que há são novas modulações. Eles modulam de um modo diferente elementos que já estavam aí, o que não quer dizer que seja novo, ou um retrocesso.

IHU On-Line - O que motiva o jovem a buscar a fé, a religião?

Léa Perez - A questão aqui é compreender qual a relação que esses jovens podem estabelecer com a religiosidade. Ao que tudo indica, a questão fundamental é que a religião, mais ainda, a religiosidade ou o que eu chamo de sensibilidade religiosa, para esses jovens, está a serviço da constituição de vínculo social. Funciona da mesma maneira que o partido político funcionou para os jovens dos anos 1970, como um elemento de socialização. Aqueles jovens iam para o partido para fazer turma, para fazer grupo, que é a característica do mundo juvenil: a turma, o fazer grupo. A religiosidade é uma alternativa para eles como qualquer outra. E a religião hoje está mais disponível do que estava para algumas gerações atrás e volta a ocupar um lugar de destaque na sociedade. Ela hoje é um produto a mais no mercado de bens culturais. E isso não é nenhum demérito, pelo contrário. Mostra o quanto a religião é produto e expressão da sociedade de seu tempo.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de outubro:

06/10/05 - Modelos alternativos para a resolução de conflitos nos pensamentos judaico, islâmico e cristão - Prof. Dr. Marcelo Dascal – Prof. visitante do PPG em Filosofia

13/10/05 - A influência do capital social na saúde coletiva - Prof. Dr. Marcos Pascoal Pattussi – Unisinos

20/10/05 - A cozinha temática: da tradicional à Fusion - Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Maciel – UFRGS

27/10/05 - Pecados do Brasil na mira da Inquisição - Prof. Dr. Ronaldo Vainfas – UFF/RJ

Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - Marcos, trajetórias e perspectivas

Os participantes do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - Marcos, trajetórias e perspectivas**, no próximo dia 29 de setembro, participarão de debate sobre *O Concílio Vaticano II e a abertura eclesial ao mundo e aos outros*. O palestrante será o Prof. Dr. Inácio Neutzling, diretor do Instituto Humanitas Unisinos.

O evento será realizado das 19h30min às 22h, na sala 1G119 do IHU.

Graduado em Filosofia e em Teologia, Inácio Neutzling é mestre em Teologia pela PUC-Rio e doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana de Roma, na Itália, com a tese intitulada *O Reino de Deus e os Pobres. As implicações ético-teológicas para o agir cristão*.

Inácio Neutzling organizou, entre outros, o livro *A Teologia na universidade contemporânea*. São Leopoldo: Unisinos. 2005.

Sobre o tema que será debatido no evento da próxima quinta-feira, confira a matéria de capa da presente edição.

Idade Média e cinema

Sábado passado, dia 24 de setembro, na programação do curso **Idade Média e cinema**, o filme exibido e comentado com o público foi **Rei Arthur**, do diretor Antoine Fuqua, produzido em 2004. A condução do debate posterior esteve sob a responsabilidade do Prof. Dr. José Rivair de Macedo, da UFRGS.

Ecoss do evento

“Estou gostando bastante. O professor Rivair tem mostrado profundo conhecimento em história e cinema. Escrevo críticas de cinema, e o curso me ajuda a avaliar melhor o contexto histórico e a época. Isso me possibilita fazer uma avaliação mais profunda e interessante”.

Davi Alexandre Tomm, aluno do curso de Jornalismo na Unisinos, 4º semestre.

“O curso está me ajudando a distinguir entre o que é realidade e o que é fantasia nos filmes sobre a Idade Média. Nem tudo é verdade e nem tudo é ficção. O professor Rivair mostra alguns detalhes que ajudam a fazer esse tipo de avaliação, e isso é extremamente importante”.

Fernanda Giroto, aluna do curso de História na Unisinos, 1º semestre.

O filme *El Cid* e uma realidade unificada falsa Entrevista com Rejane Barreto Jardim

O curso **Idade Média e cinema**, em sua próxima edição, no sábado, dia 1º de outubro, das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119 do IHU, terá na programação a exibição do filme *El Cid*. O comentário posterior da obra com o público estará a cargo da Prof.ª Dr.ª Rejane Barreto Jardim, da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Rejane é graduada em História pela Faculdade Portoalegrense de Educação Ciências e Letras, e mestre e doutora em História pela PUCRS. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail:

Ficha Técnica

Título Original: El Cid

Gênero: Épico

Tempo de Duração: 184 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1961

Direção: Anthony Mann

Roteiro: Philip Yordan, Fredric M. Frank e Ben Barzman

Produção: Samuel Bronston

Música: Miklós Rózsa

Figurino: Veniero Colasanti e John Moore

Edição: Robert Lawrence

***IHU On-Line* - Como o filme *El Cid* contribui para contar a história da Idade Média?**

Rejane Jardim – É sempre bom lembrar que se trata de um filme, e como tal, não tem compromisso com a história. Uma obra cinematográfica tem os seus limites

de tempo, de forma, e mesmo de conteúdo. O diretor e o produtor podem estar preocupados com uma série de fatores, e entre eles a história. Mas o filme traz alguns aspectos históricos importantes e serve como elemento deflagrador do debate. Ele não traz uma história crítica, porém contribui para iniciar a reflexão sobre a Península Ibérica medieval, apesar de não contar essa história.

IHU On-Line - Quais os maiores méritos da obra, em termos de produção, fotografia, enredo, considerando que ela foi produzida em 1961?

Rejane Jardim –É preciso ter em conta que se trata de uma superprodução, bem ao estilo americano, embora se trate de uma produção que conta com a colaboração da Itália e da própria Espanha. Então, tendo isso em mente, podemos dizer que tem lá os seus méritos, bem como possui uma fotografia, para a época, também interessante.

IHU On-Line - Como a senhora avalia a descrição das personagens no filme e que relação elas possuem com a sociedade da época?

Rejane Jardim –O filme é muito pouco fiel com o tempo histórico que pretende narrar, e os personagens, sobretudo o Cid, são bastante distorcidos. Isso tem muito a ver com o século XX, mais do que com a Idade Média. Na época em que o filme foi rodado, a Espanha era governada com mão de ferro pelo general Franco⁷⁷, o que interferiu muito nas

⁷⁷ Francisco Franco Bahamonde (1892-1975): general que organizou uma batalha armada contra o legítimo governo da república espanhola, que levou a Espanha a uma guerra de três anos, proibindo e perseguindo as outras línguas e culturas do estado espanhol. Chegou mais tarde no poder como ditador até a sua morte. (Nota da *IHU On-Line*)

decisões que a direção e a produção precisaram tomar. Na década de 1960, uma época muito tumultuada, sobretudo na Europa, o herói de uma Espanha unificada é um pouco demais para a realidade da península na época do Cid.

IHU On-Line - O que mais marca no resgate da Idade Média espanhola?

Rejane Jardim – Em primeiro lugar, não podemos falar de uma Idade Média espanhola, pois a Espanha como nós a conhecemos hoje, simplesmente não existia. O que podemos tirar do filme como proposta de discussão seria justamente isto: lembrar que a realidade unificada que o filme quer apresentar é falsa. Naquele tempo, temos uma Península Ibérica ocupada pelos muçulmanos, e a aventura de Cid ocorreu em uma das primeiras tentativas da cristandade ocidental de combater o infiel dentro das fronteiras ocidentais. O filme se inspira muito na tradição de Menéndez Pidal⁷⁸, conhecido medievalista espanhol, que influenciou gerações de historiadores e também contribuiu bastante na montagem desse roteiro. Sua visão de Cid e da Espanha se faz bastante presente nesta produção.

IHU On-Line - Qual a importância que o público do cinema dá às cenas de violência? Elas ainda atraem tanto e prevalecem sobre o amor, como no caso de El Cid?

Rejane Jardim – Creio que cenas de violência e amor se alternam de forma mais ou menos organizada, de forma a dar ao público um pouco de emoção, permitindo momentos de evasão. Evadir-

⁷⁸ Ramón Menéndez Pidal (1869-1968): professor, historiador e filólogo espanhol. Foi uma autoridade notável na literatura épica espanhola e na língua espanhola. Dirigiu a *Revista espanhola de Filología* e escreveu *Orígenes del español* (1926). É autor também de vários estudos sobre a literatura medieval, entre eles, trabalhos sobre El Cid. (Nota da *IHU On-Line*)

se do real é a grande proposta do cinema de tipo superprodução americano. Em geral, o público gosta e vai ao cinema justamente para isso.

IHU On-Line - Qual a fidelidade que o filme dá à trajetória do herói espanhol Rodrigo Díaz de Bivar?

Rejane Jardim - Fidelidade é uma palavra que não devemos ter em conta aqui. O filme articula seu próprio discurso sobre a história. É uma forma de o grande público acessar informações que, de outra forma, não obteria. Contudo, não devemos procurar aí a fidelidade histórica, pois uma pergunta que se pode fazer é: o que seria fiel à história?

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

Rejane Jardim - Em se tratando de história, é preciso ter cuidado como a manejamos, como lidamos com nossas fontes. Eu diria que é de bom tom sempre duvidar das nossas fontes. Elas são muito pouco confiáveis. É preciso duvidar sempre, sobretudo quando se lida com uma fonte como o cinema. Nesse tipo de material, temos que ter claro que entre nós e nos acontecimentos que nos são apresentados, há inúmeros filtros com os quais é preciso lidar. Saber que eles estão ali já é um bom caminho para se fazer uma boa história.

Ciclo de Estudos sobre "O Método", de Edgar Morin

O tema A Educação no Paradigma da Complexidade será apresentado pela Prof^ª. Dr.^ª Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza, da PUCRS, na próxima edição do ***Ciclo de Estudos sobre "O Método", de Edgar Morin, em Porto Alegre. O evento acontecerá dia 28 de setembro, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, localizada no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. Graduada em Pedagogia pela PUCRS e em Farmácia e Bioquímica pela UFRGS, Valdemarina é mestre e doutora em Educação pela PUCRS. Sua dissertação de mestrado leva o título Busca do significado da interdisciplinaridade para a educação de professores da área de Toxicologia, e sua tese de doutorado intitula-se A concepção de interdisciplinaridade de professores de Toxicologia Aplicada. A professora é organizadora de Participação e Interdisciplinaridade - Movimentos de Ruptura/ Construção, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996; e, com Armando Luis Bortolini, de Mediação Tecnológica: construindo e inovando. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. Ela já apresentou esse tema no Ciclo de Estudos sobre "O Método", de Edgar Morin, realizado na Unisinos, em 2 de setembro de 2004. Na ocasião, concedeu uma entrevista à revista IHU On-Line número 113, de 30 de agosto de 2005.***

Para esta edição, Valdemarina elaborou o artigo que segue, especialmente para a IHU On-Line.

As idéias de Morin e sua transposição para a área da educação: a complexidade viva de um desafio

Por Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza

Escrever sobre a complexidade viva, que é o conjunto de idéias de Edgar Morin e sua aplicabilidade à área da Educação, dá a sensação de entrar num turbilhão, em movimentos de recursividade, que desvelam a dificuldade em tornar simples o que é extremamente complexo! Assim sendo, foi preciso escolher um foco de interesse e de grande relevância para a educação – a inteligência.

Edgar Morin desconstrói/reconstrói sua concepção de inteligência, ao longo de sua obra, numa tecitura interativa entre diferentes componentes da complexidade humana o que gera um sentimento imediato de desconforto ao transportar-se suas idéias para o contexto educacional por questões subjacentes, como O que os professores entendem por inteligência? Até que ponto seus planejamentos incluem alguma preocupação com o desenvolvimento desta atividade superior que se dá na confluência das atividades cerebrais computantes e cogitantes?

Morin faz críticas contundentes ao reducionismo, que vem impregnando o contexto educacional e os estudos sobre a inteligência, argumentando que, embora a consciência da multidimensionalidade do fenômeno da inteligência se faça presente em boa parte da bibliografia à disposição, as abordagens apresentam raramente um distanciamento de uma visão especializada. A inteligência é estratégica, é complexa e inovadora, o que inviabiliza simplesmente medi-la por coeficientes intelectuais, por

incluir face oculta na qual se encontra, surpreendentemente, potencial para realizações fantásticas e para fragilidades, e que se mostra parcialmente acessível apenas por abordagens qualitativas ou abordagens que associem dados quantitativos aos qualitativos.

O autor apresenta uma abordagem diferenciada, rompendo com formas de pensamento e de escrita lineares, escrevendo seus textos dialogicamente, isto é, utilizando-se do jogo contido na recursividade entre produto e produtor; parte e partes e entre partes e totalidade; entre idéias contraditórias, complementares e concorrentes.

Morin pensa e escreve sobre a inteligência, numa incessante circularidade, em que busca expressar as inúmeras dimensões do fenômeno, apontar os vínculos e as interações com os outros fenômenos, apresentando ambivalências e múltiplos sentidos.

Na globalidade de sua obra, Morin afirma que a inteligência, na complexidade de suas criações surpreendentes, sofisticação e ambivalência, faz parte de uma trama plural que, por vezes, oculta uma inteligibilidade permeada pela supremacia de cegueiras geradas na contaminação dos pensamentos por erros mentais e ilusões, erros intelectuais e da razão, orientações paradigmáticas, determinismos culturais e “mundo “extraordinário”. E, nesta trama plural, uma educação simplificadora e reducionista faz a inteligência nutrir-se de uma

utilização empobrecida, que lhe confere vitalidade reprodutora, traz o esvaziamento da possibilidade de uma exploração que beneficie o desenvolvimento do pensamento, de relações solidárias, da compreensão mútua e da cidadania planetária. A inteligência é a aptidão estratégica geral para pensar e criar estratégias que, em situações complexas e inovadoras, se transforma em arte não obedecendo a receitas, consistindo numa combinação de qualidades inteligentes (capacidades) tecidas de forma interativa, formando uma rede de combinações variadas.

A complexidade da inteligência, para Morin, está associada a inúmeras relações de interdependência com a memória, a consciência, o pensamento e a reflexão. Nesta interdependência, a memória dialoga com mitos e idéias e está indissociada da aprendizagem. E a aprendizagem, por sua vez, está associada à

inteligência e ao pensamento; à concepção, à reflexão e à consciência; à curiosidade, à motivação, à invenção e criação, ao interesse e à atenção e ao uso da linguagem.

Em síntese, é possível afirmar que a complexidade da inteligência, para Morin (1998, 2000a), não está restrita somente aos aspectos tratados, pois inúmeros são os desafios associados ao seu desenvolvimento e, entre eles, encontram-se os **desafios de saber conhecer o que é conhecer, de saber conhecer como se conhece e de saber conhecer para que se conhece.**

Sugere-se, para aprofundamento das idéias apresentadas, a leitura das seguintes obras do autor (na seqüência): Introdução ao Pensamento Complexo, A inteligência da Complexidade, Os sete saberes necessários para a educação do futuro e A cabeça bem feita e a coleção O Método (I a VI).

Encontros de Ética

Weblogs e comunidades virtuais

O tema *Weblogs e comunidades virtuais: as redes de sociabilidade da Internet* será debatido no próximo **Encontros de Ética**, evento que se realiza hoje, dia 26 de setembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A palestrante será a Prof.^a MS Raquel da Cunha Recuero, da Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas. Graduada em Jornalismo e em Direito, Raquel Recuero é mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS, onde atualmente cursa doutorado na mesma área. Sua dissertação de mestrado intitula-se *Comunidades Virtuais na Internet: O caso do Pelotas. Um estudo de como a comunicação mediada por computador está alterando a sociabilidade humana.*

Encontros de Ética é um evento gratuito e aberto à comunidade, que acontece na Unisinos a cada 15 dias, sempre às segundas-feiras. Leia na 156^a edição da **IHU On-Line** a entrevista que a professora Raquel concedeu sobre o tema.

IHU completa quatro anos

O Instituto Humanitas Unisinos está comemorando seu quarto aniversário com dois eventos no Espaço Cultural do próprio Instituto. O primeiro é o lançamento da publicação ***Cadernos IHU em Formação***, no dia 27 de setembro, às 18h30min. O segundo é uma exposição permanente, durante a semana, do dia 27 ao dia 30 de setembro, das 9h às 20h, que oferecerá ao público um retrospecto das diferentes atividades do Instituto. Confira, a seguir, a programação das atividades. Comemore conosco:

Exposição comemorativa IHU 4 anos

Local: Espaço Cultural do IHU

Período: 27 a 30/09

Horário: 9h às 20h

a) Abertura oficial da exposição

Dia: 27/09/05

Horário: 18h30min

Local: Espaço Cultural do IHU

Dinâmica: O Diretor do IHU fará a abertura oficial da exposição, destacando a evolução do IHU no contexto da Universidade.

b) Lançamento Cadernos IHU em Formação

Dia: 27/09/05

Horário: 18h30min

Local: Espaço Cultural do IHU

Dinâmica: Lançamento dos ***Cadernos***, importância para o IHU e a Universidade. Será oferecido vinho aos convidados.

Filme *Fé*, de Ricardo Dias, é exibido nesta semana

O filme *Fé*, de Ricardo Dias, é exibido pelo IHU em parceria com o projeto Cinema BR em Movimento. O filme *Fé* retrata a religião e a fé, contextualizando o Brasil atual. Ele será exibido no próximo dia 28 de setembro, na sala 1G119 do IHU, das 16h às 18h30min. O diretor Ricardo Dias traz as grandes festas religiosas, os rituais das mais variadas religiões, seitas e cultos, os pastores e líderes religiosos e os fiéis, ou simples frequentadores casuais de alguns tipos de seita ou culto. O filme procura sair de clichês como “religião é o ópio do povo” e vai em busca da importância da crença para grande parte da população brasileira, além da sua importância no imaginário coletivo do Brasil.

Suzana Wolff



“Tínhamos o ideal de plantar alimentos e contribuir para o abastecimento da população”. Esse sentimento e a consciência da necessidade de encontrar novas alternativas moveram um jovem casal a buscar novos horizontes, em Mato Grosso do Sul. A sensibilidade voltada à natureza é uma herança que ela traz da família, outro pilar importante da sua existência. Hoje, a evolução da vida constitui sua preocupação primeira.

Compreender as transformações que a maturidade traz é seu propósito como coordenadora do Núcleo Temático da Terceira Idade (Nutti), que coordena há 12 anos. A entrevista que segue traça um pouco da trajetória pessoal e profissional da professora mestre em Educação e doutora em Ciência do Movimento Humano, Suzana Hübner Wolff.

Origens e trajetória – Nasci e me criei em São Leopoldo. Estudei na Escola Estadual Prof. Pedro Schneider, o Pedrinho, com muito orgulho. Algumas professoras que tive na época trabalham hoje comigo, como voluntárias, no Nutti. Durante dois anos da minha adolescência, tive o privilégio de morar e estudar em Recife, enquanto a minha família morava em Fernando de Noronha. Meu pai, Manfredo Hubner, era militar e pediu transferência para a ilha porque na época trabalhava no Quartel General em Porto Alegre. Lembro-me que ainda estávamos na ditadura, entre 1976 e 1977. Lá em Recife, estudei no colégio jesuíta Nóbrega, que tinha como diretor um amigo de meu pai, o Padre Arno Maldaner, que é jesuíta aqui de São Leopoldo. Hoje o Padre Arno reside na Casa de Saúde São José. Foi um período bonito, pois conheci uma cultura totalmente diferente, novos hábitos e costumes. Aprendi a respeitar diferenças, construir novos laços de amizade, como também valorizar minhas origens. Quando a família voltou para o sul, fiz Educação Física na Feevale e especialização em treinamento físico, na UFRGS. Na época, eu tinha no esporte o vôlei como a grande vinculação da minha vida.

Lembrança marcante – Um fato marcante na ilha de Fernando de Noronha foi que, antes de retornarmos para o sul, o então governador da época, coronel Motta, me agraciou, em um gesto simbólico, com uma medalha, em reconhecimento às “pesquisas arqueológicas” que desenvolvi na ilha. Como eu era muito curiosa, observei em um audiovisual da época, que, na ilha, havia originalmente um Forte (Nossa Senhora dos

Remédios) e mais sete fortins e fortalezas. Voltei para a ilha mais tarde, em 1985, quando eu e meu marido fomos passar a lua de mel.

Lembranças de infância – Meus pais gostavam de viajar. Passeávamos de carro pelo interior do Rio Grande do Sul, pelo litoral, íamos para a fazenda da minha avó paterna, que morava em Santa Rosa e tinha uma granja de trigo. Chegávamos lá e toda família falava em alemão. Essa cultura da fazenda, das conversas em volta do fogão à lenha, são lembranças bonitas. Lembro da minha infância em São Leopoldo, de ir à piscina do Iguaçú, de passear pela Rua Grande, de frequentar a confeitaria do Schultz. Poder andar de bicicleta, sentar na calçada, são coisas que se perderam.

Casamento e nova experiência de vida - Conheci meu marido em uma quadra de vôlei. Casamos em 1985 e fomos morar no Mato Grosso do Sul, na cidade de Maracaju, pois queríamos conhecer um novo mundo. Tínhamos o ideal de plantar alimentos e contribuir para o abastecimento das pessoas. Foi um período muito bonito de nossas vidas. Plantávamos arroz, milho, soja. Mas, logo seguida, a política agrária começou a piorar. Entrou o Plano Cruzado, eu engravidei e resolvemos voltar, depois de dois anos lá. Comecei na Unisinos em 1988, com minha filha recém-nascida.

Família – Considero a valorização da família e amizades como patrimônios fundamentais. Tenho três irmãos, o Roberto, o Carlos e a Simone. Meus pais, Manfredo e Thereza, moram em Garopaba há 18 anos. Meu pai sempre gostou de orquídeas. Ele as cultiva há aproximadamente 50 anos e deve ter mais de 30 mil plantas. Ainda hoje, aos 78 anos, dá palestras pelo Brasil e Argentina e está escrevendo um livro. Sou casada há 20 anos com o Eduardo Wolff, com quem tenho duas filhas, a Ana Paula, de 17 anos e a Ana Clara, de 14. As duas estudam no Colégio Sinodal, em São Leopoldo. A Ana Paula vai prestar vestibular para Matemática na UFRGS. A Ana Clara ainda não se definiu, mas observo que gosta muito de animais. Ela faz equitação e adora cavalos.

Nutti – O Nutti foi criado em 1992, e eu estou na coordenação desde 1993. Trabalhar com envelhecimento é lidar com questões da minha vida pessoal, afinal eu espero viver muito. Entrei no grupo para substituir um representante da Educação Física, mas peguei os primeiros momentos da criação desse núcleo. A trajetória foi mudando radicalmente, não no sentido quantitativo, de termos um número significativo de idosos, mas sim de qualidade. Vejo que o Nutti tem amadurecido nesse sentido no decorrer desses 13 anos. Ele surgiu para suprir uma necessidade da Unisinos, que não tinha um trabalho voltado para a terceira idade e pensava fazê-lo. Hoje pertencemos à área de Ação Social e Filantropia e temos 18 grupos de atividades de educação permanente. Oferecemos atualização de conhecimentos em geografia, história, português, alemão, inglês, espanhol, tecnologia, aulas de informática e também de atividade física. As pessoas buscam as atividades conforme a sua identificação ou necessidade. Não é um pacote fechado, é um currículo aberto. No início, o Nutti era um núcleo temático de estudo, que se preocupava em refletir sobre as questões relacionadas ao envelhecimento. No entanto, percebemos que não poderíamos avançar nesse grupo de estudos, se não tivéssemos idosos contribuindo com a reflexão sobre esse novo fenômeno mundial e local. As atividades com a comunidade iniciaram em 1995. Este ano completamos 10 anos de atividades sociais, sempre atuando no paradigma da ação, reflexão, ação.

Livro – Meu livro de cabeceira tem sido *A velhice*, de Simone de Beauvoir. É um clássico e sempre que preciso de um suporte vou lá e encontro.

Filme - *O Nome da Rosa*, de Jean-Jacques Annaud.

Horas Livres - Gosto de tocar violão. Toco violão desde a infância. Todo mundo queria aprender a tocar e eu ensinava, tanto que as minhas filhas também tocam. Gosto de tomar chimarrão, hábito que meus pais não tinham e eu adquiri em Mato Grosso. Gosto muito de passear, e de planejar passeios.

Presente – Flores.

Meta – Eu gostaria de poder escolher os caminhos, ter liberdade de optar, por exemplo, pelo lugar para morar depois de me aposentar, de preferência próximo à praia, mais tranquilo.

Unisinos – Adoro trabalhar aqui, sempre gostei. Durante esses anos tenho vibrado e sofrido com as mudanças pelas quais a Universidade vem passando. Reconheço a trajetória dos jesuítas como um suporte importante de caminhos futuros. Não identifico, nas situações momentâneas e contemporâneas, possibilidades de abalar todo o trabalho da instituição. Acredito que a Unisinos tenha condições de ser uma universidade que vai se projetar cada vez mais. Basta não perder a orientação dos princípios filosóficos e pedagógicos dos jesuítas. Esse é o grande diferencial da nossa instituição. Entrei na Unisinos em 1988, como especialista. Toda a continuação da minha trajetória acadêmica com o mestrado, o doutorado, e o próprio trabalho desenvolvido no Nutti, contou com o respaldo da instituição. Isso eu vejo como um componente importante da minha própria satisfação de estar aqui. Me senti acolhida nas situações em que precisei. Isso foi e está sendo decisivo na minha permanência nesta casa.

Instituto Humanitas Unisinos – Acompanhei a constituição do Instituto Humanitas e o vi como um grande diferencial, como um espaço de identificação da própria proposta da Unisinos de uma forma geral. Gosto muito das publicações virtuais e impressas. Acho que elas, junto às demais atividades que o Instituto oferece, como as palestras, oficinas e afins, têm um papel fundamental para a manutenção da nossa identidade acadêmica.